



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUÍS FREIRE DE ANDRADE TROCADO

A SANTA DA ESCURIDÃO

**Uma leitura teológica da noite espiritual de Santa
Teresa de Calcutá**

Dissertação Final de Mestrado Integrado em Teologia

Sob orientação de:

Prof.^a Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa Messias

**Lisboa
2019**

“O meu segredo para o Céu é que amei Jesus na noite.”¹

(Santa Teresa de Calcutá)

¹ “My key to heaven is that I loved Jesus in the night.” (P. MURRAY, *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, Paraclete Press, Brewster, 2017, 52.)

RESUMO

A revelação de que Santa Teresa de Calcutá experimentou uma longa noite espiritual originou uma enorme surpresa em todo o mundo. A verdade é que aquela figura tão alegre, que todos se habituaram a ver e simpatizar, escondia também uma duríssima prova interior. Muitas foram as interpretações que se fizeram ouvir, algumas até acusando Madre Teresa de mentir ao mundo por aparecer como uma mulher de fé quando, na verdade, não o era.

O nosso objetivo e desafio foi o de mergulhar nesta vida ímpar, procurando ler e interpretar as descrições que dispúnhamos da sua noite espiritual. Apenas à luz do mistério de Cristo, podemos descobrir nesta dolorosa experiência a confirmação de uma relação viva e profunda com Deus e uma identificação total com a sua missão. É olhando para a pessoa de Cristo que compreendemos a vida de Madre Teresa. Procuramos também mostrar que, através da noite espiritual de Madre Teresa, Deus é capaz de tocar e iluminar a vida de tantos homens e mulheres que hoje, mais que nunca, se debatem com as suas próprias noites.

PALAVRAS-CHAVE: Teresa de Calcutá, Hans Urs von Balthasar, noite de fé, ausência de Deus, silêncio de Deus, experiência de Deus, fé, ateísmo

ABSTRACT

The revelation that Saint Teresa of Calcutta had experienced a long spiritual night caused a huge surprise all over the world. The truth is that the cheerful figure, who everyone got used to seeing and sympathizing with, was also concealing a very harsh inner test. There were many interpretations that appeared, some even accusing Mother Teresa of lying to the world for appearing as a woman of faith when in fact she was not.

Our goal and challenge was to plunge into this unique life, trying to read and interpret the descriptions we had of her spiritual night. Only in the light of Christ's mystery, we can discover in this painful experience the confirmation of a deep and live relationship with God and a radical identification with her mission. It is by looking at the person of Christ that we understand Mother Teresa's life. We also seek to show that through Mother Teresa's spiritual night, God is able to touch and enlighten the lives of so many men and women who today, more than ever, struggle with their own nights.

KEYWORDS: Teresa of Calcutta, Hans Urs von Balthasar, night of faith, absence of God, silence of God, experience of God, faith, atheism

Abreviaturas

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
AA. VV.	Vários autores
Cf.	Conferir
cit.	Citado
Coord.	Coordenador ou Coordenação
Dir.	Diretor ou Direção
Ed.	Editor ou Edição
in	Em
nº	Número
séc.	Século
vol.	Volume

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de fim do Mestrado Integrado em Teologia, com o título, *A Santa da Escuridão – Uma leitura teológica da noite espiritual de Santa Teresa de Calcutá*, é fruto de uma série de motivações que se foram cruzando e desenvolvendo. O ponto de partida esteve no desejo de ir ao encontro daquilo que nos parecia ser, cada vez mais, uma realidade transversal na experiência espiritual dos crentes contemporâneos: o confronto com o silêncio de Deus, com a Sua ausência, ou com o que poderíamos chamar de noite da fé. Não fomos atestando esse sintoma espiritual a partir da “secretária” ou com o auxílio de muitas leituras. Antes, íamos percebendo que no dia-a-dia, nos ambientes que nos rodeavam, esta era uma questão recorrente. E para alguém que se ia habituando a receber do Mestrado Integrado em Teologia muita luz para o concreto da vida, neste caso, era o concreto de muitas vidas que acabavam por lançar questões difíceis à própria Teologia.

Sim, é verdade que o processo da fé vive de avanços e recuos e a entrada no mistério de Cristo não acontece nem se desenvolve sob o prisma da evidência. Contudo, aquilo que aparenta ser bastante consensual do ponto de vista teórico, parecia-nos ter implicações dramáticas do ponto de vista existencial de quem se esforça por se abeirar do próprio Deus e acaba, tantas vezes, mais envolvido pela obscuridade do que propriamente pela luminosidade. Quem o experimenta tem a sensação de Deus simplesmente não estar presente e, ao limite, não existir. A questão ainda se agudiza mais quando tomamos consciência que muitos são os que abandonam a fé perante um confronto destes. Em suma, referimo-nos a essas fases do percurso crente por vezes tremendas e desorientadoras, que nos podem fazer duvidar, intelectual e afetivamente, da validade do que uma vez nos pareceu uma relação de fé com Deus, credível e sensata.

Havia, portanto, uma vontade de descer ao concreto daquilo que é a “noite” no processo ou itinerário espiritual, não como tema teórico da teologia mas como experiência

existencial de cada crente. Algumas eram as questões que se levantavam: Porque será que Deus não se deixa aceder de forma mais óbvia? O que será que Deus nos quer dizer, o que quer purificar ou revelar nesta Sua ausência e neste Seu silêncio? Como experimentar a noite, a dúvida, a ausência de Deus, a descrença, não como uma contradição à própria fé, mas antes como parte integrante do caminho da fé, sinal de uma configuração com Cristo, estado onde devemos entrar e contemplar? Por outro lado, como assumir esses dinamismos sem que a fé perca uma dimensão “experimental”?

À medida que fomos deixando amadurecer as questões anteriores, uma outra motivação foi, naturalmente, ganhando dimensão: a aproximação ao mundo da não-crença. Fomos compreendendo que os dinamismos espirituais que nos dispúnhamos a analisar poderiam dizer respeito não somente ao crente como também a muitos que acabam por se identificar como não-crentes. Em certo sentido, questionávamo-nos se a fé e o ateísmo não poderiam ser, em alguns casos, dois caminhos diferentes em resposta a uma idêntica experiência espiritual. E se assim fosse, então uma análise em torno da experiência do silêncio de Deus poderia perfeitamente colocar em diálogo a crença e a descrença.

Para além disso, o momento eclesial que nos envolvia parecia-nos motivar neste sentido. O Papa Francisco tal como o Sínodo Diocesano do Patriarcado de Lisboa, decorrido em 2016, apelavam ao “sonho missionário de chegar a todos”² de forma a imprimir uma transformação pastoral que colocasse a Igreja em estado permanente de “saída”. Em muitas outras alturas, e repetidas vezes, este Papa também tem pedido que os cristãos sejam construtores de pontes e não de muros, de maneira a que as diferenças não sejam obstáculo a uma cultura do encontro.³ Ora, com este trabalho de investigação, também sentimos que seria uma boa maneira de arriscar esse encontro harmonioso entre a fé e o ateísmo. Não que nos parecesse que a experiência da ausência de Deus e o ateísmo fossem a mesma coisa, ou que

² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 31 in *AAS* 105 (Decembris 2013) 1033.

³ Recentemente, nas Jornadas Mundiais da Juventude no Panamá, o Papa referiu-se a isto mesmo: Cf. FRANCISCO, *Discurso na Cerimónia de Acolhimento e Abertura da JMJ Panamá*, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190124_panama-apertura-gmg.html, acesso em 28 de Agosto de 2019.

um levasse necessariamente ao outro, mas intuíamos que, pelo menos em alguns casos, as duas realidades tinham uma ligação profunda.

Não sabíamos os frutos que daí colheríamos mas pressentíamos que, por um lado, uma maior familiaridade com as noites da fé pudessem torná-las um tesouro único de diálogo e evangelização e, por outro, uma saída ao encontro da descrença pudesse trazer novos dados para a compreender ainda melhor e em profundidade a própria experiência crente. No limite, viríamos a descobrir que não se tratam de realidades assim tão opostas.

Contudo, diante das interpelações em aberto, faltava-nos algo ou alguém que lhes pudessem dar maior unidade na forma de as trabalharmos e, ao mesmo tempo, imprimisse na investigação uma dimensão mais existencial. Nesse sentido, quis a Providência que viesse ao nosso encontro Madre Teresa de Calcutá. Já tínhamos ensaiado várias hipóteses para a estrutura da nossa investigação, inclusive a inclusão de outros nomes que marcaram a Teologia Espiritual pelas experiências que tiveram da noite espiritual, mas após uma viagem que tivemos a graça de realizar à cidade de Calcutá impôs-se, quase como um chamamento, que nos centrássemos nesta santa que dedicou a sua vida aos mais pobres dos pobres daquela cidade. De facto, a profundidade dos relatos da sua escuridão espiritual e a atualidade dos mesmos tornavam-na como que ideal para traçar o caminho da nossa dissertação. Por isso mesmo, decidimos que, para a nossa investigação, partiríamos do concreto da sua vida e experiência espiritual, em especial os seus anos de escuridão espiritual. Esse seria o nosso foco primordial.

No entanto, não iríamos deixar cair as interpelações que já nos iam acompanhando. Uma vez entrando no específico da noite de Madre Teresa, procurando compreendê-la e interpretá-la, teríamos posteriormente uma base sólida para analisar algumas das questões mais gerais acima referidas. Sim, tínhamos consciência de que com esta abordagem porventura não conseguíssemos analisar totalmente a fundo tudo o que envolve a noite espiritual no âmbito da Teologia Espiritual. E isto não apenas pelo facto da estrutura do

trabalho não o permitir mas porque a experiência espiritual de alguém e concretamente a noite de Madre Teresa é sempre algo único, irrepetível, pois Deus nunca se repete. O mesmo nos relembra Luís Rocha e Melo: “Quando tentamos formalizar as coisas e dar-lhes uma estrutura, uma vez que existem componentes comuns na espiritualidade, não podemos de modo algum estar a querer encaixar tudo aquilo que cada um vive na oração. Cada um é cada um, o caminho de cada um é irrepetível e a pedagogia de Deus também o é.”⁴

Ainda assim, se as noites são uma modalidade válida e fundamental do percurso espiritual que quase todos os orantes, e sobretudo os grandes orantes, atravessam, então certamente essas suas experiências nos oferecerão algumas “luzes” de forma a torná-las mais inteligíveis para o Homem de hoje. E essa é a meta fundamental desta dissertação, a fecundidade na vida daqueles que a poderão vir a ler. É claro que esta investigação tem o objetivo de apresentar e interpretar a noite espiritual de Madre Teresa de Calcutá. Mas, também desejamos que este trabalho académico alcance a existência dos leitores. Que ao aproximarem-se da experiência de Madre Teresa possam descobrir maior sentido para as suas próprias noites e, assim, nesses momentos difíceis, permanecerem na relação com Deus, em direção a uma fé mais madura.

No momento de definir a estrutura para a nossa dissertação decidimos dividi-la em quatro capítulos. No primeiro capítulo analisámos a vida, o contexto e a obra de Madre Teresa de Calcutá, numa espécie de síntese biográfica. Este não se trata de um passo menor do nosso trabalho. A experiência noturna aconteceu nesta vida concreta e, como tal, apenas olhando para o todo da sua vida e para os fatores que integraram o seu processo de crescimento, poderemos compreender a fundo qualquer realidade que venha a surgir num plano espiritual.

No segundo capítulo, como que num paralelo da sua biografia, procurámos traçar o itinerário espiritual de Madre Teresa. Acima de tudo, quisemos expor momentos significativos que moldaram a sua espiritualidade e que demonstram a sua progressão na

⁴ L. Rocha e MELO, *Na Pausa do Silêncio – Testamento espiritual, II*, Tenacitas, Coimbra, 2011, 163.

relação com Deus. É claro que demos muita importância na apresentação da sua experiência de noite espiritual mas a estrutura do capítulo também foi desenhada para mostrar o enorme contraste e descontinuidade que Madre Teresa sentiu na sua vida espiritual, passado da vivência de anos de imensa luz para anos de total escuridão. Ao longo do capítulo, de acordo com o que a própria Madre Teresa ia relatando do seu próprio entendimento e com o testemunho de quem a acompanhava espiritualmente, acabamos por expor uma primeira interpretação teológica, exploratória, para aquilo que foi vivendo nesses anos difíceis.

No terceiro capítulo prosseguimos na tentativa de uma maior interpretação teológica para a noite de Madre Teresa. Incluímos neste capítulo o contributo de Hans Urs von Balthasar. Pareceu-nos ser o autor indicado para alargar a análise que pretendíamos pois a sua teologia permitir-nos-ia, acima de tudo, ligar a experiência de Madre Teresa com o Mistério de Cristo e deixar fundamentada, do ponto de vista teológico, a experiência da ausência de Deus. Das pesquisas bibliográficas que fomos realizando não chegámos a encontrar este cruzamento tão assumido entre Madre Teresa e Balthasar. Nesse sentido, este poderá ser o capítulo que imprime maior novidade no tratamento da vida de Madre Teresa e em toda a nossa investigação.

Por último, no quarto capítulo, numa abordagem que colocou em diálogo a Teologia Espiritual com a Teologia Fundamental, quisemos mostrar que a noite de Madre Teresa pode ser profundamente fecunda e iluminadora para o mundo atual. Nesse sentido, procurámos estabelecer uma ligação entre a experiência vivida por Madre Teresa e a experiência de tantas pessoas na contemporaneidade, crentes e descrentes, que também se debatem com um certo silêncio ou ausência de Deus. Os primeiros batalham com essa realidade procurando manter intacta a sua fé e os segundos veem nessa realidade algum fundamento para a sua descrença. No último segmento do capítulo ensaiámos algumas abordagens para uma redescoberta da proximidade de Deus de maneira a defender que, apesar da veracidade das experiências do silêncio de Deus, isso não derruba o facto de que “experimental” Deus é algo não só possível

como fundamental. Terminamos assim o capítulo com essa nota de esperança.

Resta-nos apenas dar conta de alguns elementos metodológicos. Nem sempre nos foi possível aceder a fontes somente de língua portuguesa e, como tal, no momento de as citar optámos, por nossa inteira responsabilidade, traduzi-las para português no corpo do texto, deixando o seu original em nota de rodapé. Também por opção nossa, referimo-nos maioritariamente a Santa Teresa de Calcutá como Madre Teresa de Calcutá. Essa escolha não acontece por falta de reconhecimento da sua santidade mas apenas por ser a forma mais habitual com que é referida e reconhecida pelas pessoas em geral. Finalmente, lembramos que pelo facto de a presente dissertação ser de conclusão de Mestrado, o leitor não estará diante de um trabalho exaustivo e minucioso. Tratou-se de um trabalho sério, sim, mas assumidamente de síntese teológica. Contudo, fazemos votos de que a leitura do mesmo e aproximação à espantosa vida de Santa Teresa de Calcutá possa trazer um novo brilho à vida de cada leitor e um maior amor a Jesus, à Sua Igreja e aos mais pobres dos pobres.

CAPÍTULO I

A VIDA DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Agnes Gonxha Bojaxhiu nasceu no dia 26 de Agosto de 1910⁵ em Skopje⁶, pequena cidade nos Balcãs, então disputada entre a Albânia, o mundo islâmico e o eslavo, uma concentração de inúmeras etnias, tribos, religiões e tensões políticas. É misterioso como o nome de “Gonxha” que, em albanês, significa “rebento”, revelava, já em si, uma grande verdade. Nesta pequena menina estava a promessa de uma vida grande e fecunda, alguém que viria a marcar para sempre a história mundial. Falamos de Madre Teresa de Calcutá⁷, nome pelo qual, mais tarde, Agnes será reconhecida em todo o planeta.⁸

1. A infância e a vocação religiosa

Era a filha mais nova de Nikolle Bojaxhiu e Drana Bernai, casal albanês que, apesar de rodeados por muçulmanos e ortodoxos, assumiam-se membros de uma minoria, como católicos fervorosos⁹. E assim, juntamente com o seu irmão Lazar, nascido em 1904, e a sua

⁵ Alguns autores referem, erradamente, a data do seu batismo – 27 de Agosto de 1910 – como sendo a data do seu nascimento. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, Paulus Editora, Apelação, 2002, nota de rodapé 2, 7.)

⁶ Skopje era a capital da província do Kosovo, do Império Otomano. Tinha, por essa altura, uma população com cerca de 20 000 habitantes, na sua maioria muçulmanos. Em 1912 obteve a sua independência como capital da república albanesa da Macedónia. Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) Skopje passou a fazer parte da antiga Jugoslávia. Hoje é capital da Macedónia. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, nota de rodapé 4, 8; Cf. J. C. ALMEIDA, *O Milagre de Teresa*, Planeta Manuscrito, Lisboa, 2016, 17.)

⁷ Para um maior aprofundamento da vida de Madre Teresa consultar também: Cf. L. GJERGJI, *Madre Teresa: Prima biografia completa*, Editoriale Jaca Book, Milão, 1983; Cf. J. DOS SANTOS, *Madre Teresa de Calcutá*, Editorial Missões Cucujães, Cucujães, 1995; Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa dos pobres mais pobres*, Edições Paulistas, Lisboa, 1983; Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, Editorial Franciscana, Braga, 2003; Cf. L. MAASBURG, *Fioretti de Mère Teresa*, Éditions de L’Emmanuel, Paris, 2010; Cf. M. MUGGERIDGE, *Something Beautiful for God*, HarperCollins Publishers, Noida, 2009; Cf. S. GAETA, *Madre Teresa – Il segreto della santità*, Edizioni San Paolo, Milano, 2016.

⁸ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, Editorial A. O., Braga, 2016, 17.

⁹ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, Fundação AIS, Lisboa, 2010, 126.

irmã Aga¹⁰, nascida em 1907¹¹, formavam a família Bojaxhiu¹².

O seu pai, também conhecido por Kolle, era um comerciante bem-sucedido, garantindo com isso um enorme conforto económico para a família.¹³ Inicialmente, o seu negócio concentrava-se no mercado dos remédios mas, mais tarde, apoiado por um sócio italiano, passou a gerir um armazém de materiais de construção¹⁴. Empreendedor nato, ainda alargou o seu trabalho para o campo dos tecidos, das peles e produtos alimentares.¹⁵ Esta sua atividade profissional obrigava-o a viajar com frequência, não só pelo país, mas também pelo estrangeiro. Ainda assim, este bom marido e pai exemplar nunca regressava dessas viagens sem um presente para Drana e os seus filhos, e muito menos, para deleite de todos, sem histórias novas para contar. Quando voltava, fazia também questão de questionar os filhos de como se tinham comportado na escola e com a mãe. Nikolle era um homem ativo. Para além dos negócios, tocava música na banda municipal e empenhava-se na política.¹⁶ Era vereador da câmara de Skopje¹⁷ e defensor da causa nacionalista albanesa¹⁸, movimento que lutava pela libertação das potências estrangeiras. Muitas vezes, abria as portas de sua casa para lá acontecerem as usuais reuniões patrióticas.¹⁹

Drana vivia como dona de casa e era-lhe reconhecida uma personalidade forte.²⁰ Se o seu marido se tinha apaixonado pela política, para a Senhora Bernai o grande interesse estava na religião.²¹ Destacava-se, fundamentalmente, como mãe e esposa. Em alguns testemunhos, a futura Madre Teresa haveria de recordar a sua mãe como uma santa mulher, sempre

¹⁰ Nikolle e Drana já tinham tido duas filhas antes do nascimento de Lazar. Ambas faleceram pouco tempo depois de nascerem. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 8.)

¹¹ Nem todas as obras coincidem nas idades dos irmãos de Agnes. Optámos por assumir os anos de nascimento acima referidos. (Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, Paulinas, Prior Velho, 2005, 46.)

¹² A tradução, para língua portuguesa, dos nomes próprios da família Bojaxhiu difere em várias obras. Optámos pela tradução acima utilizada. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 8.)

¹³ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 22.

¹⁴ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 22.

¹⁵ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 46.

¹⁶ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 22-23.

¹⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 8.

¹⁸ Cf. J. C. ALMEIDA, *O Milagre de Teresa*, 17.

¹⁹ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 46.

²⁰ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 46.

²¹ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 12.

preocupada em educar os filhos numa união ao amor de Jesus e no amor ao próximo.²² Por outro lado, Madre Teresa também nunca esqueceu o carinho que testemunhou da sua mãe pelo seu pai:

“A minha mãe estava todo o dia muito ocupada. No entanto, quando se aproximava o entardecer, acelerava o ritmo da sua atividade, a fim de estar preparada para acolher o meu pai. [...] Como era grande e delicado o amor que lhe tinha.”²³

No seio desta família dava-se muita importância à dimensão religiosa. Todos os anos participavam, tal como muitos cristãos de Skopje, numa peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Letnice, nas montanhas de Montenegro. Para além do clima daquela colina ser bom para a saúde de Gonxha²⁴, aquela era uma experiência espiritual de tal forma marcante que mais tarde testemunhará que foi a Senhora de Letnice a responsável por compreender o seu chamamento à vida religiosa.²⁵ Pelo facto de a única escola existente em Skopje ser aconfessional, outro espaço muito frequentado por Gonxha e toda a família era a paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a única católica existente na cidade. Aí, Gonxha era membro ativo da Congregação Mariana²⁶ e, juntamente com Aga, participava no coro paroquial como solista. A paróquia estava a cargo dos jesuítas, sendo o seu reitor amigo da família, o padre Franjo Jambrekovich.²⁷ Todas as noites, a mãe Drana reunia os filhos para rezar e, no mês de Maio, levava-os diariamente à igreja para a oração do rosário e a bênção eucarística.²⁸

Contudo, a grande expressão religiosa desta família de Skopje acontecia através da caridade para com os mais pobres. Nikolle era considerado um homem generoso, que repartia

²² Cf. P. ARRIBAS SÁNCHEZ, *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, Editorial Lumen, Alpiarça, 1997, 18.

²³ “My mother used to be very busy the whole day, but as soon as the evening came, she moved very quickly to get ready to meet my father. [...] What a tremendous, delicate love she had for him.” (MOTHER TERESA, *My life for the Poor*, Ballantine, New York, 1984, 4 cit. in K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, Franciscan Media, Cincinnati, 2016, 1.)

²⁴ Durante a infância, o estado de saúde de Gonxha era frágil. Cf. P. ARRIBAS SÁNCHEZ, *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, 20.

²⁵ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 46-47.

²⁶ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 126.

²⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 14.

²⁸ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 13.

dinheiro e comida com quem mais precisava, e fazia questão de que os seus filhos fossem formados nesse cuidado por quem nada tem. Consta mesmo que lhes costumava ensinar repetidamente que nunca levassem nada à boca que não estivessem dispostos a partilhar com quem tivesse fome.²⁹ Para Drana, qualquer pobre era considerado como um membro da família e merecedor de que com ele se repartisse o que havia para comer, e muitos eram os que batiam à porta desta casa. Aliás, era mais que habitual encontrar-se, à hora das refeições, alguém necessitado sentado à mesa com os Bojaxhiu.³⁰ Muitas vezes, a pequena Gonxha acompanhava a sua mãe nas visitas regulares que fazia a moradores dos bairros pobres de Skopje, e assim, sem o saber, ia crescendo em si a compaixão e a generosidade pelos que viviam na pobreza.³¹

Não há dúvida que neste lar de Skopje se experimentava um ambiente familiar fora do comum. Anos mais tarde, a já Teresa de Calcutá descrevia assim esse clima em que viviam: “Éramos uma família muito unida e feliz.”³² Isso ajuda-nos a entrever o drama que terá sido para toda a família a morte inesperada de Nikolle. Gonxha tinha apenas nove anos. O seu pai participava num congresso político e teve de regressar numa ambulância por estar a sofrer fortes espasmos gástricos. A situação foi piorando até ser internado e submetido a uma intervenção cirúrgica. Acabaria por morrer na sala de operações.³³ Toda a população de Skopje compareceu ao funeral, demonstrando como este era um homem muito estimado por todos. De qualquer forma, a sequência de eventos tão súbita e misteriosa fez com que se nunca dissipasse a suspeita de que Kalle haveria sido envenenado por parte dos seus inimigos políticos.³⁴

A verdade é que estes acontecimentos fatídicos resultaram na ausência repentina de

²⁹ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 10-11.

³⁰ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 25-26.

³¹ Era costume Drana visitar Gazuri, uma idosa de 70 anos abandonada pelo filho numa barraca miserável, File, uma alcoólica que nem se conseguia levantar sozinha, e uma viúva que vivia com sete filhos, entre outros. (Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 18.)

³² “We were a very united and happy family.” (MOTHER TERESA, *No greater love*, MJF, New York, 1997, 54 cit. in K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 1.)

³³ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 9.

³⁴ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 23-24.

um marido e pai, ficando a viúva Drana a cuidar dos três filhos de pouca idade. Para além do golpe afetivo que significou, lançou a família em sérias dificuldades económicas.³⁵ Mesmo assim, diante das adversidades, a mãe de Agnes não baixou os braços, demonstrando uma força extraordinária por amor dos três filhos. Teve de se lançar numa atividade comercial completamente nova, vendendo tapetes e produtos de artesanato, bordando e confeccionando vestidos, e ainda lavava roupa e passava a ferro. Tudo fazia com determinação, assegurando aos filhos comida e roupa, casa quente e livros da escola.³⁶ Desdobrando-se de forma heroica no papel de pai e de mãe, Drana conseguiu garantir não apenas o conforto material mas acima de tudo uma formação sólida em termos humanos e espirituais.³⁷

É verdade que depois da morte de Kollé muita coisa mudou na vida desta família, mas mesmo diante de inúmeras dificuldades, Drana nunca pôs de parte o seu amor pelos pobres, que continuou a encontrar tempo para visitar e acolher. Gonxha experimenta a dor pela perda do pai, mas testemunha também a forma como a sua mãe reage a tudo. As suas perceções vão ganhando novos dinamismos. Agora que já não há tanta comida na mesa e as roupas são menos elegantes, vai-se sentido ainda mais próxima dos pobres, esses mesmo que a sua mãe continuava a dar comida, a vestir, a cuidar. Tudo ia assimilando, e aprendendo o verdadeiro significado da caridade. Se antes da morte do seu pai já costumava dar aos que menos tinham, agora sabe que essa oferta já implica um sacrifício pessoal, o privar-se de algo precioso para o bem de alguém.³⁸

A ideia de partir de Skopje, como missionária, para países remotos, mais concretamente a Índia, foi algo que foi crescendo na pequena Agnes. Gostava muito de ler e o que mais lhe empolgava eram as cartas e relatos de missionários. O seu pároco, Padre Jambrenkovich, costumava falar frequentemente aos jovens acerca das missões e, se porventura calhava estar algum missionário de passagem, não perdia a oportunidade de o

³⁵ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 8-10.

³⁶ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 35-36.

³⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 24.

³⁸ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 36-37.

convidar para falar na paróquia acerca das suas jornadas³⁹. Para além disso, difundia pela comunidade uma revista de missões – *Katolicke Misije* – publicada pela Província Eslava da Companhia de Jesus. Gonxha devorava essas linhas. Era apaixonante ouvir os missionários⁴⁰ contarem as suas aventuras em países exóticos e distantes como a Índia⁴¹. A juntar a estas circunstâncias favoráveis, também o pontificado do Papa Pio XI (1922-1939) foi importante. O seu lema era a “propagação do Reino de Cristo”, e como tal, imprimia no ambiente eclesial uma certa vaga missionária.⁴²

A verdade é que foi neste contexto, eclesial e familiar, e a partir de pouca idade, que Madre Teresa percebeu que Deus a chamava:

“Nessa altura tinha apenas doze anos. Foi então, em 1922, que percebi pela primeira vez que tinha vocação para os pobres. Queria ser missionária, queria ir dar a vida de Cristo às pessoas que viviam nos países de missão. No início, entre os doze e os dezoito anos, não queria ser freira. Éramos uma família muito feliz.”⁴³

Este apelo misterioso surgia numa idade ainda demasiado baixa para se assumir um compromisso para toda a vida. Mas a semente estava lançada e a decisão de deixar a sua casa para se tornar freira foi-se consolidando durante seis anos. Tudo acontecia a partir da profunda relação que mantinha com Jesus, o seu primeiro e grande amor.⁴⁴ Uma particular iluminação parece ter acontecido numa daquelas peregrinações a Nossa Senhora de Letnice.

³⁹ Aconteceu, uma das vezes, um jesuíta estender na parede da igreja um mapa que assinalava todas as regiões de missão. Esse gesto terá marcado a pequena jovem. Mais tarde, todos ficariam surpreendidos com o enorme conhecimento que Madre Teresa tinha por cada centro de missionação, da sua situação geográfica e da actividade que cada um desempenhava. (Cf. P. ARRIBAS SÁNCHEZ, *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, 19.)

⁴⁰ Eram frequentes os relatos da missão na Índia por parte de um Jesuíta, natural de Skopje. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 27.)

⁴¹ Alguns desses relatos, escritos pelos Missionários da Índia, terão chegado às mãos de Madre Teresa. Poderá ter sido o caso deste: “Depois da monção, os rios transbordaram. A água arrastava serpentes e vacas, e cadáveres às dezenas juntamente com feridos agarrados aos troncos. [...] Conseguimos salvar alguns. Agora ocupamo-nos dos sobreviventes, como podemos, porque somos poucos.” (Relato de um Missionário cit. in F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 47.)

⁴² Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 15.

⁴³ Da Madre Teresa para Malcolm Muggeridge. M. MUGGERIDGE, *Something Beautiful for God*, Harper & Row, Nova Iorque, Evanston, São Francisco, Londres, 1971, 84 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, Alêtheia Editores, Lisboa, 2008., 34.

⁴⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 34.

Festejava-se a Assunção, o dia da sua festividade, 15 de Agosto de 1927, e Madre Teresa haveria de o recordar assim: “Estava eu a rezar com uma vela acesa nas mãos e a cantar, com o coração a transbordar de alegria, quando decidi consagrar-me inteiramente a Deus numa vida religiosa.”⁴⁵

Tudo parece ter concorrido para este momento: o exemplo de caridade da sua família, particularmente o cuidado incansável da mãe Drana com os pobres; a consciência da dor humana, aquando a morte do pai Nikolle; os dias que teve de trabalhar para sobreviver, contando com todas as novas privações; o descobrir a dedicação dos missionários e o nascer do desejo de ser como eles e, finalmente, o momento de decidir ser freira.⁴⁶

Apesar da alegria que sentia, não foi tarefa fácil comunicá-la à sua mãe. Drana não pôde evitar uma intensa dor por vir a perder a proximidade da sua filha.⁴⁷ Mas depois de muita oração terá dito à sua filha: “Dá-Lhe a mão, e vai sozinha com Ele. Segue em frente porque, se olhares para trás, voltas para trás.”⁴⁸ Este apelo da sua mãe a entregar-se toda a Deus e aos pobres nunca haveria de largar o coração de Gonxha. Foi aconselhada pelo seu Pároco a ingressar as Irmãs de Nossa Senhora do Loreto, congregação de origem irlandesa, que se dedicava especialmente ao ensino e às missões.⁴⁹ Ao mesmo tempo, como em Gonxha permanecia o fascínio pela Índia, e pelo facto de estas religiosas possuírem lá actividade missionária, poderia ser que as coisas se conjugassem.⁵⁰

⁴⁵ “I was praying with a lighted candle in my hands and singing in my heart, full of joy inside, when I took the decision to wholly devote myself to God through religious life.” (MOTHER TERESA, *My life for the Poor*, 2 cit. in K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 4.)

⁴⁶ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 60.

⁴⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 30.

⁴⁸ Instruções da Madre Teresa às irmãs, 24 de Maio de 1984. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 33.

⁴⁹ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 30.

⁵⁰ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 21.

2. Índia: nova pátria

Em 1928, já com 18 anos realizados, Gonxha deixou para trás a família⁵¹, o país, a língua, os costumes, e foi primeiramente enviada para Loreto Abbey, em Rathfarnham, Dublin, onde teve de aprender inglês.⁵² Só voltaria a Skopje 40 anos mais tarde.⁵³ Passados poucos meses, a sua superiora percebeu que seria conveniente para Gonxha fazer o noviciado, período de dois anos de iniciação à vida religiosa, no país onde se sentia tão chamada, a longínqua Índia.⁵⁴ Viajaria até Calcutá e ficaria lá alguns dias na Loreto House. Depois, faria 600 quilómetros até finalmente se instalar no Convento de Darjeeling, situado a 2000 metros de altitude, aos pés dos Himalaias.⁵⁵

E assim, no dia 1 de Dezembro de 1928, embarcou no cargueiro *Marcha* rumo à sua nova pátria. Durante a viagem, Gonxha foi registando por escrito aquilo que ia vendo nas várias paragens, sendo que algumas dessas crónicas chegaram a ser enviadas para a revista que tanto ajudou a estar onde agora estava, a *Katolicke Misije*. Nesses registos encontramos o choque por encontrar tanta pobreza, multidões que percorriam os muros das cidades e apinhavam as praças, muitos que andavam praticamente nus. Viviam dia e noite ao ar livre, instalando-se em cima de esteiras que faziam com folhas de palmeira, ou mesmo no chão frio.⁵⁶ Também o cenário de homens a arrastar pequenos carrinhos⁵⁷, como se fossem cavalos, levou Gonxha a sentir essa realidade como uma enorme crueldade.⁵⁸

A 6 de Janeiro de 1929, depois de uma viagem de cinco semanas, a futura Madre Teresa chegava, pela primeira vez, a Calcutá, cidade que haveria de ficar para sempre unida

⁵¹ Nessa altura, Lazar não estava presente por estar na Academia Militar. A mãe Drana e a irmã Aga ainda acompanharam Gonxha até Zagreb. Depois de se despedirem nunca mais voltariam a ver-se. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 23-25.)

⁵² Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, Editorial A. O. e Edições Loyola, Braga, São Paulo, 1984, 15.

⁵³ Cf. P. ARRIBAS SÁNCHEZ, *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, 21.

⁵⁴ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 126.

⁵⁵ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 58.

⁵⁶ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 48.

⁵⁷ Algo típico na realidade indiana e têm o nome de *rickshaws* (táxis humanos).

⁵⁸ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 36.

ao seu nome. Pouco depois, já em Darjeeling, iniciou o noviciado e no dia 25 de Março de 1931, professou os primeiros votos.⁵⁹ Na mesma celebração, renunciou o nome de Gonxha para tomar o nome de Teresa, em atenção a Santa Teresa do Menino Jesus; padroeira dos missionários e que lutou pela perfeição através das tarefas mais humildes. Em Darjeeling, vivia diante de um cenário majestoso dos Himalaias. Como tal, Teresa pouco ou nada terá visto da pobreza que esperara, mas isso nunca foi razão para duvidar da sua vocação como religiosa.⁶⁰

Completado o noviciado, a irmã Teresa foi enviada para a comunidade do Loreto, em Calcutá, e foi nomeada professora de uma escola para meninas, a St. Mary's Bengali Medium School.⁶¹ Era uma escola onde as alunas bengalis podiam aprender na própria língua e onde a jovem freira ensinou História e Geografia durante 17 anos. Mais tarde, veio mesmo a tornar-se a diretora do colégio.⁶² Isso não aconteceu por acaso. A irmã Teresa demonstrava uma grande felicidade no facto de poder lecionar. Fazia-o com grande talento e era muito estimada pelas suas alunas e superiores.⁶³ Viam nela uma pessoa alegre e cheia de sentido de humor. Ria-se muito quando ouvia uma boa piada e perante as dificuldades encorajava muito as outras irmãs a ficarem tranquilas. Muito determinada nas suas ideias e projetos, aprendeu com facilidade a língua hindi e a bengali.⁶⁴ Entretanto, no dia 24 de Maio de 1937, a irmã Teresa proferiu os seus últimos votos, entregando-se a Jesus num amor esponsal para toda a vida. Seguindo o costume da congregação, a irmã passaria a ser tratada por “Madre Teresa”.⁶⁵

Conhecida por Loreto Entally, a comunidade onde Madre Teresa estava instalada, era uma grande quinta isolada, garantindo assim a privacidade das freiras. Nela existiam dois colégios, um para meninas dos subúrbios e totalmente gratuito, e outro, aquele que Teresa

⁵⁹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 37.

⁶⁰ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 17-18.

⁶¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 38.

⁶² Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 18.

⁶³ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 37.

⁶⁴ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 58.

⁶⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 43.

lecionava, para meninas da burguesia bengali e colonial.⁶⁶ Apesar de viver assim, rodeada de um oásis de edifícios bem conservados e jardins bem arranjados, a pobreza que se encontrava para lá dos muros não deixou de alcançar Teresa. Algumas das meninas que acompanhava visitavam regularmente os doentes do hospital Niltratan Sackar e o bairro pobre de Motijhil e os seus relatos impressionavam-na muito. Mais ainda, a janela do seu quarto do Convento abria-se exatamente para a vastidão da pobreza excessiva e esquecida desse mesmo bairro de Motijhil.⁶⁷ Não havia limites para aquela miséria humana que fazia fronteira e contrastava com a paz do Convento. Eram adultos e crianças com chagas por todo o corpo, pessoas destruídas pela febre, pessoas que apenas conheciam o chão, pais que abandonavam pela rua os filhos recém-nascidos.⁶⁸ Um bairro de famintos, de crianças esqueléticas, de velhos moribundos completamente abandonados e perdidos pelas ruas.⁶⁹ Até vítimas de lepra ali se encontravam, na maior parte das vezes expulsas de casa ou mesmo convidadas pelas próprias famílias a suicidarem-se.⁷⁰

No seu coração, Madre Teresa intuía bem o que lhe competia, ainda que não soubesse como lá chegar.⁷¹ Contudo, e apesar de não ser algo comum para uma freira do Loreto, Madre Teresa visitava todos os domingos os pobres dos bairros de lata, algo que a deixava profundamente abalada com o que via mas plenamente feliz pelo que realizava por esses mais abandonados.⁷²

Nesse período, a situação em Calcutá viria a tornar-se ainda mais inaceitável. Viviam-se tempos políticos na Índia de grande complexidade e com grandes consequências para a vida dos seus habitantes. O seu envolvimento na II Guerra Mundial criou algumas desordens que vieram também influenciar a vida da comunidade do Loreto. O Exército Britânico acabou por requisitar St. Mary's School como hospital militar e, como tal, as freiras e alunas tiveram

⁶⁶ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 37.

⁶⁷ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 18.

⁶⁸ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 70.

⁶⁹ Cf. P. ARRIBAS SÁNCHEZ, *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, 23.

⁷⁰ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 19.

⁷¹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 18.

⁷² Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 46.

de abandonar Calcutá. Apenas regressariam para o Convento em 1946. Durante este tempo, muitas das questões práticas do colégio recaíram sobre Madre Teresa. A somar a esta carga excessiva, Madre Teresa chegou a estar gravemente doente, não se sabendo se recuperaria daí. Durante os anos de 1942 e 1943, instalou-se em Bengala uma grande fome que tirou a vida a sensivelmente dois milhões de pessoas. Conta-se que, um dia, acabando a comida no Convento, Madre Teresa saiu de forma determinada para a rua na busca de resolver a situação. Horas mais tarde, já a despensa se encontrava com todo o tipo de legumes.⁷³

Em 1946, Calcutá transforma-se num centro de inúmeros contrastes e conflitos, terreno fértil para uma dramática perda de controlo. Por um lado, encontramos as revoltas pela independência face ao Império Britânico e, por outro, explosões de ódio entre hindus e muçulmanos que começavam a ganhar escala. Tudo isto a acontecer em simultâneo. É também por esta altura que Mahatma Gandhi, desejando uma reivindicação não violenta, organiza espetaculares greves de fome, única arma política de um povo indefeso contra as espingardas britânicas.⁷⁴

No seio da fração muçulmana crescia o desejo de fazer da Índia um grande Estado islâmico e, no dia 16 de Agosto de 1946, Calcutá transformou-se num verdadeiro campo de batalha. A Liga Muçulmana decretou o “dia da ação direta”, convidando os crentes do Islão a demonstrarem a sua força contra hindus e ingleses. E assim começou o que hoje a história recorda como o “grande massacre de Calcutá”. Muçulmanos espalharam-se por todo o lado levando a morte e o caos consigo. Todos os hindus que encontravam eram trucidados, os cadáveres iam-se amontoando e as frágeis habitações e estabelecimentos eram incendiados. O “contra-ataque”, por parte dos hindus, tornou a situação ainda mais dramática. Só naquele dia contaram-se mais de seis mil mortos.⁷⁵ Toda a atividade da cidade, incluindo a provisão de alimentos, foi suspensa. Ainda que em segurança, é claro que os ecos de tão grande distúrbio

⁷³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 53-55.

⁷⁴ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 59.

⁷⁵ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 73-75.

chegaram ao interior do Convento do Loreto. Uma das consequências diretas foi a escassez de alimentos para a comunidade e, mesmo havendo ordem para não se sair à rua, Madre Teresa não cruzou os braços perante tais necessidades.⁷⁶ Decidiu, por isso, abandonar a segurança dos muros:

“Foi então que comecei a ver os corpos abandonados nas ruas, esfaqueados, espancados, jazendo em estranhas posições, mergulhados no sangue que deles havia jorrado, já seco. [...] Só quando saí para as ruas é que vi a morte que os perseguia. Uma carrinha cheia de soldados mandou-me parar e disse-me que [...] ninguém devia andar nas ruas [...]. Eu respondi-lhes que tinha precisado de sair, de correr esse risco, porque tinha comigo trezentas estudantes que não tinham nada para comer. Os soldados tinham arroz, de maneira que me levaram de carro para a escola e descarregaram sacos de arroz.”⁷⁷

A independência da Índia deu-se no dia 15 de Agosto, à meia-noite, do ano 1947. Mas esse acontecimento, que punha termo ao Império Britânico das Índias e fazia nascer a maior democracia do mundo, não se deu sem um acontecimento nefasto: a *partition*. Significou a divisão em dois Estados, o Paquistão de maioria muçulmana, e a Índia de maioria hindu. Estamos a falar da deslocação, nos dois sentidos, de populações das duas crenças, deslocação essa que aconteceu num cenário de caos, massacres, violências, etc.⁷⁸

Neste curto espaço de tempo, a Índia viria a sofrer mais uma dor profunda. A 30 de Janeiro de 1948, a caminho de um encontro de oração, Gandhi foi assassinado com três tiros de pistola. O responsável pertencia a um grupo hindu que acusava Gandhi de, entre outras coisas, não ter sido capaz de evitar a *partition*, com todos os horrores que daí resultaram. Também não era do agrado a sua constante insistência numa sã convivência entre hindus e muçulmanos pois, para este grupo, tal não concorria para a unificação da Índia. Contudo a questão da morte de Gandhi, dos seus agentes e causas, é demasiado complexa para nos

⁷⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 55.

⁷⁷ Testemunho de Madre Teresa. E. EGAN, *Such a Vision of the Street: Mother Teresa – The Spirit and the Work*, Image Doubleday, Nova Iorque, 1985, 24 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 55-56.

⁷⁸ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 60-61.

determos em demasia⁷⁹. Mas uma coisa é certa, perdia a vida o maior exemplo da espiritualidade indiana, que tanto lutou pela independência indiana, pela defesa dos intocáveis – grau ínfimo e desprezado no sistema das castas – e pela defesa da tolerância dos seguidores das várias crenças.⁸⁰

3. O chamamento dentro do chamamento

A verdade é que foi durante este conturbado período da história indiana que algo de muito profundo foi acontecendo com Madre Teresa. Logo após o conflito hindu-muçulmano, em Setembro de 1946, e já com trinta e seis anos, dirigiu-se para o Convento de Darjeeling, a fim de fazer o seu retiro anual e tirar alguns dias de repouso que tanto precisava. Durante a viagem de comboio, no dia 10, foi surpreendida por um decisivo encontro místico com Cristo. Mais tarde, este dia viria a ser recordado como o “Dia da Inspiração” e considerado, por Madre Teresa, como o verdadeiro começo das Missionárias da Caridade.⁸¹ Diz-nos ela:

“ [Tratou-se] de um chamamento no interior da minha vocação. Tratou-se de um segundo chamamento. Era uma vocação para abandonar Loreto, onde me sentia muito feliz, e ir para as ruas servir os mais pobres de entre os pobres. Foi naquele comboio que ouvi um chamamento para abandonar tudo e O seguir para os bairros de lata – para O servir nos mais pobres de entre os pobres. [...] Percebi que era a Sua vontade e que tinha de O seguir.”⁸²

Desde esse dia, até meados do ano seguinte, que Madre Teresa foi recebendo locuções

⁷⁹ Cf. L. DE SALVADOR, *Who killed Gandhi?*, Bertrand, Lisboa, 1964; Cf. L. FISCHER, *Gandhi*, Editorial Aster, Lisboa, 1960, 430-432.

⁸⁰ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 61.

⁸¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 57-58.

⁸² Da Madre Teresa para Malcolm Muggeridge. M. MUGGERIDGE, *Something Beautiful for God*, Harper & Row Publishers, Nova Iorque, 1971, 85-86 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 57.

interiores⁸³ que iam confirmando, cada vez mais, o chamamento para ser sinal do amor e compaixão de Cristo junto dos mais pobres dos pobres. Ouvia realmente Jesus e conversava intimamente com Ele. Designava essas comunicações como a “Voz” que escutava no seu íntimo.⁸⁴ E de facto, nessa noite, no interior de um comboio lento e abarrotado, enquanto rezava, experimentou essa “Voz” que lhe indicava como que uma vocação dentro da vocação. Não se tratava de um impulso para abandonar a sua condição de religiosa, mas de o ser de uma maneira mais perfeita.⁸⁵ A sede de Jesus por amor e pelas almas alcançou o coração de Madre Teresa e o desejo de a saciar passou a ser o grande impulso da sua vida. Jesus pedia-lhe que fosse a Sua luz no meio dos buracos sem luz que era a pobreza de Calcutá. Dizia-lhe que não podia ir sozinho e tinha-lhe revelado a Sua vontade de existirem freiras, vítimas de amor, que irradiassem o Seu amor pelas almas. Era grande a dor de Jesus pela situação miserável de tantos pobres e por haver tantas almas que O ignoravam.⁸⁶

Madre Teresa regressou a Calcutá no início de Outubro e, assim que teve oportunidade, partilhou com o seu diretor espiritual – o Padre Jesuíta Céleste Van Exem⁸⁷ – o que lhe tinha acontecido no comboio e durante o retiro. Sentia o desejo de corresponder imediatamente ao impulso recebido, mas competia ao diretor espiritual, bem como às superiores do Loreto, e especialmente ao Arcebispo de Calcutá – o Jesuíta Ferdinand Périer – discernir e pôr à prova esse chamamento. Apenas com essas autorizações podia Madre Teresa seguir em frente, confiante que era a mão de Deus que a conduzia. O confessor tinha uma grande admiração por esta freira e pela profundidade da sua vida espiritual, mas não deixou de pôr à prova a autenticidade das suas inspirações. A primeira exigência que fez foi que deixasse de pensar nestes episódios recentes, que os deixasse repousar, ainda que isso implicasse um duro exercício. Contudo, chegado Janeiro de 1947, o Padre Van Exem já não

⁸³ Numa fase posterior, procuraremos olhar mais detalhadamente para essas locuções interiores.

⁸⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 61-62.

⁸⁵ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 50-51.

⁸⁶ Cf. MOTHER TERESA OF CALCUTTA CENTER, *Mother Teresa of Calcutta: biography*, <http://www.motherteresa.org/biography.html>, acesso a 28 de Dezembro de 2017.

⁸⁷ Ainda que o nome não se escreva assim na língua original, optámos por seguir esta escolha da edição portuguesa.

tinha dúvidas que a inspiração tinha vindo de Deus e deu-lhe autorização para escrever ao Arcebispo. Ela assim o fez, contando detalhadamente aquilo que se tinha passado e os apelos que a habitavam.⁸⁸

Ainda antes de escrever essa carta, Madre Teresa foi informada pela superiora que, em meados de Janeiro, seria transferida de Calcutá para a comunidade de Asansol, uma cidade a duzentos quilómetros de distância. Mais tarde, voltaria para Calcutá. Esta deslocação foi, em parte, motivada por algumas suspeitas quanto à relação que Teresa tinha com o Padre Van Exem. Algumas irmãs não compreendiam o facto de os encontros serem tão frequentes e prolongados, e desconfiavam se não estaria ali a dar-se mais do que um neutro acompanhamento espiritual. Madre Teresa aceitou-o serenamente, ainda que a mudança implicasse sacrifício e fosse motivada por julgamentos errados. Antes de partir, o seu Diretor Espiritual informou-a da resposta do Arcebispo à sua carta: mostrou-se cauteloso, e a precisar de tempo para rezar, refletir e fazer consultas. Para Teresa, que já sentia uma ânsia enorme de dar início à nova missão, esta reação inesperada veio a tornar-se fonte de sofrimento. No entanto, pela sua fé inabalável nunca avançaria sem autorização superior. Restava-lhe esperar.⁸⁹

Nos meses que se seguiram, esse desejo de partir⁹⁰ foi também crescendo, e a troca de correspondência com o Arcebispo Périer foi vasta. Tentava sempre responder com rigor às preocupações superiores e expor com clareza o que desejava deste novo projeto e como tencionava realizá-lo. Por sentir que Jesus a chamava claramente, não conseguia ficar indiferente e, por isso, tentava convencer Dom Périer a dar-lhe autorização para avançar. É verdade que, durante a correspondência, o Arcebispo insistia muito na prudência e na necessidade de esperar, mas levava sempre muito a sério tudo o que esta freira lhe dizia e, por

⁸⁸ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 62.

⁸⁹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 71-72.

⁹⁰ Encontramos essa vontade de partir em inúmeras cartas de Madre Teresa. Era algo tão forte que chegava a implorar ao Arcebispo que a deixasse partir: “Peço-lhe, Excelência, em Nome de Jesus e por amor de Jesus que me deixe partir. Que não me atrase mais. Que não me detenha. [...] Neste entretanto, estão a perder-se almas.” (Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 24 de Outubro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 105.)

isso mesmo, conduziu o discernimento até ao fim e de forma meticulosa. No dia 6 de Janeiro de 1948, dia em que fazia dezanove anos que Madre Teresa tinha chegado à Índia, no final da Missa do Convento do Loreto, aconteceu o que tanto ansiava. Ao avistá-la, o Arcebispo comunicou-lhe que poderia avançar com aquilo que Deus lhe pedia.⁹¹

O passo seguinte foi o de solicitar a autorização à sua superiora geral, a Madre Gertrude Kennedy. Caso a obtivesse, poderia depois pedir ao Papa o consentimento para abandonar o Loreto. Ainda que reconhecendo a perda que seria para a congregação, a superiora não hesitou em dar a sua autorização a este projeto que percebia vir de Deus, louvando muito o desejo tão profundo de Madre Teresa de se entregar totalmente pelos pobres.⁹²

Restava-lhe então apenas um passo, e a 7 de Fevereiro de 1948 Madre Teresa escreveu uma carta para Roma à Sagrada Congregação para os Religiosos. Algumas das suas linhas ajudam-nos a perceber como percecionava aquilo que lhe estava a ser exigido da parte de Deus:

“Desde Setembro de 1946 que Deus Onnipotente me chama a dedicar-me inteiramente a uma pobreza completa seguindo o exemplo do grande Santo de Assis e ao serviço dos Pobres dos bairros de lata e das ruelas da cidade e doutros locais, a cuidar dos doentes e dos moribundos, a afastar as criancinhas da rua do pecado e do mal, a ajudar os pedintes e os famintos. Para me permitir fazer este trabalho, é necessária uma vida de oração e de sacrifício [...], é necessária uma pobreza completa. [...] Admito com toda a sinceridade não possuir virtude nem ter mérito. É para mim um mistério que o Bom Deus queira isto de uma pobre como eu.”⁹³

A 8 de Agosto de 1948 chegou a tão esperada resposta. Através da Sagrada Congregação para os Religiosos, o Papa Pio XII deu autorização para Madre Teresa deixar o

⁹¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 73-115.

⁹² Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 117-126.

⁹³ Da Madre Teresa para o Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, 7 de Fevereiro de 1948. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 127-128.

Loreto e iniciar a sua nova missão.⁹⁴ Tinham passado aproximadamente dois anos desde o chamamento sentido no comboio. Eles significaram a dor imensa de não poder responder imediatamente aos apelos que sentia. Agora, finalmente, restava apenas partir. Mas este momento decisivo não anulou a dor enorme que experimentava por abandonar o Loreto. Era lá onde se sentia como a freira mais feliz do mundo. Sempre amou a congregação, as irmãs, o trabalho que realizou durante vinte anos, as suas alunas.⁹⁵

4. Em direção aos buracos sem luz

A 17 de Agosto de 1948, deixou para trás das suas costas os portões e a segurança da comunidade do Loreto, e partiu sozinha, numa Índia que acabava de se tornar independente, para dar início à vida de Missionária da Caridade.⁹⁶ Mais tarde, Madre Teresa viria mesmo a reconhecer que este momento foi ainda mais difícil do que quando teve de abandonar a sua família para seguir a vocação religiosa. Consigo levava uma pequena mala e apenas cinco⁹⁷ rupias.⁹⁸ Deixava também o antigo hábito das freiras do Loreto e envergava agora um novo hábito: um simples sari⁹⁹ branco, de tecido barato e bordas azuis¹⁰⁰, uma pequena cruz presa ao ombro esquerdo e, nos pés, sandálias abertas.¹⁰¹ Vencendo a tentação de voltar para trás, viajou até Patna, a trezentos quilómetros de Calcutá, ao abrigo das Irmãs Missionárias Médicas. Aí aprenderia noções básicas de enfermagem que lhe fossem úteis para a missão que

⁹⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 131.

⁹⁵ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 76.

⁹⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 133.

⁹⁷ Desse dinheiro, deu logo quatro rupias a um pobre que encontrou. Mais adiante, apareceu um sacerdote a pedir uma contribuição para um jornal católico, e deu a rupia que lhe restava. Consta que o mesmo sacerdote veio, mais tarde, ter com ela, entregando-lhe um envelope que alguém anónimo teria enviado. Dentro dele estavam 50 rupias. Madre Teresa viu aí um sinal de que Deus a conduzia e nunca a abandonaria. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 78.)

⁹⁸ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 46.

⁹⁹ É um traje típico das mulheres indianas. O próprio Jesus pediu-lhe que usasse um hábito assim para a sua nova missão. (Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 65.)

¹⁰⁰ Madre Teresa terá escolhido a cor azul em honra de Nossa Senhora. (Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 74.)

¹⁰¹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 20.

havia de desempenhar junto dos pobres.¹⁰²

Em Dezembro de 1948, Madre Teresa regressou a Calcutá, onde se instalou nas Irmãzinhas dos Pobres, no Convento de São José. Antes de se lançar ao encontro dos pobres, ainda fez um retiro de oito dias, sob a orientação do Padre van Exem. Finalmente, no dia 21 de Dezembro, saiu em direção dos bairros de lata na qualidade de Missionária da Caridade.¹⁰³ É avassalador o que nos relata do seu primeiro dia:

“ [...] havia um nunca mais acabar de crianças por todo o lado – e quanta sujidade e miséria – quanta pobreza e sofrimento. – Falei muito, muito pouco, limitei-me a lavar algumas feridas, fiz uns curativos, dei medicamentos a alguns. – O velhote que estava deitado na rua – que ninguém queria – completamente sozinho, doente moribundo. – Dei-lhe carbarsone e água e o velhote ficou tão estranhamente grato. [...] Encontrámos uma mulher muito pobre a morrer julgo eu que de fome mais do que tuberculose. Tanta pobreza. Tanto sofrimento a sério.”¹⁰⁴

De facto, a complexidade do contexto sociopolítico da Índia, que já havíamos referido atrás, tinha deixado Calcutá em total miséria. Milhões de refugiados hindus, sem emprego e esfomeados, fugidos da zona de Bengala Oriental, que passou a ser território paquistanês, vieram parar aquela cidade, já por si, superlotada. Bairros habitacionais, outrora limpos e saudáveis, tornaram-se em espaços degradantes. A cidade que era conhecida pelos seus palácios era agora um sem fim de bairros de lata. Até nos terrenos pantanosos do rio Hooghly eram erguidos casebres. Não havia serviços municipais. Os esgotos estavam de tal forma obstruídos que, nos meses da monção, as ruas enchiam-se de água e excrementos. Por todo o lado reinava a doença e escasseava água potável.¹⁰⁵ Não parava de crescer o número de pessoas simplesmente abandonadas a si mesmas, a viver na rua e reféns da solidão, fome ou doença.¹⁰⁶

¹⁰² Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 47.

¹⁰³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 142.

¹⁰⁴ Registo dos primeiros dias, escrito entre 21 e 23 de Dezembro de 1948. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 143.

¹⁰⁵ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 21.

¹⁰⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 143.

Com efeito, foi esta dura realidade que uma mulher sozinha decidiu enfrentar e abraçar. Logo desde os primeiros dias, no meio do bairro de Motijhil, Madre Teresa começou a dar aulas ao ar livre a crianças abandonadas. Rabiscava na lama, com uma vara, as letras do alfabeto Bengali e, dia após dia, o número de crianças não parava de aumentar.¹⁰⁷ Também aproveitava para dar algumas lições de higiene e de catecismo. Alguns dias depois, ficou também a saber que já lhe chamavam a “freira dos submundos”, algo que a alegrou muito pois parecia-lhe uma confirmação daquilo que Deus lhe havia pedido.¹⁰⁸

Depois de meses à procura de uma casa mais perto de Motijhil, eis que Michael Gomes, um professor indiano, ficando a par das necessidades da religiosa, disponibilizou o andar de cima da sua habitação. Para além disso, recusou cobrar o que quer que fosse pela sua utilização.¹⁰⁹ E assim, em Fevereiro de 1949, Madre Teresa mudou-se para aquela que viria a ser a primeira casa das Missionárias da Caridade, em Greek Lane, nº 14.¹¹⁰

A extensão do trabalho que Madre Teresa realizava começou a alcançar um elevado número de pobres que auxiliava e espalhava-se por diversos pontos de Calcutá. Para isso, contava com ajuda de alguns voluntários. Contudo, no seu íntimo, o que realmente desejava era que pudessem surgir seguidoras para se consagrarem totalmente a esta nova forma de vida. Para grande alegria e surpresa, a 19 de Março de 1949, Shubashini Das, uma antiga aluna em St Mary’s, e futura Irmã Agnes, veio a juntar-se a Madre Teresa.¹¹¹ Não há dúvida que a antiga professora tinha tido um grande impacto nas suas alunas e, prova disso, é o facto de que ao longo dos meses seguintes foram aparecendo mais seguidoras, sendo que as dez primeiras eram todas provenientes das suas aulas no Loreto.¹¹² É de notar que a maior parte delas pertencia, não só a famílias ricas, mas acima de tudo, às altas castas da Índia. Eram consideradas superiores ao povo e não deviam misturar-se com os restantes, muito menos

¹⁰⁷ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 24-26.

¹⁰⁸ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 79.

¹⁰⁹ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 83-84.

¹¹⁰ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 145.

¹¹¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 146.

¹¹² Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 51.

com os miseráveis. Como tal, abraçar uma vida como a das Missionárias da Caridade era, em certo sentido, uma revolução.¹¹³ Para além das famílias destas jovens, também nem toda a comunidade do Loreto se encontrava feliz por ver “fugirem”, para junto de Madre Teresa, algumas das que poderiam ter sido futuras noviças. Com efeito, dali em diante, as alunas do Loreto foram mesmo proibidas de qualquer ligação com ela.¹¹⁴

Esta obra ao encontro dos mais pobres dos pobres foi crescendo, e no dia 7 de Outubro de 1950, festa de Nossa Senhora do Rosário, após autorização da Santa Sé, o Arcebispo Périer instituiu oficialmente a Sociedade das Missionárias da Caridade.¹¹⁵ Os estatutos, redigidos pela própria Madre Teresa, referiam que o grande objetivo da nova congregação era saciar a sede de Jesus Cristo na Cruz. A resposta de amor a essa sede acontece na observância dos três votos de pobreza, castidade e obediência, e de um quarto voto, exclusivo das Missionárias da Caridade, de se oferecerem livremente ao serviço dos mais pobres dos pobres, esses com quem Jesus se identifica. Cuidando deles, as Missionárias sabem que tocam o próprio Cristo. Madre Teresa quis também dedicar a nova Sociedade ao Imaculado Coração de Maria. Via nesse mistério o mesmo que desejava para as suas irmãs: que se apagassem de si mesmas, que alcançassem um coração puro onde Jesus pudesse aparecer para o mundo.¹¹⁶

No dia 11 de Abril de 1951, já com o primeiro grupo de irmãs, deu-se início ao noviciado das Missionárias da Caridade.¹¹⁷ As irmãs levavam uma vida de pobreza. Madre Teresa insistia que para servir e compreender aqueles que nada têm, era preciso viver como eles. Os únicos bens que possuíam eram os dois saris de algodão simples, roupa interior, um par de sandálias, o crucifixo para usar preso ao ombro esquerdo, um colchão de palha e um balde para lavar. Assim, estavam também preparadas para partir, sem delongas e grandes

¹¹³ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 131.

¹¹⁴ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, HarperCollins Publishers, Noida, 2009, 45.

¹¹⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 148-149.

¹¹⁶ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 29-31.

¹¹⁷ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 152.

roturas, para onde quer que a Divina Providência as enviasse.¹¹⁸ Madre Teresa instruía as suas irmãs no que se refere aos cuidados médicos básicos que haveriam de ter junto dos pobres, mas estava sobretudo preocupada que elas crescessem no amor a Deus e desenvolvessem uma verdadeira vida de oração.¹¹⁹

No final de 1952, a comunidade já contava com vinte e seis membros. Como tal, o terceiro andar da casa da família Gomes tornara-se pequeno demais para albergar as irmãs e era inevitável procurar instalações maiores.¹²⁰ Acabaram por encontrar um edifício¹²¹, situado na Lower Circular Road¹²², 54, que pertencia a um ex-funcionário da Justiça, muçulmano. Ao saber que o destino da venda era para Madre Teresa e sua obra, não teve qualquer problema em fazê-la a um preço propositadamente acessível.¹²³ Em Fevereiro de 1953, a comunidade transferiu-se para aquela que é, ainda hoje, a casa-mãe das Missionárias da Caridade.¹²⁴

5. Gotas de amor no oceano de Calcutá

À medida que ia percorrendo a cidade, para responder às necessidades dos pobres, Madre Teresa encontrava, frequentemente, pessoas a morrer pelas ruas.¹²⁵ Consta que, certo dia, encontrou uma mulher a morrer no meio do lixo, com o corpo já um pouco devorado pelos ratos e formigas. Pegando nessa mulher pelos braços, levou-a a um hospital. Para grande decepção, ao princípio, não a queriam receber, mas, fruto da firme insistência daquela

¹¹⁸ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 34.

¹¹⁹ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, 45.

¹²⁰ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 158.

¹²¹ Era um grande edifício, composto de três andares e um pátio interno. (Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 88.)

¹²² A rua situa-se mesmo no coração de Calcutá e está em constante turbilhão, dando lugar ao movimento alucinante de peões barulhentos, elétricos, etc. (Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 34.)

¹²³ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 52-53.

¹²⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 158.

¹²⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 154.

freira, lá acabaram por ficar com ela.¹²⁶ Na maioria das vezes, os hospitais simplesmente não aceitavam estes casos desesperados, estando as pessoas destinadas a confrontar o fim da vida, sozinhas, desprezadas e abandonadas. Face a este drama, Madre Teresa começou a procurar uma casa onde estas pessoas pudessem receber alojamento e cuidados médicos básicos, mas acima de tudo, fossem recebidas com amor e dignidade, pelo menos no pouco tempo que ainda tinham para viver.¹²⁷ Um local onde, independentemente do credo professado, cada um pudesse partir em paz com Deus. No momento de partir, receberiam, inclusive, os rituais próprios da sua fé. Madre Teresa tinha o desejo de que estas pessoas, habituadas a viver como animais, pudessem morrer como anjos, amadas e acarinhadas.¹²⁸

A câmara de Calcutá acabou por disponibilizar uma casa que tinha servido de abrigo para os peregrinos do Templo de Kali¹²⁹, à qual Madre Teresa deu o nome de Nirmal Hriday, que em Bengali significa “Coração Puro”, em referência ao Coração Imaculado de Maria. Em Junho de 1952, aquela que Madre Teresa considerava a “Casa do Tesouro” da congregação, já se encontrava em funcionamento.¹³⁰ No entanto, os primeiros tempos de Nirmal Hriday foram de grande hostilidade. Os locais atiravam pedras às Missionárias da Caridade, enquanto estas tentavam levar os moribundos para o seu lar.¹³¹ Não aceitavam a ousadia de uma freira católica instalar-se mesmo ao lado do templo e, ainda para mais, tratar daqueles que eram considerados intocáveis. O ódio foi crescendo de tal forma que os monges do templo chegaram a planear matar aquela religiosa. Ao saber desse plano, Madre Teresa não hesitou em confrontá-los, afirmando que, se quisessem, a poderiam matar naquele segundo mas apenas pedia que não causassem qualquer sofrimento aos seus pobres. O líder religioso, impressionado e desarmado com tal bravura, teve a sensação de ver naquela mulher a própria

¹²⁶ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 36.

¹²⁷ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 154-155.

¹²⁸ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 37.

¹²⁹ O distrito de Kalighat é um núcleo religioso muito popular para os hindus. Assenta nas margens do rio Hooghly, para onde correm as águas sagradas do Rio Ganges. Kali é considerada a Deusa da Morte e da Fertilidade, e esposa de Siva. Na verdade, qualquer hindu devoto da cidade tem o desejo de vir a ser incinerado em Kalighat. (Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 36.)

¹³⁰ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 155-156.

¹³¹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 39.

deusa Kali.¹³² Aos poucos, as relações foram melhorando, mas tudo ganhou realmente paz quando Madre Teresa encontrou um jovem monge, que tinha servido no templo, abandonado e envolto num charco do seu próprio vômito e fezes. Levou-o logo para Nirmal Hriday para ser tratado e finalmente morrer em paz. Desde então, cessaram todas as rivalidades e ameaças, e muitos dos peregrinos hindus começaram a parar a caminho do templo para oferecer presentes às Missionárias da Caridade.¹³³

O crescimento da obra das Missionárias da Caridade não seguia propriamente um plano prévio de ação. À medida que se iam cruzando com os sofrimentos de Calcutá, tão variados, iam percebendo que exigiam uma resposta concreta da sua parte. Nas necessidades concretas viam o chamamento de Deus. Como sabemos, o primeiro serviço de Madre Teresa foi junto das crianças pobres do bairro de Motijhil. Mas a sua atenção a estes mais pequenos não terminaria aí. Foi tomando conhecimento de situações inquietantes. Muitas das crianças que encontrava não tinham lar nem família. Não raras vezes deparava-se com crianças na rua que choravam junto dos cadáveres do pai ou da mãe. Soube também que muitas delas eram ensinadas a roubar para depois lhes ser retirado o produto do roubo.¹³⁴ Crianças completamente abandonadas, que tratariam da vida por si mesmas ou morreriam nas ruas. Algumas eram encontradas em baldes do lixo ou canos do esgoto. Crianças órfãs doentes e mentalmente debilitadas. Crianças cujos pais morreram em Nirmal Hriday.¹³⁵

Em todos os casos, Madre Teresa via o próprio Menino Jesus a quem se impunha proporcionar uma Nazaré onde fossem amados. E assim, em 1955, num edifício de dois andares com um grande pátio, a umas centenas de metros da casa-mãe, nasceu Shishu Bhavan, um refúgio para todos estes bebés e crianças sem esperança.¹³⁶ Desde cedo, polícias, assistentes sociais e outras pessoas começaram a levar crianças para lá e, algumas delas, eram

¹³² Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 132.

¹³³ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 39.

¹³⁴ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, 61-62.

¹³⁵ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 41.

¹³⁶ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 41.

posteriormente adotadas por famílias indianas ou de outros países. Madre Teresa via na adoção uma forma de combater o drama do aborto.¹³⁷

Madre Teresa estava atenta a outro flagelo que atingia muitos em Calcutá: a lepra. Considerados os mais intocáveis dos intocáveis¹³⁸, os leprosos estavam condenados a viverem isolados, e muitas vezes acabavam expulsos das suas famílias ou eram mesmo convidados a cometer suicídio. Com efeito, lidava-se com esta doença a partir do medo de contágio e muita superstição.¹³⁹ Ora, Madre Teresa começou por desenvolver clínicas móveis, pequenas camionetas abastecidas de equipamento médico, que se movimentavam pela cidade ao encontro dos leprosos. Depois, rapidamente começou também a fundar leprosarias permanentes.¹⁴⁰ Uma das grandes alegrias foi a construção de Shanti Nagar, “O Lugar da Paz”. Era uma espécie de cidade autónoma onde os leprosos podiam viver e morrer com dignidade, podiam viver com as suas famílias, podiam dedicar-se a um trabalho remunerado, em suma, ter uma vida próxima daquilo que se consideraria a normalidade. Parte desta obra foi financiada pela venda de um Lincoln Continental branco, carro que o Papa Paulo VI usara na sua visita à Índia, em 1964, e que decidira oferecer a Madre Teresa.¹⁴¹

6. Missionárias da Caridade do mundo inteiro

Estas iniciativas que iam nascendo em Calcutá acabaram por servir de paradigma, com as particularidades de cada caso, para as obras que viriam a surgir posteriormente noutras cidades da Índia e em todo o mundo.¹⁴² Mas para que a congregação pudesse alargar mundialmente a sua obra e, apesar de já contar com centenas de irmãs professoras, teve antes de

¹³⁷ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, 57.

¹³⁸ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 63.

¹³⁹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 49-54.

¹⁴⁰ Cf. F. ZAMBONINI, *Madre Teresa – A mística dos últimos*, 63.

¹⁴¹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 54-57.

¹⁴² Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 105.

esperar pela aprovação pontifícia¹⁴³, que viria ser assinada pelo Papa Paulo VI, em Fevereiro de 1965.¹⁴⁴ A primeira casa a ser fundada, fora da Índia, situou-se na Venezuela. Posteriormente, surgiram casas noutros países como Itália, Tanzânia, Austrália, até chegarem rapidamente a todos os continentes. Nas décadas de 1980 e 1990, Madre Teresa conseguiu até abrir casas em quase todos os países comunistas do mundo, incluindo a antiga União Soviética, Albânia e Cuba.¹⁴⁵

A rapidez com que a congregação crescia era espantosa. Em pouco mais de dez anos, depois da aprovação pontifícia, já tinham sido abertas perto de uma centena de novas fundações fora da Índia.¹⁴⁶ O discernimento para a abertura de novos centros passava pelo reconhecimento de uma necessidade concreta que fosse de acordo com a razão de existir da congregação: o serviço generoso aos mais pobres dos pobres. Nesse sentido, para atestar a existência de real pobreza, Madre Teresa tinha o costume de visitar os locais antes de uma tomada de decisão.¹⁴⁷ No momento de implementar um projeto, as suas instruções eram simples. Que sempre começassem por pouco. Que não se preocupassem com números, pois qualquer pequeno ato de amor para com os desprezados e os pobres era importante para Jesus.¹⁴⁸ Em qualquer casa das irmãs o serviço focava sempre o individual e não o coletivo, a pessoa concreta com que Jesus se identifica (Cf. Mt 25, 35-36) e nunca uma multidão anónima. E assim, testemunhando o amor sem limites de Deus pelos homens, a esfera de ação das Missionárias da Caridade alargava-se, não só por todo o mundo, mas por todos os aspectos da vida: clínicas para tuberculosos, clínicas para assistência de mulheres grávidas, dispensários gerais, clínicas para leprosos, lares para crianças abandonadas, lares para

¹⁴³ Este processo respeitou as habituais normas jurídico-canónicas. Inicialmente, a congregação foi autorizada como “experiência” diocesana, estando limitada à jurisdição do Arcebispo de Calcutá. No dia 1 de Fevereiro de 1965, o Decreto de Louvor – documento formal da Santa Sé, com assinatura do Papa, que determina que uma congregação nova passa a ser válida para toda a Igreja – permitiu que as Missionárias da Caridade estabelecessem a sua obra em qualquer diocese do mundo inteiro onde fossem pedidas. (Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa do mundo inteiro*, nota de rodapé 24, 64.)

¹⁴⁴ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 117.

¹⁴⁵ Cf. J. C. ALMEIDA, *O Milagre de Teresa*, 25.

¹⁴⁶ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 62-63.

¹⁴⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 118-122.

¹⁴⁸ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 73.

moribundos e indigentes, creches, escolas primárias e secundárias, aulas de enfermagem, aulas de carpintaria, trabalho em metal, bordados, trabalho de agulha, infantário e serviço doméstico, auxílio em casos de emergência, provenientes de tumultos, epidemias, fome e inundações, etc.¹⁴⁹

Com efeito, o carisma ia mostrando uma impressionante fecundidade e novos ramos também foram surgindo. Numa procura constante de melhor servir as necessidades físicas e espirituais dos pobres, Madre Teresa fundou, em 1973, os Irmãos Missionários da Caridade, em 1976 uma ramo contemplativo das Irmãs, em 1979 os Irmãos Contemplativos, e em 1984 os Padres Missionários da Caridade. Contudo, a sua inspiração foi para lá das vocações religiosas. Deu origem aos Colaboradores¹⁵⁰ de Madre Teresa e aos Colaboradores Doentes e Sofredores, integrando assim pessoas de muitos credos e nacionalidades que desejavam partilhar do mesmo espírito de oração, simplicidade, sacrifício, e apostolado de amor aos pobres. Esta seria a semente que, mais tarde, faria nascer os Missionários Leigos da Caridade. Perante inúmeros pedidos de vários padres, em 1981, Madre Teresa também deu início ao Movimento Corpus Christi para Padres, como forma de santificação para todos os que desejavam partilhar do seu espírito e carisma.¹⁵¹

Em razão da admirável expansão¹⁵² da nova congregação, cresceu também o mediatismo e a boa fama à volta da sua fundadora. Desde cedo começaram a ser publicados, em diferentes meios, reportagens escritas, fotográficas e televisivas, artigos periódicos e até livros sobre Madre Teresa e a sua obra.¹⁵³ Aos poucos, o mundo ia ficando rendido com o trabalho que esta humilde freira realizava e sensibilizado com a situação miserável em que tanta gente se encontrava. Onde quer que a religiosa fosse, lá se encontrava a imprensa

¹⁴⁹ Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 61-68.

¹⁵⁰ No original: “Co-Workers”.

¹⁵¹ Cf. MOTHER TERESA OF CALCUTTA CENTER, *Mother Teresa of Calcutta: biography*, <http://www.motherteresa.org/biography.html>, acesso a 7 de Janeiro de 2018.

¹⁵² Em 1975, ano das suas bodas de prata, as Missionárias da Caridade já contavam com mais de mil irmãs, presentes em oitenta e cinco fundações, presentes nos cinco continentes. (Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 271.)

¹⁵³ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 143.

internacional para a ouvir. Também muitas personalidades mundiais a visitavam na Índia, como foi o caso da Princesa Diana da Grã-Bretanha.¹⁵⁴ Era verdade que Madre Teresa resistia muito a qualquer forma de propaganda à sua volta, e apenas o consentia por obediência aos superiores e na esperança que daí surgisse um bem maior para os pobres que tanto amava.¹⁵⁵ O Papa João Paulo II sempre encorajou Madre Teresa a aceitar todos os convites que lhe chegavam. Bem sabia ele que a freira de Calcutá seria uma grande “embaixadora” da Igreja para o mundo. Aliás, quando convidada a falar na ONU, Madre Teresa foi apresentada como a mulher mais poderosa do mundo.¹⁵⁶

Para além do mais, Madre Teresa começou a receber prémios e distinções de todos os lados. A lista é vasta mas entre os demais encontramos, em 1963, o prémio indiano *PadmaShri*, tendo sido o primeiro que recebeu, em 1971, o prémio da Fundação Kennedy, em 1973, o prémio *Templeton*. No ambiente eclesial destacamos o prémio *João XXIII, da Paz*, que recebeu das mãos do Papa Paulo VI.¹⁵⁷ Inúmeras universidades, das mais prestigiadas do mundo, concederam-lhe o título de Doutora Honoris Causa e recebeu várias medalhas, inclusive da antiga União Soviética, país que se considerava ateu.¹⁵⁸

Mas o reconhecimento que mais ecoou por todo o mundo foi a atribuição, pela primeira vez a uma freira católica, do Prémio Nobel da Paz. Foi recebido por Madre Teresa, em Oslo, no dia 10 de Dezembro de 1979.¹⁵⁹ Ali estava, uma pequena mulher, encurvada, com o seu sari branco, atravessando a multidão ao passo das sandálias gastas, sorrindo e mantendo aquele olhar sério e atento de quem continua a trazer uma chama por dentro. Dizia receber aquele prémio em nome dos esfomeados, dos sem-abrigo, dos que não têm que vestir,

¹⁵⁴ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 133-134.

¹⁵⁵ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 145.

¹⁵⁶ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 133.

¹⁵⁷ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 144-150.

¹⁵⁸ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 134.

¹⁵⁹ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 152-153.

dos leprosos, de todos os que são rejeitados.¹⁶⁰ Reservava toda a glória para Deus, vendo-se a si mesma como um simples lápis nas mãos de Deus, Ele é que fazia tudo. A pedido de Madre Teresa, o habitual banquete que costuma haver naquela cerimónia foi cancelado, e o dinheiro que daí se poupou foi usado para fornecer refeições pelos pobres.¹⁶¹ No seu discurso, foi marcante a serenidade com que se dirigiu a todos. Começando pelo sinal da cruz, convidou toda a assistência a recitar a oração de S. Francisco de Assis: “Senhor fazei de mim um instrumento da tua paz para que onde houver ódio eu leve o amor.”¹⁶² As emocionantes palavras que proferiu¹⁶³ foram escutadas por toda a humanidade e representaram uma síntese de uma vida inteira ao serviço dos pobres.

7. Servir até ao último momento

As duas últimas décadas da vida de Madre Teresa foram um período de imensa atividade. Dotada de um pragmatismo e energia invejáveis, percorria o mundo inteiro proclamando o amor de Deus e a Sua presença nos pobres. Muito do seu tempo era gasto em visita às suas casas ou a locais onde desejava inaugurar novas casas.¹⁶⁴ Nessas ocasiões, nunca buscava comodidades e o seu foco estava em ouvir e encorajar as suas irmãs e entregar-se às ocupações mais humildes junto dos pobres.¹⁶⁵

Um episódio que caracteriza bem o carisma que envolvia Madre Teresa foi o que aconteceu quando visitou seis irmãs em Beirut, Líbano. Na altura, em 1982, tratava-se de uma zona de guerra. Quando lhe contaram que um dos hospitais tinha sido atingido por mísseis e que tinha deixado presas várias crianças, algumas com deficiências mentais e físicas, não

¹⁶⁰ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 129-130.

¹⁶¹ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, 97-98.

¹⁶² Cf. K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 180.

¹⁶³ Discurso completo em K. SPINK, *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, 189-196.

¹⁶⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 303.

¹⁶⁵ Cf. J. L. GONZÁLEZ-BALADO, *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, 161-162.

descansou enquanto não foram resgatadas. Ora, isso implicava passar por uma zona de confrontos e o risco era máximo. Apenas preocupada com as crianças, conseguiu convencer membros da Cruz Vermelha a atravessar a cidade com quatro veículos, bandeiras brancas elevadas e sirenes ligadas. No final, o plano foi bem-sucedido e as crianças resgatadas. Dois dias a seguir, Madre Teresa estaria novamente envolvida num segundo resgate a outro grupo de crianças.¹⁶⁶

Contudo, nem tudo na vida de Madre Teresa corria neste tom de entusiasmo. Ninguém imaginava, pois nunca comentou isso para fora, que estava a viver uma terrível aridez espiritual¹⁶⁷. Era algo que a fazia sofrer muito pois sentia que Deus a tinha abandonado. Deixara de perceber a Sua presença e, como tal, era incapaz de sentir qualquer consolação.¹⁶⁸ Aquela certeza e alegria que tinha experimentado na decisiva viagem de comboio, a caminho de Darjeeling, há muito que a haviam deixado.¹⁶⁹ Na verdade, passou por uma noite espiritual longuíssima: teve início no momento em que começou a dedicar-se inteiramente aos mais pobres dos pobres e durou até ao último dia da sua vida. Madre Teresa nunca se queixou, e nunca deixou que isso fosse causa para uma menor dedicação à obra que vira nascer. Apenas partilhava esta luta interior com os padres que a acompanhavam e com o Arcebispo de Calcutá.¹⁷⁰

A saúde de Madre Teresa também começava a deteriorar-se. Em 1983, numa visita que fez a Roma, caiu da cama e, ao ser hospitalizada, acabou por ser detetada uma grave deficiência no coração. Mesmo recuperada, nunca teve grandes períodos onde não estivesse doente ou com dores físicas. Mas nem por isso abrandou o ritmo e a sua dedicação aos pobres. Em 1985, nas vésperas do quinto capítulo geral, consciente das suas debilidades, Madre Teresa chegou a expressar o seu desejo de ser libertada das responsabilidades de superiora

¹⁶⁶ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, 102-104.

¹⁶⁷ Aprofundaremos este tema mais adiante.

¹⁶⁸ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 134.

¹⁶⁹ Cf. G. WATTS, *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, 59.

¹⁷⁰ Cf. J. C. ALMEIDA, *O Milagre de Teresa*, 32-33.

geral e de ser uma simples Irmã na comunidade, mas foi novamente reeleita.¹⁷¹ Em 1989 sofreu um enfarte e foi-lhe implantado um pacemaker.¹⁷²

Madre Teresa não se deixava ir a baixo, mantendo um ritmo de quem tinha urgência em dar Jesus ao mundo. Continuavam as viagens constantes, recebia visitas, atendia os telefones, não falhava os horários da comunidade, etc. Ainda assim, a partir de 1996, a sua saúde caiu visivelmente e foi muitas vezes internada no hospital. Foi um ano de grande sofrimento. Em Agosto teve outro ataque de coração e já se pensava o pior para esta fase crítica. O que mais acalmava Madre Teresa, até para espanto dos próprios médicos, era a proximidade com o Santíssimo Sacramento, algo que passou a ter no quarto do hospital. Conta-se que num dos dias, pedindo uma caneta, conseguiu, após muito esforço, escrever o número de telefone da Casa-Mãe e as palavras “Quero a Jesus.”¹⁷³ Cumprindo a sua vontade, mais tarde celebrou-se Missa e foi possível dar-lhe uma gota do Sangue de Cristo. A verdade é que, depois disso, começou a melhorar e todos, crentes e não crentes, compreendiam que a sua força vinha de Jesus.¹⁷⁴

Acabou por recuperar deste período quase fatal e, até Março de 1997, permaneceu como superiora da congregação. Nesse momento, para grande alegria de Madre Teresa, a Irmã M. Nirmala Joshi foi eleita para lhe suceder. Em Maio, contrariando os conselhos médicos, decidiu viajar para Roma, Nova Iorque e Washington D. C. Foi a sua última viagem e a ideia de poder não aguentar a dureza daqueles dias eram, para Madre Teresa, um cenário de grande satisfação pois, se assim fosse, partiria para o Céu no cumprimento da sua missão. Em Julho, regressou a Calcutá e apenas comentou que o seu trabalho estava concluído. Dali em diante, Madre Teresa andava sempre feliz, alegre, otimista e conversadora. Parecia saber que o seu fim estava próximo e ia crescendo a ânsia e entusiasmo de estar com Jesus, de ir

¹⁷¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 303-307.

¹⁷² Cf. E. DEBIASI (coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 134.

¹⁷³ Testemunho da Irmã Gertrude. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 329.

¹⁷⁴ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 324-329.

para “casa”, para Deus.¹⁷⁵

Na noite de 5 de Setembro de 1997, Madre Teresa queixou-se de uma dor aguda nas costas, algo que se foi agravando ao ponto de não conseguir respirar. Já com a presença de um médico e um padre deu-se algo inesperado. Fruto de uma quebra de corrente, toda a casa ficou completamente às escuras. Ainda mais inexplicável foi o facto de as duas fontes de electricidade independentes, que as irmãs dispunham para emergências, terem igualmente falhado ao mesmo tempo. Em termos médicos, já nada se podia fazer pois não era possível ligar o ventilador. Eram 21:30, e com Calcutá mergulhada na escuridão, terminava a vida terrena daquela que tanta luz trouxera a essa cidade e ao mundo inteiro.¹⁷⁶ A Congregação que tinha começado a existir na solidão de um passo dado em direção aos bairros pobres de Calcutá contava, nesse momento, com cerca de 4000 irmãs, espalhadas por 600 casas, em 123 países.¹⁷⁷

Toda a Índia, embora não sendo um país cristão, chorou a morte de Madre Teresa, pois era muito querida por todos. Foi declarado luto oficial e foi-lhe concedido funeral de Estado. Compareceram muitos chefes de Estado, até mesmo reis e rainhas. Multidões acorreram para estar perto daquela que tinha sido como uma mãe. A fila para ver o seu corpo contava quilómetros e durou alguns dias. Eram burgueses ricos e as suas famílias, pessoas de classe média, e acima de tudo, uma imensa massa de pobres e miseráveis. Foi um fenómeno único na Índia. O Cardeal Sodano, então Secretário de Estado do Vaticano, presidiu à Missa de corpo presente, que se deu no maior estádio da Índia. O funeral foi transmitido por centenas de rádios e televisões de todo o mundo, e pensa-se que cerca de um bilião de pessoas tenham acompanhado as transmissões.¹⁷⁸

Dois anos depois da sua morte, o Papa João Paulo II abriu o processo de beatificação

¹⁷⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 330-332.

¹⁷⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 332.

¹⁷⁷ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 134.

¹⁷⁸ Cf. E. DEBIASI (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, 134-135.

de Madre Teresa¹⁷⁹. O milagre, que se requer nestes casos, foi o de uma mulher indiana, Monica Besra, que sofria de uma forma grave de tumor. Ao invocar o auxílio de Madre Teresa ficou logo curada. Em 2003, a Congregação para as Causas dos Santos aprovou as virtudes heroicas e o respetivo milagre e, no dia 19 de Outubro, João Paulo II, na praça de S. Pedro, diante de mais de 300 mil pessoas, declarou oficialmente como beata Madre Teresa de Calcutá. Anos depois, em 2008, um engenheiro brasileiro encontrava-se em coma, por ter oito abcessos no cérebro. A sua mulher recorreu a Madre Teresa na oração e, pouco antes de entrar na sala de operações, o senhor acordou. Os médicos ficaram espantados ao verificarem que o engenheiro estava em perfeitas condições e que todo o mal tinha desaparecido. E assim, no dia 4 de Setembro de 2016, Madre Teresa de Calcutá foi proclamada santa pelo Papa Francisco.¹⁸⁰

¹⁷⁹ As normas canónicas referem que apenas depois de cinco anos se podem abrir os processos de beatificação, mas para Madre Teresa abriu-se uma exceção. (Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 133.)

¹⁸⁰ Cf. R. ALLEGRI, *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, 133-135.

CAPÍTULO II

O PERCURSO ESPIRITUAL DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Durante o processo de beatificação e canonização de Madre Teresa, alguns dos seus escritos mais privados foram tornados públicos. É verdade que o mundo inteiro já se tinha rendido ao seu testemunho de amor oblativo e serviço aos mais pobres dos pobres, mas pouco se sabia da sua vida interior. De facto, os escritos privados ofereceram uma panorâmica única ao que habitava a alma de Madre Teresa e, em certo sentido, ao que era raiz daqueles gestos de amor que emocionaram uma humanidade inteira. Olhando para uma vida como esta ninguém esperaria outra coisa a não ser uma espiritualidade marcada por uma forte união com Deus e altamente consoladora. Ora, qual não foi a surpresa quando foi dado a conhecer que, na verdade, Madre Teresa teria passado antes por uma duríssima e longa noite espiritual. Ainda que desconcertante para muitos, acreditamos que, longe de diminuir a estatura de Madre Teresa, a realidade da sua luta espiritual é, antes de mais, um dado fundamental que a coloca junto das grandes figuras do misticismo cristão. Ao longo desta investigação propomos analisar e interpretar essa fase mais noturna da vida de Madre Teresa. Mas se o queremos fazer de forma fiel e verdadeira, torna-se imprescindível cruzá-la com o todo da sua vida espiritual, concretamente o período de maior luz e consolação. Um não existe e não se entende sem o outro. Só numa leitura unitária e integradora de toda a sua vida interior compreenderemos o sentido para a escuridão que Madre Teresa teve de atravessar.¹⁸¹

¹⁸¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK, *El alma de la Madre Teresa*, <http://colaboradores.org/palabras/Parte Primera El Alma de la Madre Teresa.htm>, acesso em 13 de Março de 2018.

1. A luz de um Deus presente/próximo

Se quiséssemos estabelecer uma atitude de referência que nos ajudasse a ler toda vida interior de Madre Teresa, nas suas diferentes fases e expressões, diríamos que esta foi uma mulher absolutamente apaixonada por Jesus Cristo. Percorrendo a sua infância até ao último dia de vida é notório que Jesus foi o seu primeiro e único amor. A meio da vida chegaria mesmo a escrever: “tenho ardido de ânsias de amá-Lo como Ele nunca foi amado.”¹⁸² Com efeito, sem estarmos conscientes deste desejo amoroso que habitava Madre Teresa nunca alcançaremos em profundidade aquilo que foi revelando da sua vida espiritual, com o que ela teve de consolações e de desolações.

1.1. Infância e Loreto

Os primeiros anos da vida de Madre Teresa parecem ter sido marcados por uma verdadeira alegria espiritual, fruto de uma união com Deus que se foi tornando cada vez mais real e profunda ao longo do tempo. Em poucas palavras, foram claramente anos de “luz”. Vejamos, por exemplo, o que partilhou a uma amiga, por altura da profissão dos seus primeiros votos no Loreto: “Se soubesses como sou feliz, como pequena esposa de Jesus. Não seria capaz de invejar ninguém, [...] porque eu tenho uma felicidade completa, mesmo quando sofro qualquer coisa por meu amado esposo.”¹⁸³

Como mulher consagrada a Deus na vida religiosa, Madre Teresa experimentava uma felicidade completa. Entendia-se como a pequena esposa de Jesus, alvo de um amor pessoal e único da parte de Deus. A esse amor de Deus respondia com o seu próprio amor, numa

¹⁸² Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 25 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 75.

¹⁸³ Da Madre Teresa para Anka Cavcic, 1931. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 38.

entrega total de vida. Mas esta consciência esponsal parece ter surgido bem antes de se juntar à comunidade do Loreto. Com efeito, Madre Teresa haveria de recordar que “desde a infância que o Coração de Jesus foi o meu primeiro amor.”¹⁸⁴ Um amor que desde cedo despertou e que nunca mais deixou de sustentar toda a sua existência.

Ainda na infância, Madre Teresa terá recebido uma graça excepcional no momento em que recebeu a Sagrada Comunhão pela primeira vez. Havia de revelar esse acontecimento, anos mais tarde, ao Arcebispo Périer: “Desde os 5 anos e meio – altura em que O recebi [a Jesus] pela primeira vez – que o amor pelas almas tem estado cá dentro – Foi crescendo com os anos – até eu vir para a Índia – com a esperança de salvar muitas almas.”¹⁸⁵ Numa outra carta escrita ao seu antigo pároco e confessor, o Padre Franjo Jambrekovich, conseguimos vislumbrar não só o que caracterizava o seu estado de alma naquele momento – pouco tempo depois de professar os votos perpétuos – mas também aquilo que, durante a juventude, já a habitava interiormente:

“Só uma coisa mudou – o meu amor a Jesus – daria tudo, incluindo a própria vida, por Ele. [...] Lembra-se de me dizer uma vez, em Skopje: «Gonxha, tu queres beber o cálice¹⁸⁶ até à última gota.» Não sei se, nessa altura, pensava o que penso agora, mas agora sim, e com alegria, sem uma lágrima sequer.”¹⁸⁷

Nesta carta, Madre Teresa não só dá entender que desde muito cedo que sentia um impulso para uma entrega total de vida, mas demonstra também que não vacilaria se essa entrega passasse pelo martírio. Com efeito, anos mais tarde, em correspondência com o Padre Van Exem dirá: “Vim para a Índia só com a esperança de salvar muitas almas e de conquistar

¹⁸⁴ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 24 de Julho de 1967. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 34.

¹⁸⁵ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 25 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 35.

¹⁸⁶ Cf. Mt 20, 22; 26, 39 e 26, 42.

¹⁸⁷ Da Madre Teresa para o Padre Franjo Jambrekovich, 25 de Novembro de 1937. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 44.

a palma do Martírio [...]”¹⁸⁸ Todos estes sintomas interiores que iam marcando a sua infância e juventude, amadurecidos no contexto altamente propício da sua família e comunidade paroquial¹⁸⁹, alimentaram a vontade de se lançar no desconhecido do Loreto, e assim, consagrar-se inteiramente ao seu Amado, numa vida de religiosa.

1.2. O voto secreto de 1942

Os anos vividos no Loreto foram um tempo onde a união amorosa com Deus, eixo determinante da vida de Madre Teresa, continuou a crescer até níveis espantosos. Efetivamente, em Abril de 1942, já depois de realizados os votos perpétuos, chegou a um ponto fulcral do seu percurso espiritual. A busca de novas formas para expressar o amor que tinha por Jesus era de tal maneira incessante que a levou a fazer em segredo um voto privado: “Faço um voto a Deus, que me comprometa sob [pena de] pecado mortal, de dar a Deus qualquer coisa que Ele possa pedir-me, de não Lhe recusar coisa alguma.”¹⁹⁰ Este voto foi um dos maiores segredos de Madre Teresa. Nesta altura, apenas o seu confessor, o Padre Van Exem, teve conhecimento dele pois foi-lhe pedida a orientação e autorização para dar esse passo.¹⁹¹

Talvez a melhor forma de descrever este compromisso, de nada recusar a Deus, é a de uma verdadeira loucura de amor. Alguns anos antes, por altura dos votos perpétuos, já tinha exprimido essa ânsia de amor que existia dentro de si:

“Se soubesse como me sentia feliz tanto que seria capaz, de minha livre vontade, de inflamar o meu próprio sacrifício. Sou d’Ele, e sou-o por toda a eternidade! [...] Ele foi sempre tão

¹⁸⁸ Da Madre Teresa para o Padre Van Exem, 28 de Outubro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 106.

¹⁸⁹ Algo que abordámos em profundidade no capítulo anterior.

¹⁹⁰ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 1 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 47.

¹⁹¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 47.

infinitamente bom para mim – como se quisesse garantir para Si a posse do meu coração.”¹⁹²

Era mesmo disso que se tratava, de devolver com amor e de forma radical o amor imenso que sentia da parte de Deus.¹⁹³ O Padre Brian Kolodiejchuk, Missionário da Caridade, aponta o seguinte:

“Um dos paradoxos do amor genuíno é aquele que ama desejar livremente prender-se de forma irrevogável ao amado.¹⁹⁴ Foi esta misteriosa componente do amor que levou a Madre Teresa a selar o total oferecimento de si mesma por meio deste voto, exprimindo assim de forma tangível a ânsia de se unir por completo ao seu Amado. [...] Aquele que verdadeiramente ama procura realizar os desejos do amado, dar cumprimento às suas expectativas até ao mais pequeno pormenor.”¹⁹⁵

Anos mais tarde, Madre Teresa confessou que assumiu um compromisso destes porque apenas “queria dar a Deus uma coisa muito bonita”¹⁹⁶ e “sem reservas”¹⁹⁷. Este gesto, aparentemente simples na sua forma, revela a grandeza da sua vida espiritual. Com efeito, está equivocado aquele que vê aqui somente um momento simbólico e sem grande impacto. Vejamos que é a própria Madre Teresa que se refere a este voto como aquilo “que esconde tudo em mim.”¹⁹⁸ Nele estava contido toda profundidade do seu amor a Deus e passou a ser o fundamento de todos os seus atos. Tudo tinha de passar pelo escrutínio de uma submissão total à vontade de Deus.¹⁹⁹ Quaisquer que fossem os aspetos da vida quotidiana que Madre Teresa tivesse em mãos, mais comuns ou mais extraordinários, nunca perdia consciência do

¹⁹² Da Madre Teresa para o Padre Franjo Jambrekovich, 25 de Novembro de 1937. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 43.

¹⁹³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 47-48.

¹⁹⁴ Ainda que a expressão possa levantar algumas dúvidas de interpretação, estamos a citar diretamente do texto impresso. Para ajudar a compreender melhor o que aqui se diz, sugerimos uma tradução alternativa: “Um dos paradoxos do amor genuíno é aquele que deseja livremente prender-se de forma irrevogável ao amado.”

¹⁹⁵ B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 48-49.

¹⁹⁶ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 12 de Maio de 1962. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 47.

¹⁹⁷ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 4 de Abril de 1960. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 47.

¹⁹⁸ Notas de Retiro da Madre Teresa, Março-Abril de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 48.

¹⁹⁹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 48.

compromisso assumido. É impressionante ver o que, anos mais tarde, declarava ao Padre Picachy: “Peça a Jesus que não me permita recusar-Lhe coisa alguma, por pequena que seja, preferia morrer.”²⁰⁰

Em certo sentido, era como se o voto de obediência, já professado, não fosse suficiente para demonstrar o amor que tinha por Jesus. Queria dar ainda mais provas desse amor e viver de um vínculo ainda mais forte. O facto de se submeter a este voto sob o risco de cometer um pecado mortal faz dele um passo de ainda maior densidade.²⁰¹ A este propósito refere ainda o Padre Brian:

“Teresa de Calcutá estava perfeitamente ciente de que a consequência do pecado mortal era a morte da vida de Deus na alma, e em última análise, na ausência de arrependimento, a perda da Sua amizade para toda a eternidade. [...] Recusar fosse o que fosse Àquele que amava era para ela equivalente à dor da condenação eterna. Decidiu, pois, considerar [...] a mais pequena recusa a submeter-se à Sua vontade, como uma grande ofensa.”²⁰²

Em suma, só na profunda certeza de ser primeiramente amada e desejada por Deus poderia Madre Teresa dar um passo assim, de total abandono. Sendo assim, somos levados a concluir que, durante o tempo vivido até então, os dados do gozo e da consolação foram o grande traço da sua vida espiritual. Kolodiejchuk salienta o seguinte: “Seis meses depois da profissão perpétua dos seus votos, estava ainda imersa no espanto e na alegria que tinham marcado este facto. [...] A vida de Madre Teresa como religiosa do Loreto foi um tempo que teve como característica um intenso e generoso amor a Deus.”²⁰³ E como já o referimos anteriormente, Madre Teresa haveria de reconhecer isso mesmo, que nesses dezoito anos em

²⁰⁰ 4 de Abril de 1960. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 51.

²⁰¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 50.

²⁰² B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 50-51.

²⁰³ B. KOLODIEJCHUK, *El alma de la Madre Teresa*, <http://colaboradores.org/palabras/Parte Primera El Alma de la Madre Teresa.htm>, acesso em 4 de Agosto de 2008 cit. in T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore*, O.S.B., Paulus Editora, Lisboa, 2017, 509.

que esteve ligada ao Loreto ardia de desejos “de amá-Lo como Ele nunca foi amado.”²⁰⁴

Como veremos mais adiante, o voto secreto que Madre Teresa assumiu veio a ser uma preparação providencial para tudo o que ainda tinha para viver da sua relação com Deus. Foi o compromisso de 1942 que serviu de fundamento e fortaleza para experiências variadas como a da longa escuridão interior²⁰⁵, mas também, antes disso, a da própria fundação das Missionárias da Caridade. Aliás, no centro desse novo chamamento divino, Jesus viria a por à prova o voto que Lhe tinha sido feito, repetindo as próprias palavras usadas por Madre Teresa.²⁰⁶

1.3. O chamamento de 1946 e o crescendo de consolações

A partir de 10 de Setembro de 1946, quatro anos depois ter assumido o voto privado, Madre Teresa foi experimentando poderosos encontros místicos que haveriam de a surpreender com uma nova missão para a sua vida. Aquilo que discerniu como tendo sido comunicações explícitas da parte de Jesus implicaria nada menos que abandonar a comunidade do Loreto para dar início a uma nova congregação religiosa.²⁰⁷ Na correspondência que foi mantendo com o bispo de Calcutá, onde expõe os acontecimentos ligados a esta intervenção divina, podemos perceber melhor o que de misterioso ali se passou e a clareza com que Madre Teresa percecionava a proximidade de Jesus e os Seus pedidos:

“Certo dia, ao receber a Sagrada Comunhão, ouvi a mesma voz com grande clareza - «*Quero*

²⁰⁴ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 25 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 75.

²⁰⁵ Quando já experimentava uma grande escuridão espiritual, Madre Teresa reconhece a importância vital que tinha o voto secreto: “quando por vezes a escuridão é muito negra – e eu estou à beira – de dizer «não a Deus» a recordação dessa promessa retém-me.” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, provavelmente no retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 217.)

²⁰⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 56.

²⁰⁷ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 57-63; Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 503-504.

freiras indianas, Vítimas do Meu amor, que sejam Maria e Marta. Que estejam de tal maneira unidas a Mim, que façam irradiar amor para as almas. Quero freiras Livres, tapadas com a Minha pobreza na Cruz – Quero freiras obedientes, tapadas com a Minha obediência na Cruz. Quero freiras cheias de amor tapadas com a Caridade da Cruz. Vais recusar-te a fazer isto por Mim?» E noutro dia. [...] «*Tens medo de dar mais um passo pelo teu Esposo – por Mim – pelas almas? [...] Tu não morreste pelas almas – é por isso que não te importa o que lhes aconteça. – O teu coração nunca esteve mergulhado em dor como esteve o de Minha Mãe. Ambos nos demos totalmente pelas almas – e tu? Tens medo de perder a tua vocação – de vires a ser secular – de te faltar perseverança. – Não tenhas – a tua vocação é amar e sofrer e salvar almas e, dando este passo, satisfarás o desejo que o Meu Coração tem de ti – É essa a tua vocação.*» Tentei convencer Nosso Senhor de que tentaria tornar-me uma freira de Loreto fervorosamente santa, uma verdadeira Vítima nesta vocação – mas a resposta foi novamente muito clara. «*Quero missionárias Irmãs da Caridade indianas- que sejam o fogo do Meu amor entre os muitos pobres. [...] Bem sei que és a pessoa mais incapaz, fraca e pecadora, mas é precisamente por seres isso tudo que Eu quero usar-te, para a Minha Glória! Vais recusar-te?»*. [...] A ideia de comer, dormir – viver como os indianos encheu-me de medo. [...] Pedi a Maria Nossa Mãe que pedisse a Jesus que afastasse tudo isto de mim. Quanto mais rezava – mais clara a voz se tornava dentro do meu coração, de maneira que comecei a rezar para que Ele fizesse comigo tudo o que quisesse. Depois a voz tornou a ser muito clara - «*Estás sempre a dizer ‘faz comigo tudo o que quiseres’.* E agora eu quero agir – *deixa-Me fazê-lo – Minha pequena Esposa – Minha pequenina. – Não tenhas medo – Eu estarei sempre contigo.*»²⁰⁸

A descrição que Madre Teresa faz dos diálogos que experimentava com Jesus, essa Voz que dizia escutar, não deixa de impressionar pela nitidez e certeza com que o sentia. Ao longo da carta vai mesmo descrevendo aquilo que escutava com expressões como “clareza”, “muito clara” ou “mais clara”. Outro dado altamente relevante é o facto de haver uma pergunta recorrente da parte de Jesus: “Vais recusar-te?” É como se Jesus fizesse eco do voto secreto, assumido há quatro anos atrás por Madre Teresa. Como é natural, a insistência daquela pergunta teve um efeito particularmente impulsionador no seu interior. Deus tinha-a levado tão a sério nesse seu compromisso que agora a desafiava para algo mais: “Dia após dia, hora após hora, Ele faz-me a mesma pergunta: «*Vais recusar-te a fazer isto por*

²⁰⁸ Da Madre Teresa ao Arcebispo Périer, 13 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 65-66.

Mim?»²⁰⁹ Aquela que se tinha comprometido a nada recusar a Deus, compreendia que Ele a escutara e punha-a agora à prova.

É fundamental, para o desenrolar da nossa investigação, atender ao que Jesus aponta como sendo a raiz da nova vocação de Teresa. Efetivamente, tudo aquilo que esta religiosa virá a experimentar, exterior ou interiormente, tem também de ser visto à luz deste carisma que Deus propõe. Jesus pede-lhe pessoas que sejam “vítimas do Meu amor” e diz-lhe que “a tua vocação é amar e sofrer e salvar almas.” Jesus quer Irmãs “que sejam fogo do Meu amor entre os muito pobres [...] que ofereçam a sua vida como vítimas do Meu amor.”²¹⁰ Se assim é, significa que a dimensão vitimal é o centro do que Jesus realmente deseja. Madre Teresa ainda tenta convencer Jesus a permanecer no Loreto como “verdadeira vítima” em vez de largar a congregação. Essa tentativa, ainda que não aceite, demonstra claramente que a decisão de viver como “vítima” era algo já assumido por si. Mais uma vez, observamos uma profunda ligação ao voto secreto de 1942. Ou não terá sido ele, na lógica de uma resposta adequada à experiência de se sentir infinitamente amada por Deus, uma verdadeira entrega vitimal? A este propósito penso ser pertinente o que refere Teresa Messias:

“Parece-me claro que a palavra vítima não expressa em Teresa de Calcutá qualquer tipo de apetência dolorista, constituindo antes o modo apropriado de exercer a reciprocidade face ao amor de Jesus. É um chamamento à “des-limitação” do desejo, a viver a resposta de amor a Deus, em Cristo, sem limites nem condições, baseada na confiança total. Só a experiência de um amor total permite uma resposta que arrisca a confiança total.”²¹¹

Durante este período, até ao momento de abandonar o Loreto para iniciar a nova

²⁰⁹ Da Madre Teresa ao Arcebispo Périer, 30 de Março de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 82.

²¹⁰ Da Madre Teresa ao Arcebispo Périer, 13 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 65-66.

²¹¹ T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 510.

missão, Madre Teresa foi experimentando uma série locuções e visões²¹² e, acima de tudo, uma intensa união com Deus. Ainda assim, por muito certa que estivesse destes fenômenos como sendo de origem divina, Madre Teresa nunca lhes conferiu grande importância ou viu nelas a razão da sua entrega amorosa. É a própria que admite que não foi por causa das vozes ou visões “que a minha vida se alterou. Elas ajudaram-me a ter mais confiança e a aproximar-me mais de Deus. Fizeram aumentar o meu desejo de ser cada vez mais a Sua menina pequenina. [...] O meu desejo de me imolar é tão forte como o era antes de elas virem.”²¹³ O seu diretor espiritual, o Padre Van Exem, referindo-se à vida espiritual de Madre Teresa durante estes acontecimentos, descreve o seguinte:

“Eu sabia que Nosso Senhor tinha elevado aquela freira a um estado superior de oração; talvez não tenha havido propriamente o êxtase, mas o estado imediatamente anterior ao êxtase²¹⁴ fora atingido. O estado de êxtase pode ser atingido muito cedo, dado que a união com Nosso Senhor tem sido permanente, e de tal maneira profunda e violenta, que o arrebatamento não parece estar muito longe.”²¹⁵

Esta percepção de que estaria a experimentar níveis superiores de oração e comunhão com Deus é reconhecido pela própria Madre Teresa. Anos mais tarde, recordando o período de tempo em que esteve instalada em Asansol²¹⁶, refere: “[...] ali foi como se Nosso Senhor

²¹² Numa carta dirigida ao Arcebispo Périer, no final de 1947, Madre Teresa acaba por revelar a experiência de três visões. A primeira foi a de uma grande multidão de gente muito pobre que erguiam as suas mãos e pediam a Madre Teresa para os salvar e levar-lhes Jesus. A segunda visão consistiu na mesma multidão e de Nossa Senhora, que estando virada para eles pedia a Madre Teresa para cuidar deles, para lhes levar Jesus, para lhes ensinar o Rosário em família, assegurando que ela e o Seu Filho estariam sempre perto. Durante a terceira visão, tinha diante de si a mesma multidão, Jesus na Cruz, Nossa Senhora ao lado da Cruz e com a sua mão esquerda pousada no ombro esquerdo de Madre Teresa e a outra apertando o seu braço direito. Ouviu, então, Nosso Senhor lembrar-lhe que Ele, a Sua Mãe e aquela multidão lhe tinham pedido para avançar na nova missão. No final ainda lhe lançou a pergunta que a fazia estremeecer por dentro, se ela iria recusar tal pedido. (Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 111-112.)

²¹³ Da Madre Teresa para o Padre Van Exem, 19 de Outubro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 101-102.

²¹⁴ “No contexto da vida espiritual, o êxtase é um fenómeno místico em que a mente se fixa em Deus ou em algum tema religioso, ao mesmo tempo que é interrompida a normal atividade dos sentidos; a experiência pode ser acompanhada por uma alegria intensa e por visões.” (B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, nota do editor i, 97.)

²¹⁵ Do Padre Van Exem para o Arcebispo Périer, 8 de Agosto de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 97.

²¹⁶ Na primeira metade de 1947.

Se me tivesse entregado – por inteiro. A doçura e a consolação e a união daqueles 6 meses – passaram depressa de mais.”²¹⁷ E noutra ocasião recordava assim este período prévio à nova missão: “Havia tanta união – amor – fé – confiança – oração – sacrifício.”²¹⁸ Não há dúvida que Madre Teresa vivia momentos de grande luz na sua relação com Deus. É até provável que tenha chegado a experimentar o estado místico do êxtase. A clarividência com que Teresa sentia a proximidade de Deus era tal que, quando olhamos para aquilo que teve de passar posteriormente, torna-se ainda mais avassalador. O mesmo Deus que aqui, amorosamente Se lhe entregava totalmente, anos mais tarde, aparentará tê-la abandonado por completo e não mais desejá-la.

É novamente o seu diretor espiritual que desvenda a intensidade do que se passava por esta altura na vida de Madre Teresa: “A atração pelo Santíssimo Sacramento era por vezes tão intensa. [...] Noite após noite, o sono desaparecia – só para passar aquelas horas ansiando pela chegada d’Ele.”²¹⁹ O desejo de se unir ao Seu Amado adquiria traços de tanto fervor que eram quase impossíveis de conter. S. João da Cruz descreve bem o estado de alguém que é alvo de uma proximidade tão invulgar da parte de Deus: “O efeito [...] que fazem na alma é a quietude, a iluminação, a alegria à maneira de glória, suavidade, limpidez e amor, humildade, e inclinação ou elevação do espírito em Deus.”²²⁰

1.4. As sombras já existentes

É verdade que a luminosidade espiritual que Madre Teresa experimentava concorre

²¹⁷ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, provavelmente durante o retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 217.

²¹⁸ Da Madre Teresa para Nosso Senhor, sem data. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 98.

²¹⁹ Do Padre Van Exem para o Arcebispo Périer, 8 de Agosto de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 98.

²²⁰ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida ao Monte Carmelo*, II, XXIV, 6 in SÃO JOÃO DA CRUZ, *Obras espirituais do Doutor Místico São João da Cruz*, Carmelo de São José, Fátima, 1947, 214.

para um ainda maior embate quando nos deparamos com a dolorosa escuridão que posteriormente atravessou. A descontinuidade é tal que nos deixa desarmados. Contudo, mesmo estes anos do Loreto não foram pura luz ou isentos de sofrimentos espiritual. Em jeito de transição, não podemos deixar de realçar como que algumas “sombras” deste período e alguns dados que parecem já entrever esse futuro maioritariamente marcado pela desolação espiritual.

Como nos relata o Padre Van Exem, mesmo durante o período do novo chamamento, Madre Teresa chegou a deparar-se com uma forte luta interior:

“Passou por uma terrível desolação (5 dias em Maio) enquanto se encontrava em Darjeeling, altura em que a ideia da obra lhe pareceu uma estupidez [...], uma traição ao instituto a que pertence e às superiores. [...] Felizmente, a tentação deixou-a uns dias depois, e tudo voltou a ser luz, alegria, confiança, e a certeza de que se encontrava no bom caminho. [...] Na desolação, duvidou de tudo, teve muito receio, mas permaneceu disposta a imolar-se.”²²¹

É verdade que foram apenas alguns dias, mas estas linhas poderiam bem ser o relato da sua experiência futura. E tal como nesses anos posteriores, no meio da desolação, encontramos sempre em Madre Teresa uma vontade imperiosa de se unir a Cristo e n’Ele se abandonar em sacrifício.

Noutra altura, alguns anos antes do voto secreto, no limiar dos votos perpétuos, encontramos uma carta escrita ao seu antigo prior de Skopje. Nela, Madre Teresa dá conta da sua vida interior durante o tempo passado no Loreto:

“Não pense que a minha vida é um mar de rosas – que é flor que raramente encontro no meu caminho. Bem pelo contrário, o mais frequente é ter como companheira a “escuridão”. E quando a noite se torna muito intensa – e me parece que vou acabar no inferno – nessa altura ofereço-me a Jesus. Se Ele quer que eu vá para lá – estou pronta – mas só na condição de que isso O torne realmente feliz. Preciso de muita graça, de muita força de Cristo para perseverar

²²¹ Do Padre Van Exem para o Arcebispo Périer, 14 de Junho de 1947. B. KOLODIJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 88.

na confiança, nesse amor cego que é o único que conduz a Jesus Crucificado. [...] Mas não pense que estou apenas a sofrer. Ah, não – rio-me mais do que sofro – de tal maneira que houve quem chegasse à conclusão de que sou a noiva mimada de Jesus, que vive com Jesus em Nazaré – muito longe do Calvário.”²²²

É difícil perceber exatamente o que significa esta “escuridão” que Madre Teresa diz ter sido sua frequente companheira. Talvez não possamos assumir estarmos já perante a mesma experiência que viverá anos mais tarde: o sofrimento interior, a falta de consolações sensíveis, a secura espiritual, uma aparente ausência de Deus combinada com uma dolorosa ânsia d’Ele. Mas podemos, pelo menos, reconhecer que Madre Teresa tinha progredido de tal forma no amor a Deus que a sua confiança n’Ele já chegava a prescindir das consolações sensíveis. Aliás, a própria reconhece, como que em tom de gratidão, que somente nessa “escuridão” lhe era dada a oportunidade de um amor totalmente cego por Cristo crucificado.²²³

Como vemos expresso nesse excerto, a ligação ao Mistério da Paixão parece ser um dado fulcral na vida interior de Madre Teresa até então. E, se recordarmos o novo chamamento que escutou da parte de Deus, também ele é cheio de alusões a isso mesmo. Não por acaso, a grande passagem que Madre Teresa guardou no seu coração como sendo o resumo e a lembrança desse período foi o brado de Jesus na Cruz: “Tenho sede” (Jo 19, 28). A certa altura, instruía assim as suas irmãs: “«Tenho sede», disse Jesus na cruz, quando estava privado de todas as consolações, morrendo em Pobreza absoluta, abandonado, desprezado, vencido de corpo e alma. Falou da sua sede – não de água – mas de amor, de sacrifício.”²²⁴ O confronto com esta realidade da vida de Jesus teve de tal forma impacto no seu coração que compreendeu que a sua vida e a do novo carisma teriam um grande objetivo, o de saciar a sede de Jesus. A forma de o realizar seria a partir de duas dimensões. Por um lado, Madre

²²² Da Madre Teresa para o Padre Franjo Jambrekovich, 8 de Fevereiro de 1937. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 40.

²²³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 41.

²²⁴ Explicação das Constituições Originais. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 59.

Teresa viveria um amor esponsal constante por Jesus. Por outro lado, cuidaria dos mais pobres dos pobres, vendo neles o mesmo Cristo crucificado, sedento de amor.²²⁵ Madre Teresa bem sabia que o próprio Jesus optara por se identificar com esses por quem ninguém olha: “O que fizestes a um destes Meus irmãos, a Mim o fizestes.” (Mt 25, 40) E assim, desenhando o novo carisma, acabou por unir as duas passagens bíblicas, tomando-as como elemento unificador da sua vida espiritual e da nova congregação.

Nesse horizonte da Paixão, Jesus avisara Madre Teresa do que estaria para vir: “Sofrerás e já sofres – mas se fores a Minha pequena esposa – a Esposa de Jesus Crucificado – terás de suportar estes tormentos no teu coração.”²²⁶ Por esta altura, Madre Teresa não tinha maneira de saber a dimensão do que significava este anúncio e o quanto teria de sofrer para cumprir esta vocação de se unir ao Crucificado, de levar a alegria ao Seu Coração e ser vítima do Seu amor. Contudo, anos mais tarde, e ainda imersa numa alegria de ver a nova congregação de pé, não deixava de declarar o seguinte: “Mas ainda falta uma parte, que é que eu terei de sofrer muito.”²²⁷ Era como se tivesse a consciência de que, embora já tivesse passado por muitos sofrimentos até então, estes ainda não correspondiam à promessa de Jesus.

2. A noite de um Deus aparentemente ausente

Quando Madre Teresa foi surpreendida com um novo chamamento, uma das coisas que ouviu da parte de Deus foi o seguinte: “*Vais sofrer – vais sofrer muito – mas lembra-te de que Eu estou contigo. – Mesmo que todo o mundo te rejeite – lembra-te de que és Minha – e de que Eu sou todo teu. Não tenhas medo. [...] Obedece apenas. Eu nunca te deixarei – se*

²²⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 60-61.

²²⁶ Da Madre Teresa ao Arcebispo Périer, 13 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 66.

²²⁷ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 30 de Julho de 1951. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 152.

obedeceres.”²²⁸ Apesar de anunciar um percurso de muito sofrimento, Jesus garante a Madre Teresa que nunca a abandonará. Mas, como se veio a saber, logo desde o começo da sua missão entre os pobres produziu-se uma mudança radical na vida interior de Madre Teresa. Após alguns anos a sofrer em silêncio, Madre Teresa finalmente partilhou aquilo que se passava consigo ao bispo de Calcutá: “Por favor reze especialmente por mim para que eu não estrague a obra d’Ele e para que Nosso Senhor Se mostre – pois há dentro de mim uma escuridão terrível, como se tudo estivesse morto. Tem sido assim mais ou menos desde a altura em que dei início à «obra».”²²⁹ Ao contrário do que seria de esperar, e apesar de Deus ter prometido a Madre Teresa que não a deixaria sozinha nos sofrimentos, aquilo que veio a experimentar foi o desaparecimento repentino d’Aquele que amava e era o seu sustento.²³⁰

2.1. Estado da questão

Segundo as fontes disponíveis, tudo indica que logo desde o início da sua nova missão²³¹, Madre Teresa terá atravessado por aquilo que o carmelita do séc. XVI, São João da Cruz²³², denomina por “noite escura da alma”, sendo que esse período ter-se-á estendido, sem grandes mudanças²³³, até ao dia da sua morte. Quando comparado com outras vidas de santos

²²⁸ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 3 de Dezembro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 111.

²²⁹ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 18 de Março de 1953. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 159.

²³⁰ Acerca deste tema: Cf. F. MARXER, *Au péril de la nuit: Femmes mystiques du xx^e siècle*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2017, 407-463; Cf. H. D. EGAN, *Soundings in the christian mystical tradition*, Liturgical Press, Minnesota, 2010, 368-372; Cf. C. ZALESKI, “The dark night of Mother Teresa”, *First Things* 133 (2003) 24-27.

²³¹ Logo em 1949, o que escreveu no seu diário parece dar a entender que o vazio espiritual já era uma realidade: “Hoje – meu Deus – que torturas de solidão. – Pergunto-me quanto tempo aguentará o meu coração. O Pe. Bauwens [...] veio abençoar a casa. As lágrimas corriam-me sem parar. Toda a gente se apercebe da minha fraqueza.” (Do diário da Madre Teresa, 28 de Fevereiro de 1949. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 145.)

²³² Madre Teresa conhecia bem os seus escritos: “[...] As obras de São João da Cruz são livros que sou capaz de compreender um pouco e de ocasionalmente apreciar. – São escritos que me aumentam a fome de Deus confrontando-me em seguida com a terrível sensação de ser «indesejada por Ele».” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 27 de Novembro de 1969. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 269.)

²³³ A única exceção assinalável aconteceu durante o ano de 1958, por ocasião da morte do Papa Pio XII. Durante a Missa celebrada pelo defunto, Madre Teresa ter-lhe-á pedido, em oração, que mandasse uma prova de que

e santas, que passaram por experiências semelhantes, uma coisa torna-se clara. Aquilo por que teve de passar Madre Teresa, no que toca à duração, cerca de quarenta e oito anos de escuridão, é algo de único na história da tradição espiritual²³⁴.

Para alguém que imaginasse o caminho da santidade como um percurso envolvido em consolações constantes, o confronto com esta fase da vida de Madre Teresa serviria, certamente, de correção e, para alguns, poderá mesmo ser fonte de alguma incompreensão. Efetivamente, quando confrontados com uma vida assim não há dúvida que são inúmeras as questões que se impõem. Se, de facto, Deus continuava próximo de Madre Teresa, então porque é que ela se sentia tão abandonada? Porquê um percurso tão doloroso? Se viveu sempre mergulhada na escuridão espiritual, como é que depois foi capaz de testemunhar em público, com tanto impacto e convicção, aquilo em que acreditava?²³⁵ Não será que a melhor leitura desta experiência da ausência de Deus é de que se tratava de algo do foro psicológico, como uma depressão? Será que Madre Teresa deixou de ter fé?²³⁶

Se olharmos pelo prisma daqueles que habitualmente criticavam Madre Teresa, a revelação deste período noturno foi tomado como evidência de que a sua santidade era uma farsa e que as suas intervenções públicas em nome da fé não passavam de uma hipocrisia. Um dos que mais se destacou, Christopher Hitchens, afirmou mesmo que as cartas reveladas demonstravam que Madre Teresa era apenas uma mulher idosa imersa nas suas confusões interiores e que teria simplesmente perdido a fé. Argumentava também que a interpretação eclesial da experiência de Madre Teresa, ao defender que se tinha tratado de uma noite escura

Deus estaria satisfeito com a nova congregação: “Nesse preciso momento desapareceu a prolongada escuridão, a dor da perda – da solidão – aquele estranho sofrimento de dez anos. Hoje, a minha alma está cheia de amor e de uma alegria indescritível – de uma inquebrantável união de amor.” (Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 7 de Novembro de 1958. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 184.) Tratou-se de um período altamente consolador mas de pouca duração. Tendo passado um mês, Madre Teresa voltou a sentir que Jesus tinha desaparecido da sua vida e estava novamente mergulhada na escuridão. (Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 185.)

²³⁴ O testemunho que mais se aproxima à experiência de Madre Teresa é talvez a de São Paulo da Cruz. Pelo que se sabe, terá passado por trinta e cinco anos de escuridão interior. (Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, nota de rodapé 186, 510.)

²³⁵ Cf. P. MURRAY, *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, 31-32.

²³⁶ Cf. K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 92.

da alma, tal como é conhecido pela Teologia Espiritual, era um mecanismo perverso de marketing que procurava apenas mascarar o desespero individual com a ilusão de ser uma experiência extraordinária de fé. Não vale a pena negar que estamos perante uma vivência, em parte, perturbadora. Se Deus pode parecer tão ausente a uma mulher como esta, o que restará de esperança para o crente comum? Também não negamos que, ao longo da sua vida, Madre Teresa possa até ter experimentado momentos de maior cansaço ou debilidade psicológica. Dada a natureza do seu trabalho, quem não o experimentaria? Mas concluir que a longa escuridão espiritual foi apenas o resultado de uma forte depressão ou da perda de fé, seria cair num olhar superficial e incapaz de assimilar o seu verdadeiro significado espiritual.²³⁷ Mesmo tratando-se de um período doloroso, acreditamos ser possível, à luz da Teologia Espiritual, descobrir aí uma paradoxal intensificação da união com Deus.

2.2. A escuridão vivida

Quando Madre Teresa se lança na sua nova missão, em direção à pobreza de Calcutá, vai sustentada pelas intensas consolações espirituais que envolveram os meses da sua “inspiração”: “Presentemente, a minha alma encontra-se em perfeita paz e alegria.”²³⁸ Mas essa luz proveniente da intensa união com Deus foi rapidamente substituída por uma escuridão espiritual que viria a fazer parte integrante de toda a sua vida como Missionária da Caridade. As cartas que foi escrevendo dão-nos a verdadeira profundidade daquilo que começou a sentir na sua vida interior. Particularmente esclarecedora dessa mudança é a carta que escreveu ao Padre Neuner, já em 1961:

“Eu era muito feliz em Loreto, Padre. – Acho que era a mais feliz das freiras. – Depois veio o

²³⁷ Cf. K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 92-93.

²³⁸ Da Madre Teresa para o Padre Van Exem, 17 de Setembro de 1948. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 138.

chamamento. – Nosso Senhor pedia-me diretamente – a voz era clara e cheia de convicção. – Uma vez e outra me chamou em 1946. – Eu sabia que era Ele. [...] Depois começou o trabalho – em Dezembro de 1948. [...] Agora Padre – desde 49 ou 50 esta terrível sensação de perda – esta escuridão indizível – esta solidão – esta ânsia permanente de Deus – que me provoca uma dor no fundo do coração. – A escuridão é tal que não vejo mesmo nada – nem com a mente nem com a razão. – O lugar de Deus na minha alma é um espaço vazio. – Não há Deus em mim. – Quando a dor da ânsia é tão grande – anseio e anseio por Deus e nada mais – e é então que sinto – que Ele não me quer – que Ele não está ali. – O céu – as almas – são meras palavras – que nada significam para mim. – Até a minha vida me parece contraditória. Ajudo as almas – a irem para onde? – Porquê tudo isto? Onde está a alma no meu ser? Deus não me quer. – Por vezes – apenas oiço o meu próprio coração a chamar - «Meu Deus» e não sai mais nada. – Não sou capaz de explicar a tortura e a dor. – Desde a infância que tenho tido um terno amor por Jesus no Santíssimo Sacramento – mas também isso desapareceu. – Nada sinto diante de Jesus – e contudo não posso deixar de receber a Sagrada Com.[Comunhão] por coisa alguma deste mundo. [...] Anseio por Deus – quero amá-Lo – quero amá-Lo muito – quero viver apenas por amor a Ele – amar apenas – e não há senão dor – ânsia sem amor algum.”²³⁹

Neste excerto comovente, recordando com saudade os tempos do passado, fica bem claro que tudo tinha mudado na vida de Madre Teresa, e de forma relativamente abrupta. Tudo o que antes era luz, calor, união, amor, alegria, comunhão, tinha desaparecido dando lugar ao vazio, solidão, perda, dor. Permanece aquela ânsia de amar Deus com todas as suas forças mas confronta-se agora com a sensação de já não ser desejada por Ele. É uma transição tão profunda e tão repentina que Madre Teresa não é capaz de encontrar sentido para a sua situação. Aquilo que se passava no seu interior mais parecia uma contradição ao que julgava ser a experiência de alguém próximo de Deus. Pela forma como escreve, compreendemos que a sensação de abandono era imensa. Estamos a falar de alguém que tinha largado tudo para dar início a uma nova congregação, na confiança de que essa era a vontade de Deus, e eis que no momento exato de o concretizar, Aquele que amava e que a chamara parece desaparecer por completo.²⁴⁰

²³⁹ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, sem data, muito provavelmente escrito durante o retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 216-217.

²⁴⁰ Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 506.

Contudo, a sua compreensão e aceitação daquilo que experimentava foi sofrendo, ao longo dos anos, algumas alterações. Com muita ajuda do acompanhamento espiritual, e de forma lenta, Madre Teresa foi conseguindo ver na escuridão e solidão que sentia não a separação ou rejeição de Deus, mas antes uma paradoxal comunhão com Deus, na medida em que não era percebida. Misteriosamente, esta mudança radical era nada mais que o cumprimento espiritual da sua missão como Missionária da Caridade. Era a participação privilegiada na paixão de Jesus e na pobreza dos pobres com quem Ele está unido e a quem a tinha enviado.²⁴¹

Como dissemos anteriormente, após alguns anos a sofrer em silêncio, Madre Teresa acaba por revelar ao Arcebispo Périer o seu estado interior. Um pouco tempo depois volta a partilhar: “A minha alma permanece mergulhada numa escuridão e desolação profundas. Não, não me queixo – que Ele faça comigo o que bem quiser.”²⁴² Apesar de não perceber o porquê do que estava a viver, Madre Teresa permanece disponível, à luz do voto secreto de 1942, para nunca recusar nada a Jesus, inclusivamente aquela escuridão. Quase um ano depois, acrescenta mais um dado à sua experiência, a solidão: “A solidão que tenho no coração é tão profunda que não sou capaz de a expressar. – Há vários meses que não consigo falar com o Pe Van Exem e tenho cada vez mais dificuldades em falar. Durante quanto tempo permanecerá Nosso Senhor longe?”²⁴³

Uma das dificuldades aqui mencionadas e que acompanhará Madre Teresa é a incapacidade em comunicar a sua situação, em verbalizar a realidade do seu sofrimento espiritual, concretamente com o Padre Van Exem, que por esta altura era o seu diretor espiritual. Parecia que, à medida que a desolação aumentava, mais difícil era encontrar palavras para identificar aquilo que sentia, algo que tornava o acompanhamento espiritual

²⁴¹ Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, nota de rodapé 186, 506-507.

²⁴² Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 26 de Fevereiro de 1954. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 164.

²⁴³ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 21 de Janeiro de 1955. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 167.

particularmente doloroso: “Antigamente ia buscar esta ajuda e este consolo à direção espiritual – desde que começou o trabalho – nada. – Nem eu tenho nada a dizer – pelo menos assim parece.”²⁴⁴ Anos mais tarde, já em 1959, continua a declarar a mesma dificuldade: “Disse-me que lhe escrevesse – mas eu nada consigo expressar. – Não sei por que motivo é assim – quero contar – mas não encontro palavras que exprimam a dor que sinto.”²⁴⁵

A verdade é que a situação de Madre Teresa não melhorava e, com o tempo, mais se adensavam a escuridão e desolação: “Reze por mim – porque dentro de mim tudo é um frio de gelo. – É só aquela fé cega que me sustenta porque na realidade tudo é para mim escuridão. Desde que Nosso Senhor esteja satisfeito – eu não conto para nada.”²⁴⁶ Não deixa de ser impressionante este testemunho de uma fé completamente despida de consolações, pura entrega no meio da dor. Finalmente, em Fevereiro de 1956, escrevendo para o bispo de Calcutá, Madre Teresa faz uma descrição um pouco mais detalhada da sua experiência interior:

“Quero dizer-lhe uma coisa – mas não sei como hei de expressá-la. Anseio – com uma ânsia dolorosa ser toda para Deus – ser santa de tal maneira que Jesus possa viver por completo a Sua vida em mim. Quanto mais o quero – menos sou querida. – Quero amá-Lo como Ele nunca foi amado – mas existe uma separação – um vazio tremendo, um sentimento de ausência de Deus. – Há mais de quatro anos que não encontro auxílio na direção do Ver. Pe. C. Van Exem. Mas não deixo de lhe obedecer cegamente. Fui muitas vezes ao confessorário na esperança de conseguir falar mas nada me sai. [...] Não estou a queixar-me – apenas quero percorrer todo o caminho com Cristo. [...] Diga-me o que deve fazer a sua filha – quero obedecer a qualquer preço – e se me disser que continue assim até ao fim da vida estou pronta a obedecer com alegria. [...]”²⁴⁷

²⁴⁴ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 4 de Abril de 1955. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 169-170.

²⁴⁵ Da Madre Teresa para o Pe Picachy, anexada à carta escrita para Jesus, 3 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 200.

²⁴⁶ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 15 de Dezembro de 1955. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 172.

²⁴⁷ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 8 de Fevereiro de 1956. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 172-173.

E pouco tempo depois, volta a partilhar o drama interior que vivia e o enorme desejo que tinha de algum tipo de alívio:

“Por favor reze por mim, para que seja do agrado de Deus erguer esta escuridão da minha alma nem que seja durante alguns dias. Porque às vezes a agonia da desolação é tão grande ao mesmo tempo que a ânsia pelo Ausente é tão profunda que a única que oração que ainda consigo rezar é – Sagrado Coração de Jesus confio em Vós – Quero saciar a Vossa sede de almas.”²⁴⁸

Ao longo deste período, o Arcebispo Périer foi procurando aconselhar Madre Teresa na melhor forma de viver esta etapa da sua vida e, embora ela levasse muito a sério as suas indicações, a verdade é que acabavam por não produzir qualquer alívio. Por esta altura, o bispo de Calcutá admitia ainda tratar-se de um tempo de purificação em vista a uma maior união com Deus e um auxílio contra o orgulho perante os enormes frutos do seu trabalho. Não descartava, também, a possibilidade de ser uma tentação do demónio, com o objetivo de a desencorajar da obra que realizava.²⁴⁹

Quando começa a ser acompanhada pelo Padre Jesuíta Lawrence Trevor Picachy, Madre Teresa expressa esse sofrimento que apenas se adensava: “Se soubesse aquilo por que estou a passar – Ele destrói tudo quanto há em mim. – Mas como nada tenho por meu – Ele tem liberdade para fazer seja o que for.”²⁵⁰ Mesmo sem perceber o significado do que estava a viver a sua disponibilidade para uma entrega sem limites permanece inabalável. Apenas nessa firmeza poderia dizer: “Reze por mim por favor para que eu continue a sorrir-Lhe apesar de tudo. Porque sou toda sua – pelo que Ele tem plenos direitos sobre mim. Sinto-me perfeitamente feliz por não ser ninguém nem sequer para Deus.”²⁵¹ “Sou a Sua pequenina – e

²⁴⁸ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 27 de Março de 1956. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 173-174.

²⁴⁹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 167-176.

²⁵⁰ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 26 de Janeiro de 1957. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 177.

²⁵¹ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 28 de Fevereiro de 1957. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 178.

amo-O, – não por aquilo que Ele dá – mas por aquilo que tira.”²⁵²

Alguns anos mais tarde, a separação de Deus apresentava-se-lhe de forma tão intensa que a analogia que melhor encontrou para manifestar aquilo que vivia era o sofrimento do inferno:

“Dizem que os que estão no inferno sofrem uma dor eterna devida à perda de Deus – que estariam dispostos a sofrer tudo aquilo se tivessem a mais pequena esperança de possuir a Deus. – Na minha alma sinto justamente essa dor terrível de perda – de Deus não me querer – de Deus não ser Deus – de Deus não existir realmente (Jesus perdoa-me estas blasfêmias por favor – disseram-me que escrevesse tudo). Esta escuridão que me rodeia por todos os lados – não consigo elevar a alma para Deus – nem luz nem inspiração alguma me entram na alma. – Falo do amor pelas almas – de um terno amor a Deus – as palavras passam-me pelas palavras [sic, lábios] – e eu anseio com uma ânsia profunda acreditar nelas. – Porque trabalho? Se Deus não existe – a alma não pode existir. – Se a Alma não existe então Jesus – também Tu não és verdade. – O Céu, que vazio – nem um pensamento do Céu me entra no espírito – porque não há esperança. – Tenho receio de escrever estas coisas horríveis que me passam pela alma. – Devem magoar-Te. No meu coração não há fé – nem amor – nem confiança – há tanta dor – a dor da ânsia, a dor de não ser querida. – Quero a Deus com toda a força da minha alma – mas há entre nós – esta separação terrível. – Deixei de rezar – pronuncio as palavras das orações da comunidade – e faço o que posso para retirar de cada palavra todo a doçura que ela tem para dar. – Mas a minha oração de união deixou de lá estar. [...] – E contudo quando ando sozinha pelas ruas – falo Contigo durante horas seguidas – da minha ânsia de Ti. – Que íntimas são tais palavras – e no entanto que vazias, porque me deixam longe de Ti. – O trabalho não me traz alegria, nem atrativo, nem zelo. [...] Não duvido que foste Tu que me chamaste, com tanto amor e tanta força. [...] É por isso que a obra é Tua e continuas a ser Tu – mas deixei de ter Fé – não acredito. [...] Se isto Te agrada – se a minha dor e o meu sofrimento – a minha escuridão e a minha separação Te proporcionam uma gota de Consolo – meu querido Jesus, faz de mim o que quiseres – enquanto quiseres, que nada Te importem os meus sofrimentos e a minha Dor. [...] Se a minha separação de Ti, – levar outros a Ti e no seu amor e na sua companhia Tu encontrares alegria e satisfação – pois bem, Jesus, estou disposta com todo o meu coração a sofrer tudo o que sofro – não apenas agora – mas para toda a eternidade – se tal fosse possível. Apenas quero a Tua felicidade. [...] Por favor não Te incomodes – mesmo que me vejas desmaiar de dor. [...] Quero saciar a Tua Sede com cada gota de sangue que possas encontrar em mim. [...] Por favor não Te incomodes a regressar depressa. – Estou disposta a

²⁵² Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 12 de Setembro de 1957. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 180.

esperar por Ti para toda a eternidade.”²⁵³

Esta ideia de um sofrimento apenas comparável à experiência do inferno, porque realidade de uma vida totalmente separada de Deus, é algo que não desaparecerá com o tempo²⁵⁴. Esse tempo que teimava em não trazer qualquer tipo de alívio à sua agonia espiritual obrigava a que Madre Teresa crescesse numa fé totalmente despida de qualquer consolação e na esperança que tais tormentos saciassem a sede de Jesus. Nesta carta que escreve a Jesus fica bem patente o contraste existente entre a dor sentida e a maneira como decidia agir pela luz da fé. São palavras duras mas, ao mesmo tempo, cheias de ternura de quem estava mais preocupada com a felicidade de Jesus. E assim, permanecia ligada Àquele em quem acreditava mas sentia não existir, Àquele que amava mas de cujo amor não tinha percepção.²⁵⁵ Numa outra carta, encontramos talvez a melhor descrição da profundidade do que Madre Teresa experimentava:

“Na escuridão...Senhor, meu Deus, quem sou eu para que Tu me abandones? Sou uma filha do teu amor – que se tornou a mais odiada – aquela que abandonaste como indesejada – como não amada. Eu chamo, agarro-me, quero – e ninguém me responde – não há ninguém a Quem possa agarrar-me – não, Ninguém. – Sozinha. A escuridão é tão profunda – e eu estou sozinha. – Indesejada, abandonada. – A solidão do coração que deseja amar é insuportável. – Onde está a minha fé? – mesmo lá no fundo, aí mesmo, nada existe a não ser vazio e escuridão. – Meu Deus – que dolorosa é esta dor desconhecida. Dói sem cessar. – Não tenho fé. – Não me atrevo a proferir as palavras e os pensamentos que me povoam o coração – e me fazem sofrer uma agonia indescritível. São tantas as perguntas sem resposta que vivem dentro de mim – tenho receio de as trazer à luz – por serem blasfemas. – Se Deus existe, – por favor perdoa-me. – Confiança em que tudo acabará no Céu com Jesus. – Quando tento elevar o pensamento para o Céu – o vazio é de tal maneira convincente que esses mesmos pensamentos regressam como

²⁵³ Da Madre Teresa para Jesus, carta anexada à carta para o Padre Picachy, 3 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 200-202.

²⁵⁴ Em 1965, escreve o seguinte: “Se há inferno – deve ser assim. Que coisa terrível é estar sem Deus – sem oração – sem fé – sem amor. – A única coisa que ainda permanece – é a convicção de que a obra é d’Ele – de que as Irmãs e os Irmãos são d’Ele. – E eu agarro-me a isto como a pessoa que nada tem se agarra à palha – antes de se afundar.” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, antes de 8 de Janeiro de 1965. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 255.)

²⁵⁵ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 202-203.

punhais afiados e me ferem a alma. – Amor – a palavra – nada traz. – Dizem-me que Deus me ama – e contudo a realidade da escuridão e da frieza e do vazio é tão grande que nada me toca a alma. Antes de se iniciar a obra – havia tanta união – amor – fé – confiança – oração – sacrifício. – Terei cometido um erro ao submeter-me cegamente ao chamamento do Sagrado Coração? Não é o trabalho que está em dúvida – porque estou convencida de que é d’Ele e não meu. [...] Sempre a sorrir – as Irmãs e as pessoas fazem cada observação. – Acham que a fé, a confiança e o amor me enchem todo o meu ser e que a intimidade com Deus e a união à Sua vontade me devem absorver o coração. – Se soubessem até que ponto a minha alegria é a capa com a qual cubro o vazio e a infelicidade. Apesar de tudo – esta escuridão e este vazio não são tão dolorosos como a ânsia de Deus. – A contradição que receio que me desequilibre. – O que estás Tu a fazer meu Deus a criatura tão pequena? Pediste-me para imprimires a Tua paixão no meu coração – é esta a resposta? Se isto for para Tua glória, se Tu obténs uma gota que seja de alegria com isto – se houver almas que se aproximam de Ti – se o meu sofrimento saciar a Tua sede – aqui estou eu meu Senhor, com alegria aceito tudo até ao final da vida – e sorrirei à Tua Face Oculta – sempre.”²⁵⁶

Não há dúvida que estamos perante uma experiência limite que nunca abarcaremos na totalidade. Madre Teresa sente que os fundamentos da sua vida, a fé, a esperança, o amor, simplesmente desapareceram. Inclusivamente, também aquele zelo pela salvação das almas, que a tinha conduzido até à Índia, parecia já não existir. Mas aquilo que não desaparecia e parecia até crescer era o seu desejo por Deus. Vivia numa ânsia tal por chegar à Sua presença que Madre Teresa identificava essa mesma ânsia como a experiência mais dolorosa.²⁵⁷ Tratava-se de um desejo intenso, mas desprovido de qualquer consolação, por não alcançar objeto algum que o preenchesse.²⁵⁸ Numa outra carta encontramos o seguinte: “Não sabia que o amor podia fazer a pessoa sofrer tanto. – Aquele era o sofrimento da perda – este é o da ânsia – de uma dor humana mas causada pelo divino.”²⁵⁹

Com efeito, é possível reconhecer na dor interior de Madre Teresa duas dimensões

²⁵⁶ Da Madre Teresa para Deus, enviada ao Padre Picachy, muito provavelmente escrito em 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 195-196.

²⁵⁷ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 178.

²⁵⁸ Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 514.

²⁵⁹ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 6 de Novembro de 1958. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 188.

distintas. Diz-nos Teresa Messias que a primeira é a “perda de um dom, ausência de algo que se recebeu anteriormente com gozo.” A segunda é o isolamento ou ausência de comunhão que “brota de não poder sentir que consola ao Amado/Desejado nem que se é recebido, acolhido por Ele: é solidão radical. É uma dor de quem não pode receber consolação e sente que o pode e quer oferecer [...] não encontra acolhimento. Um desejo em pura passividade”²⁶⁰. De facto, tratou-se de uma travessia torturante entre o sentimento de ter perdido a Deus e o desejo insaciável de O alcançar. Nesse sentido, Madre Teresa foi como que uma mártir do desejo.²⁶¹

Outra das razões para o seu sofrimento espiritual é o facto de não compreender o porquê de estar assim, de ainda não perceber o sentido para a desolação que atravessava. Vemos isso patente na pergunta que lança em oração: “Pediste-me para imprimires a Tua paixão no meu coração – é esta a resposta?” Madre Teresa parece estar imersa no drama de tentar perceber se aquilo que vive tem alguma coisa que ver com a Paixão de Jesus, se tem alguma coisa que ver com aquilo que lhe tinha sido pedido no momento do chamamento, ou se, pelo contrário, vive numa contradição total.²⁶² Por isso mesmo, não deixa de questionar quem a acompanhava: “Diga-me Padre, por que motivo há tanta dor e escuridão na minha alma? Há momentos em que dou por mim a dizer «Não aguento mais»”²⁶³, e noutra altura desabafa: “Não compreendo que gosto pode Ele retirar desta escuridão – mas como o Padre disse – deixo-O fazer o que quiser. – Não sei exprimir – mas quero querer como Ele quer.”²⁶⁴ É natural que inúmeras questões e dúvidas habitassem o coração de Madre Teresa, pois estamos a falar de uma experiência de perda de referências, ou talvez da única referência fundamental que confere sentido a quem se entrega aos pedidos do Céu, o sentimento de

²⁶⁰ T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 514-515.

²⁶¹ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 189.

²⁶² Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 516.

²⁶³ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 2 de Agosto de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 197-198.

²⁶⁴ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 23 de Janeiro de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 214.

união com Jesus.²⁶⁵

Nesta busca de sentido para a escuridão, ocorria, por vezes, a Madre Teresa a possibilidade de ela se tratar de uma consequência das suas imperfeições e o único meio de Deus a purificar: “Devo ter estado tão cheia de mim durante estes anos – uma vez que Deus demora tanto tempo a esvaziar-me. – Espero que um dia quando estiver completamente vazia Ele venha”²⁶⁶. Em certa medida, esperava que, depois de totalmente purificada, o gozo de antigamente voltasse. Noutra ocasião, acerca de uma frase que tinha lido sobre o facto de o amor de Deus produzir sofrimento quando entra em contacto com a imperfeição, refletia: “Deve haver tanto nada em mim, e é por isso que este fogo provoca tanta dor.”²⁶⁷

Entretanto, o que sentia era que Deus “tudo destruiu em mim. – A única coisa que me mantém à superfície – é a obediência.”²⁶⁸ Não deixa de ser impressionante esta capacidade de permanecer fiel ao trabalho da Congregação e ao amor por Jesus: “Amei-O cegamente, totalmente, só. Recorro a todas as minhas potências – a despeito daquilo que sinto, para O tornar pessoalmente amado pelas Irmãs e pelas pessoas.”²⁶⁹ Outro dado importante é que, mesmo no meio de um desamparo sem igual, há algo que Madre Teresa é capaz de reconhecer: “[...] esta solidão é dura. A única coisa que permanece é a profunda e forte convicção de que a obra é d’Ele.”²⁷⁰ A clareza com que em 1946 sentiu o chamamento e os rápidos e surpreendentes frutos da nova congregação fizeram com que Madre Teresa nunca duvidasse da Providência de Deus para com as Missionárias da Caridade.

A verdade é que quanto mais a escuridão se prolongava mais intensamente era vivida e mais difícil era de suportar: “O conflito na minha alma está a aumentar – que sofrimento

²⁶⁵ Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, 514-515.

²⁶⁶ Da Madre Teresa para o Bispo Picachy, 13 de Fevereiro de 1963. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 246.

²⁶⁷ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 30 de Março de 1966. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 260.

²⁶⁸ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 1 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 199.

²⁶⁹ Notas de Retiro da Madre Teresa, 29 de Março a 12 de Abril de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 203.

²⁷⁰ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 18 de Maio de 1962. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 242.

indizível.”²⁷¹ Muito desse conflito resultava também do enorme receio que Madre Teresa tinha de, num momento de maior dor interior, vir a quebrar o compromisso de 1942, de nunca recusar nada a Deus: “Reze por mim, Padre – dentro de mim há tanto sofrimento. – Reze por mim para que eu nada recuse a Deus nesta hora – não quero fazê-lo, mas receio que tal venha a acontecer.”²⁷²

2.3. O sentido da sua escuridão

Em 1961, o Padre Jesuíta Joseph Neuner foi convidado para pregar um retiro às Missionárias da Caridade. Nesse contexto, Madre Teresa acabou por partilhar pessoalmente com o pregador a sua experiência de escuridão.²⁷³ As partilhas não ficaram por aí e Madre Teresa passou a confiar a sua vida a este novo acompanhamento espiritual. O Padre Neuner recorda bem as inúmeras questões com que, nessa altura, a religiosa se debatia interiormente:

“Estaria no bom caminho ou estaria a ser vítima de uma rede de ilusões? Porque a teria Deus abandonado por completo? Porquê esta escuridão, quando anteriormente estivera tão perto de Deus? Ela tinha de orientar as Irmãs, de as iniciar no amor a Deus e numa vida de oração, que tinha sido completamente varrida da vida dela, [...] ter-se-ia tornado numa hipócrita sem vergonha, que falava aos outros dos mistérios divinos, que no entanto tinha desaparecido por completo do seu coração?”²⁷⁴

O acompanhamento espiritual que aqui se iniciou veio a ser crucial para a vida espiritual de Madre Teresa. Com efeito, o Padre Neuner foi capaz de oferecer uma chave interpretativa que finalmente lhe trouxe algum alívio. Ao contrário de classificar a escuridão

²⁷¹ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 21 de Novembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 205.

²⁷² Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 13 de Dezembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 205.

²⁷³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 216.

²⁷⁴ Testemunho do Padre Neuner sobre Madre Teresa. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 216.

por ela vivida como um percurso purificador de alguém separado de Deus, o Padre Neuner compreendeu-a à luz de uma Graça especial e de uma profunda união, de quem partilha com Jesus a escuridão da Sua Paixão:

“Não havia qualquer indicação de falta grave da parte dela que pudesse explicar a sua secura espiritual. Tratava-se simplesmente da noite escura, um estado conhecido por todos os mestres da vida espiritual – embora eu nunca tivesse visto nenhuma tão profunda nem tão prolongada como a dela. É um estado contra o qual não há remédio humano e que só se consegue suportar com a garantia da presença oculta de Deus e da união com Jesus, que na Sua paixão teve de suportar o fardo e a escuridão do mundo pecador pela nossa salvação. O sinal seguro da presença oculta de Deus nesta escuridão é a sede de Deus, a ânsia de um raio que seja da Sua luz. Uma pessoa não pode ansiar por Deus a não ser que Deus esteja presente no seu coração. De maneira que a única reação possível a esta provação é a total submissão a Deus e a aceitação da escuridão em união com Jesus.”²⁷⁵

O impacto desta leitura espiritual foi enorme. Depois de tanto tempo a sofrer sem perceber porquê, via agora algum sentido para as suas provações. Chega mesmo a sentir alguma consolação pelo facto de a sua prolongada desolação ser afinal a possibilidade privilegiada de se unir à mesma escuridão que Jesus tinha experimentado na Sua Paixão:

“Não sei exprimir-lhe em palavras – a gratidão que sinto pela sua amabilidade para comigo. – Pela primeira vez ao longo destes 11 anos – cheguei a amar a escuridão. – Pois estou agora convencida de que é parte, uma parte muito, muito pequena da escuridão e da dor de Jesus neste mundo. O Padre ensinou-me a aceitá-la [como] um «lado espiritual da ‘sua obra’», como me escreveu. – Hoje senti realmente uma profunda alegria – que Jesus já não pode passar por aquela agonia – mas que quer passar por ela em mim. – Submeto-me a Ele mais do que nunca. – Sim – mais do que nunca estarei à Sua disposição.”²⁷⁶

Ainda que a escuridão não tivesse abrandado, Madre Teresa passou a entender a sua vida de forma mais coesa e unitária. Até então, tendia a ver a sua luta espiritual como uma

²⁷⁵ Testemunho do Padre Neuner. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 220.

²⁷⁶ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, muito provavelmente 11 de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 221.

descontinuidade brutal e sem sentido, mas agora era capaz de a entender como parte integrante do seu chamamento. Por isso mesmo, podia agora dizer: “Não, Padre, não estou sozinha. – Tenho a escuridão d’Ele – tenho a dor d’Ele – tenho esta ânsia terrível de Deus – de amar e não ser amada. Sei que tenho Jesus – nesta união inquebrantável – porque a minha mente está fixada n’Ele e apenas n’Ele”²⁷⁷. Anos mais tarde, Madre Teresa dá sinais de continuar a aprofundar e a aceitar esta leitura da sua vida espiritual: “Obrigado por ter explicado de maneira tão simples – Não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim.”²⁷⁸ Jesus estava tão unido a Madre Teresa que podia viver a Sua vida nela, mais concretamente, a escuridão da Sua Paixão. Não há dúvida que, a partir desta interpretação, um “rasgo de luz” entrou na vida interior de Madre Teresa. Paradoxalmente, aquilo que sentia como separação de Deus era afinal o sinal de uma união maior. O mesmo reforça o Padre Neuner:

“A experiência redentora da sua vida foi ter compreendido que a noite que vivia no seu coração era uma maneira especial de partilhar a paixão de Jesus. [...] Percebemos assim que a escuridão era, na realidade, o elo misterioso que a unia a Jesus. Era o contacto da ânsia íntima de Deus. [...] Não podemos ansiar por algo que não nos seja intimamente próximo. A sede é mais do que ausência de água.”²⁷⁹

Efetivamente, podemos dizer que era como se Madre Teresa estivesse a partilhar a mesma sede de Jesus na Cruz, aquela sede cujo grande objetivo das Missionárias da Caridade era o de saciar. Vendo assim, foi por meio da escuridão que melhor penetrou na própria razão de ser da Congregação que conduzia. Misteriosamente, o centro da vida das Missionárias da Caridade foi também a grande marca espiritual de Madre Teresa, a sede de amor. Quase vinte anos depois de ter compreendido a sua noite como a noite de Jesus, Madre Teresa partilhava

²⁷⁷ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 23 de Outubro de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 229.

²⁷⁸ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 23 de Junho de 1978. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 288. Vemos aqui a ligação a Gal 2, 19-20: “Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a Si mesmo se entregou por mim.”

²⁷⁹ J. Neuner, S. J., “Mother Teresa’s Charism”, *Review for Religious*, 5 (2001) 484-485 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 222.

assim com o Padre Neuner: “Durante este ano tive muitas oportunidades de saciar a Sede que Jesus tem de amor – de almas. Foi um ano cheio da Paixão de Cristo. – Não sei qual das Sedes é maior, se a d’Ele ou a minha por Ele.”²⁸⁰

Esta paradoxal união com Jesus, ou seja, uma união não sentida, e por essa mesma razão ainda mais profunda, era já visível em alguns desabafos de anos anteriores. Ainda que Madre Teresa não se apercebesse disso, ia já expressando sinais dessa comunhão com a agonia de Jesus:

“Não posso dizer que esteja distraída – a minha mente e o meu coração estão habitualmente com Deus. – Que tolíce lhe deve parecer tudo isto por ser uma contradição. – Na meditação tenho usado a Paixão de Jesus. [...] Limito-me a olhar para Jesus que sofre. – e a repetir - «Fazei que, na vossa dor, convosco eu chore também.»”²⁸¹

Por outro lado, ao longo da enorme escuridão espiritual, houve sempre um lugar em que Madre Teresa foi capaz de perceber a presença de Deus: os pobres a quem tinha sido chamada a cuidar e servir. Com efeito, mesmo sentido que Deus a tinha abandonado não deixava de exprimir que “quando atravesso os bairros de lata para entrar nos buracos escuros – aí Nosso Senhor está realmente presente em cada momento.”²⁸². Madre Teresa foi descobrindo que era aí, no meio da pobreza extrema, que podia encontrar Jesus vivo e a amá-Lo. Por mais dura que fosse a noite espiritual, era no trabalho exterior que reconhecia algo misterioso:

“Quando no exterior – no trabalho – ou quando estou com pessoas – há uma presença – de alguém que vive muito perto – em mim mesma. – Não sei o que é isto – mas é frequente e é mesmo diário – esse amor de Deus em mim torna-se mais real. – Dou por mim a dizer a Jesus

²⁸⁰ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 15 de Dezembro de 1980. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 299.

²⁸¹ Da Madre Teresa para o Padre Picachy, 20 de Outubro de 1960. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 210.

²⁸² Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 21 de Junho de 1950. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 176.

inconscientemente estranhas palavras de amor.”²⁸³

De facto, a outra peça-chave para compreender esta noite espiritual reside nos próprios pobres a quem Madre Teresa servia. Ela mesmo reconhecia que era nessa pobreza, com que contactava diariamente, que estava a melhor descrição do que vivia dentro de si: “A situação física dos meus pobres abandonados na rua, daqueles que ninguém quer, que ninguém ama, que ninguém reclama – é o verdadeiro quadro da minha vida espiritual, do meu amor a Jesus [...].”²⁸⁴ Era como se, pela noite interior, Madre Teresa estivesse cada vez mais em comunhão com os “seus” pobres. Também ela se sentia abandonada, não querida, não amada, não reclamada – não pelas pessoas que a rodeavam – mas pelo próprio Deus, o grande amor da sua vida. Compreendia, por experiência própria, a dor por que passavam aqueles que viviam na pobreza, e até o que era uma vida sem fé. Por isso mesmo repetiu tantas vezes que “o maior de todos os males é a falta de amor e de caridade, a terrível indiferença relativamente ao próximo que vive à beira da estrada, vítima de exploração, da corrupção, da pobreza e da doença.”²⁸⁵ A desolação interior que atravessou conferiu à Madre Teresa algo que nenhuma outra experiência lhe poderia dar: uma identificação radical com os pobres.

Chegando aqui, podemos ver que a noite de Madre Teresa reúne assim dois elementos fundamentais. Por um lado, ela permitiu uma comunhão profunda com a própria escuridão de Cristo, e assim revelou-se meio mais propício do que a consolação de anos anteriores para aliviar a Sua dor e saciar a Sua sede de amor. Por outro lado, ela permitiu também uma comunhão intensa com os pobres que era chamada a servir, partilhando das mesmas dores e cuidando do que realmente era fundamental. Mas as duas dimensões são, na verdade, uma só, pois a escuridão da Paixão de Cristo nada mais foi do que a identificação com a escuridão de todos os pobres. Ele é o mais Pobre dos pobres e está vivo e real em cada desses que sofrem.

²⁸³ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, muito provavelmente durante o retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 218.

²⁸⁴ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 12 de Maio de 1962. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 237-238.

²⁸⁵ Madre Teresa. M. MUGGERIDGE, *Something Beautiful for God*, Harper&Row, Nova Iorque, Evanston, São Francisco, Londres, 1971, 73-74 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 238.

Em certo sentido, podemos mesmo dizer que a escuridão foi a maior bênção de Madre Teresa. Foi uma Graça especial e paradoxal que lhe possibilitou encarnar de forma única o carisma da Congregação que conduzia.²⁸⁶ Descobrimos, pela forma como foi formando as suas irmãs, que chegou a compreender este sentido da sua noite espiritual:

“Tenta [...] aprofundar a compreensão deste Mistério da Redenção. – E essa compreensão te conduzirá ao amor – e o amor te fará partilhar a Paixão de Cristo por via dos teus sacrifícios. Minhas queridas filhas – sem o nosso sofrimento, o trabalho que fazemos mais não seria do que um trabalho social, muito bom e muito útil, mas não seria uma obra de Jesus Cristo, não faria parte da redenção. – Jesus quis ajudar-nos partilhando a nossa vida, a nossa solidão, a nossa agonia e a nossa morte. Tudo isso tomou Ele sobre Si, carregando-o na noite mais escura. Só pelo facto de estar unido a nós é que Ele nos redimiou. Nós podemos fazer a mesma coisa. A desolação dos pobres, não apenas a sua pobreza material, mas também a sua indigência espiritual, tudo isso tem de ser redimido e nós temos de partilhar isso. [...] Sim, minhas queridas filhas – partilhemos os sofrimentos – dos nossos Pobres – pois só se estivermos unidos a eles – poderemos redimi-los, isto é, levar Deus à vida deles e levá-los a Deus.”²⁸⁷

É neste processo de compreensão da sua luta espiritual que Madre Teresa formula uma das mais belas expressões do que entendia ser a sua missão: “Se alguma vez vier a ser santa – serei com certeza uma santa da «escuridão». Hei de estar permanentemente fora do Céu – a iluminar os que na Terra se encontram na escuridão.”²⁸⁸ Estava disposta a abdicar da consolação do paraíso para prosseguir, por toda a eternidade, com o seu trabalho ao encontro dos buracos sem luz.

Apesar de ter vindo a compreender o significado da sua longa escuridão espiritual, e no seu coração habitasse uma maior paz e aceitação, isso não significou que a experiência tenha passado a ser menos dolorosa. A noite permanecia e o desejo agonizante de Deus

²⁸⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 239.

²⁸⁷ Da Madre Teresa para as Irmãs Missionárias da Caridade., 17 de Maio de 1981. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 226.

²⁸⁸ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 6 de Março de 1962. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 235.

continuava a crescer:

“Na minha alma – não sou capaz de lhe dizer – como está escuro, como é doloroso, como é terrível. – Os meus sentimentos são muito traiçoeiros. – Tenho a sensação de «recusar a Deus» e contudo, a coisa maior e mais difícil de suportar – é esta terrível ânsia de Deus. – Reze por mim, para que eu não me transforme num Judas para Jesus nesta dolorosa escuridão.”²⁸⁹

Nas fontes que dispomos, não existe relato de alguma mudança substancial do estado espiritual de Madre Teresa até ao dia da sua morte.²⁹⁰ E quando a dor se tornava quase insuportável desabafava: “Tenho uma ânsia tão profunda de Deus e da morte.”²⁹¹ Era notória esta ânsia pela eternidade, única esperança que tinha para voltar a sentir-se unida a Deus. Contudo, Madre Teresa entrou num período em que, nas suas cartas, já se referia muito pouco acerca da noite que vivia. Quando o fazia, embora não escondesse o sofrimento por que passava, reforçava sempre a sua total submissão: “Quero que Ele esteja à vontade comigo – que não se preocupe com os meus sentimentos – desde que Ele se sinta satisfeito – que nem se preocupe com a escuridão que O rodeia em mim”²⁹². Ou como costumava repetir para si própria ou para os outros: “Aceite tudo aquilo que Ele lhe der – e dê tudo aquilo que Ele tomar com um grande sorriso.”²⁹³

Passados alguns anos, já em 1985, Madre Teresa decidiu partilhar com o Padre Jesuíta Albert Huart a sua situação espiritual. Este recorda assim esse encontro:

“O que me espantou imediatamente foi o facto de ela ter acrescentado à descrição desta noite dolorosa e prolongada [...]: «Padre, eu sei que quando abro a boca para dizer seja o que for às

²⁸⁹ Da Madre Teresa para o Bispo Picachy, 8 de Janeiro de 1964. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 250.

²⁹⁰ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 326; Cf. T. MESSIAS, *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore*, O.S.B., 502-503.

²⁹¹ Da Madre Teresa para o Bispo Picachy, 8 de Janeiro de 1969. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 267.

²⁹² Da Madre Teresa para o Padre Michael van der Peet, 19 de Junho de 1976. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 278.

²⁹³ Da Madre Teresa para o Padre Don Kribs, 23 de Julho de 1976. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 279.

irmãs ou às pessoas acerca de Deus e da obra de Deus, lhes levo luz, alegria e coragem. Mas eu nada retiro daí. Dentro de mim só há escuridão e a sensação de que estou totalmente separada de Deus.» Aquilo soou-me a puro João da Cruz. O contraste entre a noite que vivia interiormente e a capacidade que tinha de comunicar Deus aos outros em palavras e obras permitiu-me fazer tudo o que estava ao meu alcance para lhe garantir que Deus operava intensamente nela, e para a animar a aceitar a escuridão como parte da Sua obra. Mas este género de noite algumas palavras bem intencionadas não permitem aliviar a dor, pelo menos de forma significativa.»²⁹⁴

Quando em 1996, num momento em que a saúde de Madre Teresa já se ia abatendo de forma significativa e em que teve mesmo de ser internada, testemunhas próximas falam de um tempo particularmente duro, como se uma luta com o maligno estivesse a ser travada:

“O seu espírito estava a passar por uma espessa névoa e que o demónio estava a tentar a aproveitar-se daquele momento oportuno. De tal maneira que, na manhã de um certo dia de Dezembro, depois da Santa Missa no quarto dela, preparava-me eu para ir embora, quando ela me disse em voz muito baixa: «Jesus está a pedir um bocadinho mais.»»²⁹⁵

Ainda assim, mesmo imersa numa grande luta, até ao momento de partir para Deus, Madre Teresa não vacilou. Durante cinquenta e cinco anos, qual esposa de Jesus Crucificado, foi submissa ao seu grande e único amor, cumprindo a promessa de nunca Lhe recusar nada e gastando-se por inteiro na missão que lhe fora confiada. Grande marca desse percurso extraordinário foi certamente esta longa noite espiritual que atravessou e que com o tempo foi descobrindo o seu sentido. Em jeito de síntese, parece-nos pertinente a leitura sumária que o Padre Brian Kolodiejchuk faz do percurso espiritual de Madre Teresa:

“No começo do seu «chamamento no interior do chamamento», a Madre Teresa fora inundada de luz. A Voz que tinha ouvido dirigiu-lhe ternas palavras de amor, inundando-lhe a alma de

²⁹⁴ Testemunho do Padre Albert Huart, S. J. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 308.

²⁹⁵ Testemunho do Padre Sebastian, M. C. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 328.

consolações, e quanto mais ela se sentia atraída por Ele, mais ansiava por Ele. Mas a luz da Sua presença foi rapidamente velada pela escuridão da Sua aparente ausência. Tão intensa como tinham sido as consolações, foi a desolação que se seguiu. A Madre Teresa foi chamada a partilhar de forma específica o mistério da Cruz, a unir-se a Cristo na Sua Paixão e a unir-se aos pobres a quem servia. Através desta união, foi conduzida a uma profunda compreensão da «dolorosa sede» existente no Coração de Jesus pelos mais pobres de entre os pobres. [...] Erguendo-se acima da dor de «não se sentir amada nem desejada por Jesus, fez tudo quanto estava ao seu alcance para Lhe demonstrar o amor Lhe tinha [...] e para Lhe dar alegria através de tudo quanto fazia. Procurou-O em cada pessoa com quem se cruzava, em especial nos mais pobres de entre os pobres [...]. No meio da sua escuridão pessoal, era luz, era o amor do Próprio Jesus que dela irradiava, e era isso que tinha um enorme impacto sobre os outros.»²⁹⁶

Por muito paradoxal que pareça, Madre Teresa foi sempre capaz de testemunhar alegria. Por mais doloroso que fosse o seu tormento interior, e ainda que por vezes se questionasse se não vivia em hipocrisia, era como se experimentasse uma paz que ultrapassava o que sentia, fruto de uma proximidade com Deus que ela própria não tinha consciência.²⁹⁷ Ela própria dizia ter o propósito de se tornar uma “apóstola da Alegria. [...] Quero sorrir mesmo a Jesus e assim ocultar mesmo a Ele se possível a dor e a escuridão da minha alma.”²⁹⁸ Com efeito, uma das coisas que mais marcava profundamente aqueles que se cruzavam com ela era o seu enorme sorriso. Uma das suas primeiras seguidoras dizia mesmo: “Era sempre alegre, quer tivesse razões para isso, quer não.”²⁹⁹ E quando chegou o momento de deixar este mundo dava sinais de um contentamento ainda mais profundo, como se intuísse que estava próximo o reencontro com Aquele por quem ansiou anos e anos.³⁰⁰ Mais ainda, sabia que Lhe poderia oferecer algo de único, o facto de ter permanecido a Seu lado, ainda que experimentando a maior das agonias. Isso mesmo partilhou ao Bispo William G. Curlin: “Que presente tão belo que Deus me dá, permitir-me oferecer-Lhe o vazio que sinto. Sinto-me

²⁹⁶ B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 333-334.

²⁹⁷ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 196.

²⁹⁸ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périet, 8 de Abril de 1957. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 179.

²⁹⁹ Testemunho da Irmã Margaret Mary. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 196.

³⁰⁰ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 331-332.

muito feliz por Lhe dar este presente.”³⁰¹

³⁰¹ Testemunho do Bispo Curlin. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 326.

CAPÍTULO III

A NOITE DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ À LUZ DO PENSAMENTO DE HANS URS VON BALTHASAR

Diz-nos São João que “Deus é luz e nele não há nenhuma espécie de trevas.” (1 Jo 1, 5) Por outro lado, como acabámos de verificar no capítulo anterior, o percurso espiritual de Madre Teresa parece contradizer um pouco a afirmação bíblica. Se interpretarmos aquela expressão joanina como uma garantia de que a relação com o Deus Amor (Cf. 1 Jo 4, 8) é uma constante fonte de luz e consolação então ser-nos-á extremamente difícil encontrar um sentido para aquilo que Madre Teresa viveu. Bem sabemos que ela própria também se debateu com a mesma questão: “Dizem-me que Deus me ama – e contudo a realidade da escuridão e da frieza e do vazio é tão grande que nada me toca a alma.”³⁰² Poderia mesmo levantar-se a hipótese de que se Deus é de facto Amor e luz, então não deveria haver espaço para estes períodos onde apenas se experimenta a Sua ausência e onde desaparece a percepção sensível da Sua ação.

Contudo, é exatamente o mundo bíblico que nos oferece inúmeras confissões deste lado noturno³⁰³ que surge na experiência daqueles que se vão aproximando de Deus³⁰⁴. Ainda

³⁰² Da Madre Teresa, enviada ao Padre Picachy, muito provavelmente escrito em 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 195.

³⁰³ Referimo-nos aos momentos em que não se percebe a presença e proximidade de Deus, em que Deus aparenta estar em silêncio e simplesmente ausente.

³⁰⁴ Vejamos alguns exemplos bíblicos que nos apontam para esta realidade da escuridão espiritual: “Senhor, porque te conservas à distância e te escondes nos tempos de angústia?” (Sl 10, 1); “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste, rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro? Meu Deus, clamo por ti durante o dia e não me respondes; durante a noite, e não tenho sossego.” (Sl 22, 2-3); “Estou abandonado entre os mortos, como os defuntos que jazem no sepulcro, de quem Tu já não te lembras, uma vez sacudidos da tua mão. Lançaste-me na cova mais profunda, na escuridão do abismo. [...] Eu, porém, Senhor, clamo por ti; de manhã, a ti apresento a minha oração. Porque me rejeitas, Senhor, e escondes de mim o teu rosto?” (Sl 88, 6-7.14-15); “Na verdade vós sois um Deus escondido, o Deus de Israel, o salvador.” (Is 45, 15); “Oh! Se pudesse encontrá-lo e chegar até ao seu próprio trono! [...] Mas, se eu for ao oriente, Ele não está lá, e, se for ao ocidente, não o encontrarei; se o procuro no norte, não o vejo; se me volto para o meio-dia, não o descobro.” (Jb 23, 3.8-9); “No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama; procurei-o e não o encontrei.” (Ct 3, 1); “Fui abrir ao meu amado e o meu amado já tinha desaparecido. Fora de mim, corro atrás das suas palavras; procuro e não o encontro, chamo e não me responde.” (Ct 5, 6)

que não seja nosso objetivo realizar um tratamento bíblico acerca desta questão, vejamos que é da boca de Jesus que escutamos o seguinte: “é melhor para vós que Eu vá, pois, se Eu não for, o Paráclito não virá a vós.” (Jo 16, 7) Este anúncio de que haveria de partir para o Pai e deixar de estar presente foi causa de uma grande tristeza nos discípulos (Cf. Jo 16, 16ss). Tal como Madre Teresa, os discípulos sentem a desolação causada pela separação d’Aquele que amam e debatem-se com a compreensão do porquê desse abandono. A verdade é que, focados na perda, torna-se-lhes difícil vislumbrar o que está a ser dado através da noite. Naquele momento da Sua vida terrena, Jesus apontou para o dom do Paráclito. Mas acreditamos que, em qualquer situação, se for possível aceder à razão pela qual Deus, no amor que tem por cada um, permite que ele ou ela experimente a escuridão, tudo acaba por se transfigurar. Ainda que a dor de separação continue a ser a mesma, existe, do ponto de vista existencial, uma libertação para lá do que se sente. A noite é “iluminada” pela consciência e convicção que se tem de, por meio dela, estar a ser oferecido um dom maior, tantas vezes uma comunhão ainda mais profunda com Deus.³⁰⁵

Como procurámos demonstrar no capítulo anterior, Madre Teresa também foi, lentamente e com muito auxílio da direção espiritual, descobrindo o que significava a escuridão que experimentava, ao ponto de a compreender não como abandono mas como união paradoxal com Deus. De qualquer forma, essa leitura da noite de Madre Teresa requer uma maior interpretação teológica, algo que procuraremos realizar nas linhas seguintes. Para tal, procuraremos recorrer a um dos grandes teólogos contemporâneos, Hans Urs von Balthasar (1905-1998).

³⁰⁵ Cf. T. M. GALLAGHER, *O discernimento dos espíritos: um guia inaciano para a vida quotidiana*, Editorial A. O., Braga, 2013, 226-228.

1. A relevância de Hans Urs von Balthasar

Parece-nos importante, em primeira instância, compreender o porquê de nos servirmos do pensamento de Hans Urs von Balthasar para aprofundar, do ponto de vista teológico, a noite de Madre Teresa. Na verdade, o tema da escuridão espiritual não é nenhum desconhecido da Teologia. Encontramos em toda a tradição espiritual, principalmente na tradição mística, inúmeras reflexões acerca deste acesso a Deus por meio da escuridão.³⁰⁶ Nesse sentido, seria perfeitamente válido procurar uma interpretação teológica para o caso de Madre Teresa a partir desse manancial teológico já existente e habitualmente invocado. Se seguíssemos essa via, tentaríamos demonstrar que, aquilo que definimos no capítulo anterior, como sendo as linhas fundamentais da experiência de Madre Teresa, já se encontram refletidas, enunciadas e interpretadas em toda tradição espiritual. Alguns autores³⁰⁷, seguindo por este caminho, acabam muitas vezes por recorrer a São João da Cruz. De facto, o Carmelita Descalço é talvez o autor que, no Ocidente, mais impulsionou e aprofundou este tema da noite espiritual. Como tal, acaba por ser uma referência central no que se refere a qualquer experiência noturna cristã.

Não por acaso, também alguns daqueles com quem Madre Teresa foi partilhando aquilo que vivia interiormente acabaram por recorrer aos ensinamentos do Carmelita. Por exemplo, o Padre Albert Huart, ao recordar o momento em que Madre Teresa partilhou com ele as suas tribulações espirituais, afirmou: “Aquilo soou-me a puro João da Cruz.”³⁰⁸

Contudo, acreditamos haver diferenças substanciais entre a noite que o Carmelita apresenta e aquilo que Madre Teresa experimentou. Enquanto a primeira é acima de tudo uma

³⁰⁶ Para uma síntese do tema da noite espiritual ao longo da história: Cf. R. WILLIAMS, “Dark night, Darkness” in *A Dictionary of Christian Spirituality*, SCM Press, London, 1989, 103-105; Cf. K. J. EGAN, “Darkness, Dark night” in *The New Dictionary of Catholic Spirituality*, The Liturgical Press, Minnesota, 1993, 247-248; M. DUPUY, “Nuit” in *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome XI, Beauchesne, Paris, 1982, 519-525.

³⁰⁷ Por exemplo: Cf. P. MURRAY, *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, Paraclete, 33-55.

³⁰⁸ Testemunho do Padre Albert Huart. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 308.

noite purificadora, ou seja, um meio para chegar a uma união mais profunda com Deus³⁰⁹, a noite de Madre Teresa é, paradoxalmente, unitiva. Como vimos no capítulo anterior, é exatamente a experiência da ausência de Deus aquela que oferece uma intensa união com Deus e com os pobres a quem servia. Quem defende categoricamente essa diferença substancial da experiência de Madre Teresa é o Padre Brian Kolodiejchuk. Diz-nos ele: “Esta provação de fé, esperança e amor não era uma purificação dos defeitos característicos dos principiantes na vida espiritual, ou sequer dos defeitos comuns às pessoas mais adiantadas no caminho da união com Deus.”³¹⁰ Também Madre Teresa reconhecia que já “há algum tempo que não procuro o meu eu.”³¹¹

Com efeito, relembremos que Madre Teresa apenas experimentou algum alívio com a leitura discernida do Padre Neuner, quando este intuiu aquela noite como a graça especial de poder estar unida à noite que Jesus experimentou na Paixão.³¹² Até lá, alguns dos conselhos que recebia, apenas apontavam para uma lógica de purificação e acabavam por não chegar à raiz da questão.³¹³ E ainda que Madre Teresa tenha referido que, ao contrário de outros livros

³⁰⁹ O Padre Brian oferece uma síntese interessante para compreender o pensamento de São João da Cruz acerca da “noite escura”: “O mestre espiritual aplicava – e bem – esta expressão para designar as dolorosas purificações a que a pessoa é sujeita antes de atingir a união com Deus, e que passam por duas fases: a «noite dos sentidos» e a «noite do espírito». Na primeira noite, a pessoa liberta-se dos laços que a prendem às satisfações sensoriais, sendo atraída para a oração de contemplação. Embora Deus lhe comunique a Sua luz e o Seu amor, a alma, imperfeita como é, permanece incapaz de os receber, experimentando-os como escuridão, dor, *secura* e vazio. Ainda que sejam apenas aparentes, o vazio e a ausência de Deus são uma fonte de grande sofrimento. Porém, se este estado for de fato a «noite dos sentidos», e não resultar da mediocridade, da preguiça ou da doença, a pessoa continua a cumprir fiel e generosamente os seus deveres, sem má vontade, sem se preocupar consigo mesma, sem perturbações emocionais. Apesar de ter deixado de sentir consolações, mantém-se uma notável ânsia de Deus, e dá-se um aumento do amor, da humildade, da paciência e de outras virtudes. Tendo passado pela primeira noite, a pessoa poderá ser conduzida por Deus à «noite do espírito», a fim de ser purgada das raízes mais profundas das suas imperfeições. Esta purificação é acompanhada por um estado de extrema aridez, em que a alma se sente rejeitada e abandonada por Deus. A experiência torna-se às vezes de tal maneira intensa, que a pessoa tem a sensação de que está a encaminhar-se para a condenação eterna. E ainda é mais penosa pelo fato de a alma apenas querer a Deus, e O amar intensamente, mas não ser capaz de reconhecer o amor que Lhe tem. As virtudes da fé, esperança e da caridade são rigorosamente postas à prova. A oração torna-se difícil, quase impossível, o aconselhamento espiritual é praticamente inútil; e várias provas exteriores podem fazer aumentar ainda mais esta dor. Por meio desta dolorosa purificação, o discípulo é conduzido a um total desprendimento de todas as coisas criadas e a um elevado grau de união com Cristo, tornando-se um instrumento apto nas Suas mãos, e servindo-O de forma pura e desinteressada.” (B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 41-42.) Ver também: Cf. F. RUIZ SALVADOR, *Introducción a San Juan de la Cruz: El escritor, los escritos, el sistema*, B. A. C., Madrid, 1968.

³¹⁰ B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 222.

³¹¹ Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 25 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 222.

³¹² Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 215-223.

³¹³ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 167, 173, 203.

espirituais, era capaz de tirar grande proveito da leitura de São João da Cruz, o Padre Brian contrapõe dizendo o seguinte:

“É um fato significativo que o que chamava a atenção da Madre Teresa não fosse a extraordinária descrição da purificação interior durante a «noite escura», mas antes tudo quanto o místico espanhol escreve sobre Deus. [...] Não rotulava o seu próprio sofrimento de «noite escura». Tinha a intuição – e tivera a confirmação do diretor espiritual a quem se confiava – que, embora os sofrimentos fossem semelhantes, o objetivo era diferente.”³¹⁴

Se, por um lado, toda a tradição espiritual, incluindo o contributo de São João da Cruz, nos oferece alguns dados válidos para avaliar a noite de Madre Teresa, por outro, talvez não alcançássemos a sua total profundidade e especificidade se apenas nos limitássemos a essa via de interpretação. Reginald Garrigou-Lagrange também refere a diferença entre as noites purificadoras e as noites, a que ele intitula de reparadoras, quando a alma já purificada trabalha pela salvação dos outros, algo que acreditamos ser o caso de Madre Teresa. O teólogo refere o seguinte acerca desse tipo de provações: “preserva as mesmas características elevadas atrás descritas [da noite purificadora], mas assume outro caráter, que recorda com mais precisão os sofrimentos íntimos de Jesus e de Maria, que não precisam de ser purificados.”³¹⁵

É por esta caracterização específica da noite de Madre Teresa que nos parece fazer sentido o contributo de Hans Urs von Balthasar. Quando abordamos uma experiência espiritual específica, para que ela possa ser integrada e apresentada como eclesial, deve ser antes demonstrada a sua ligação ao Mistério de Cristo, ou seja, ser possível verificar que Cristo está a atuar naquela pessoa específica, que a vida de Cristo está ali a acontecer. Como já verificámos, no momento do novo chamamento a Madre Teresa, Jesus pediu uma

³¹⁴ B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 224.

³¹⁵ R. GARRIGOU-LAGRANGE, *The Three Ages of the Interior Life*, vol. 2, TAN Books, Rockford, 508-509 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, nota de rodapé 351, 383.

identificação com a Sua Cruz, com a Sua Paixão³¹⁶. Então, se desejamos afirmar que a noite que Madre Teresa experimentou foi a concretização espiritual desse pedido, então há que vislumbrar a Paixão sob o prisma de um drama também ele espiritual, não somente o da dor física mas também o da dor do abandono divino. Temos de encontrar, do ponto de vista teológico, as bases que permitam afirmar que Jesus terá atravessado a noite espiritual durante a Sua Paixão e que, portanto, uma união espiritual com Cristo crucificado, como terá acontecido com Madre Teresa, pode implicar também essa experiência da ausência de Deus.

Nesse sentido, pareceu-nos que Balthasar nos poderia oferecer essa possibilidade de leitura teológica do mistério de Cristo. Com efeito, um dos contributos teológicos mais originais da obra do teólogo suíço é a investigação que desenvolve em torno do mistério pascal, no âmbito do pensamento acerca do Mistério da Trindade, da Cristologia e Soteriologia. Efetivamente, o foco central está na experiência de Jesus ao longo de todo o tríduo pascal. Contudo, onde Balthasar oferece maior novidade para o universo teológico, e certamente para o entendimento da noite espiritual de Madre Teresa, é a sua abordagem ao mistério do Sábado Santo, visto não como uma descida ativa e triunfante à mansão dos mortos, mas antes como um estar-morto com os mortos, partilhando esse destino de forma solidária e experimentando o “lugar” da absoluta ausência de Deus.³¹⁷ A obra que melhor reúne este seu pensamento tem como título *Mysterium Paschale* (1969). Inicialmente, esta obra fazia parte da obra dogmática *Mysterium Salutis*, onde foi publicada pela primeira vez³¹⁸. No entanto, ainda no mesmo ano, foi reeditada em separado com o título *Theologie der drei Tage (Teologia dos três dias - 1969)*.³¹⁹

Uma outra razão para o facto de numa investigação como a nossa, em torno de uma experiência espiritual específica, como é a de Madre Teresa, parecer-nos pertinente apoiarmo-

³¹⁶ Cf. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 65-66.

³¹⁷ Cf. E. VETÖ, *Du Christ à la Trinité: Penser les Mystères du Christ après Thomas d'Aquin et Balthasar*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2012, 257.

³¹⁸ Para o presente trabalho seguiremos a seguinte edição: H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale* in *Mysterium Salutis*, III/6, Editora Vozes, Petrópolis, 1974.

³¹⁹ Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, San Pablo, Madrid, 2008, 120.

nos em Hans Urs von Balthasar, é que também a sua teologia inovadora acerca do Mistério Pascal encontra as suas raízes numa outra experiência espiritual. Falamos de Adrienne von Speyr³²⁰, alguém cuja vida e obra Balthasar contactou de perto. A verdade é que tudo o que Adrienne foi revelando da sua vida espiritual acabou por ser grande inspiração para a orientação definitiva do seu pensamento teológico. Este foi certamente um dos encontros mais decisivos, não só para o teólogo mas para toda a Teologia.³²¹ É o próprio Hans Urs von Balthasar quem não tem problemas em reconhecer que “a sua obra e a minha não se podem separar; nem psíquica nem filologicamente; são duas metades de um todo que têm como centro um só fundamento.”³²² Noutra altura, declarava:

“É necessária uma palavra conclusiva para eliminar a impressão que nos livros citados e nos outros eu tenha simplesmente exposto as minhas convicções. A maior parte do que escrevi é uma tradução daquilo que está presente de modo mais imediato, menos «técnico», na possante obra de Adrienne von Speyr [...]. Então ver-se-á também quão fortemente as intuições desta senhora influenciaram os meus livros – *O coração do mundo*, *A questão de Deus*, *Mysterium Paschale* – e diversos outros que essencialmente são uma transcrição teológica de quanto colhi diretamente dela.”³²³

³²⁰ Adrienne von Speyr (1902-1967) era uma médica evangélica que acabou por se converter ao catolicismo por intermédio de Balthasar, com quem se encontra em 1940. Depois de aderir plenamente à Igreja católica, Adrienne começa a receber inúmeras experiências místicas que foram crescendo e ganhando intensidade até à sua morte. Estas tiveram sempre o crédito e o acompanhamento espiritual da parte de Balthasar. Aquilo que foi testemunhando levou-o a intuir que Adrienne, para além de ser uma mística autêntica, tinha uma missão eclesial que ele deveria apoiar ao ponto de sacrificar a sua pertença à Companhia de Jesus. Ambos acabam por fundar um instituto secular conhecido por Comunidade de São João. No início, era uma comunidade de mulheres que viviam os conselhos evangélicos, desempenhando, na mesma, a sua profissão no meio do mundo. Das reflexões e experiências espirituais de Adrienne von Speyr, da narração das mesmas e da sua passagem para escrito por Hans Urs von Balthasar, nasceram as suas obras maiores. (Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 103-110.)

³²¹ Acerca da importância de Adrienne von Speyr na vida e obra de Hans Urs von Balthasar: Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 102-121; Cf. A. ŠTRUKELJ, “Hans Urs von Balthasar e Adrienne von Speyr: l’unità di due opere” in R. FISICHELLA (Ed.), *Solo l’amore è credibile: Una rilettura dell’opera di Hans Urs von Balthasar*, Lateran University Press, Città del Vaticano, 2007, 75-94.

³²² “La sua opera e la mia non sono divisibili, né psicologicamente né filologicamente, sono le due metà de un tutto, che come centro ha un solo fondamento.” (H. U. VON BALTHASAR, *La mia opera ed Epilogo*, Jaca Book, Milano, 1994, 73 cit. in T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, Trabalho final para obtenção da licenciatura sob a orientação do Prof. Doutor Peter Stilwell, Universidade Católica Portuguesa, 1999, nota de rodapé 52, 15.) Noutra altura, declarava que o grande objetivo de uma das suas obras era “la de impedir que después de mi muerte se pretenda separar mi obra de la de Adrienne von Speyr.” (H. U. VON BALTHASAR, *Il nostro compito*, Jaca Book, Milano, 1991, 13 cit. in E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 102.)

³²³ “È necessaria una parola conclusiva per eliminare l’impressione che nei libri citati e negli altri io abbia semplicemente esposto le mie convinzioni. La maggior parte di quanto ho scritto è una traduzione di ciò che è presente in modo più immediato, meno «tecnico», nella possente opera di Adrienne von Speyr [...]. Allora se

Hans Urs von Balthasar é o primeiro a reconhecer que a sua teologia está marcada por um dado “experencial” e que é aí onde encontra as suas maiores intuições. Por exemplo, todos os anos, por altura da semana santa, Adrienne experimentava uma intensa comunhão com os sofrimentos de Cristo, particularmente os sofrimentos interiores durante a Paixão.³²⁴ Não há dúvida que o tratamento que Balthasar acaba por realizar acerca do mistério pascal, muito concretamente da descida de Cristo à mansão dos mortos, encontra a sua maior influência naquilo que vislumbrava nas experiências místicas de Adrienne von Speyr. Mais uma vez, é o teólogo quem o afirma:

“Resta expor o que, na minha opinião, é o melhor dom teológico que Adrienne recebeu de Deus e deixou em herança à Igreja (...): a «descida aos infernos», da qual Adrienne deu descrições detalhadas, ano após ano (...). Que Cristo desça ao submundo é o último passo de obediência ao Pai. De fato, os infernos são (já no Antigo Testamento), o lugar onde Deus não está, onde não há mais a luz da fé, da esperança, da caridade, onde não há participação da vida divina [...] a realidade de toda a ausência de Deus no mundo, a soma dos pecados do mundo. Os infernos são, portanto, aquilo do qual o Crucificado libertou o mundo. Ele encontra-se nos infernos - não como um triunfador pascal, mas experimentando a extrema noite da obediência, da verdadeira obediência cadavérica.”³²⁵

Em suma, acreditamos que uma teologia que nasce de uma experiência concreta – a de Adrienne von Speyr – poderá agora trazer a maturidade necessária à leitura da experiência espiritual de Madre Teresa. Por outro lado, a *Teologia dos três dias* levar-nos-á ao centro da

vedrà anche quanto fortemente le intuizioni di questa donna hanno influenzato i miei libri – *Il cuore del mondo, La questione di Dio, La teologia dei tre giorni* – e diversi altri che essenzialmente sono una trascrizione teologica di quanto appreso direttamente da lei.” (H. U. VON BALTHASAR, *La mia opera ed Epilogo*, 82s cit. in T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 15-16.)

³²⁴ Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 108.

³²⁵ “Queda por exponer aquello que, en mi opinión, es el mejor regalo teológico que Adrienne ha recibido de Dios y ha dejado en herencia a la Iglesia (...): el «descendimiento a los infiernos», del que Adrienne daba descripciones detalladas, año tras año (...). Que Cristo baje a los infiernos es el último paso de obediencia al Padre. En efecto, los infiernos son (ya en el Antigo Testamento), el lugar donde no está Dios, donde no existe ya la luz de la fe, de la esperanza, de la caridad, donde no hay participación de la vida divina [...] la realidad de toda a ausência de Dio en el mundo, la suma de los pecados del mundo. Los infiernos son, por lo tanto, aquello de lo que el Crucificado ha liberado al mundo. Él se encuentra en los infiernos – no como triunfador pascal, sino en la extrema noche de la obediencia, de la verdadera obediencia cadavérica.” (H. U. VON BALTHASAR, *Nella preghiera di Dio*, Jaca Book, Milán, 1997, 308s cit. in E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 114.)

noite espiritual de Madre Teresa: a experiência de Jesus na Paixão. Balthasar aponta-nos para essa extrema solidariedade de Deus com a Sua criatura, partilhando o abandono, a morte e a desordem até às últimas consequências do silêncio absoluto. Esta solidariedade transforma-se em anúncio de salvação para os homens de todos os tempos: o Filho que, numa dinâmica quenótica, Se esvazia da condição divina para experimentar em Si mesmo o quanto de caótico, disforme, imperfeito, existe na criação e assim tudo conduzir de volta ao seio do Pai.³²⁶ Ora, é esta mesma experiência de Jesus e esta mesma solidariedade extrema, que atravessa o abandono divino, que Madre Teresa é chamada a experimentar.

Tendo em conta a dimensão da nossa investigação, não nos será possível elaborar um trabalho exaustivo de todo o pensamento de Balthasar acerca do mistério pascal. Contudo, acreditamos que a síntese que elaboraremos será o suficiente para arriscarmos a desejada ligação entre estas duas grandes figuras contemporâneas, Hans Urs von Balthasar e Madre Teresa de Calcutá.

2. A noite pascal de Jesus segundo Hans Urs von Balthasar

Hans Urs von Balthasar vislumbra no Mistério Pascal o acontecimento onde Jesus Cristo mostrou de forma invencível, na sua morte em obediência ao Pai, o amor maior (Cf. Jo 15, 13). Mas a sua análise acerca deste momento da história onde o amor foi até ao extremo assenta sobre alguns pressupostos fundamentais que convém assinalar. Em primeiro lugar, o teólogo não concebe o percurso pascal e concretamente a experiência vivida por Jesus sem o horizonte trinitário. Jesus consiste na manifestação máxima dessa própria vida de Deus. A vida, a morte e a ressurreição são contempladas sempre em relação com a plena identidade de Deus, Trindade de Amor e absoluta unidade. Não existe revelação maior do empenho de Deus

³²⁶ Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 119.

pelo mundo ou da vitalidade do amor trinitário que o mistério pascal.³²⁷

Outro dos critérios fundamentais para uma hermenêutica do mistério pascal segundo Balthasar é o tema da *kénosis*. A partir de uma exegese ao hino da Carta aos Filipenses³²⁸, o teólogo suíço explora a maneira despojada com que a Trindade se envolve no drama humano, onde o denominador comum é esta orientação “para baixo”. De fato, todo o evento de Cristo é uma descida³²⁹ para que, no seio de um povo desobediente, se manifeste aquela obediência até à morte de Cruz que estabelecerá a nova e eterna aliança.³³⁰ O termo da *kénosis* diz-nos que o Verbo na Trindade Se esvazia e abandona a forma da glória, revelando assim uma nova imagem divina. Por um lado, diz-nos que em Deus dá-se num acontecimento descrito pelas palavras “esvaziamento”, “aniquilamento” e “humilhação”. Por outro lado, mostra-nos a identidade de um Deus que se “baixa”, algo próprio de qualquer movimento verdadeiramente amoroso, para nos introduzir na exaltação que Lhe pertence desde toda a eternidade.³³¹

Hans Urs von Balthasar verifica também que, embora o hino da Carta aos Filipenses se refira aos acontecimentos de Cristo, é necessário admitir-se uma primeira *kénosis* no seio do próprio Deus. Aliás, “o despojamento de Deus tem a sua possibilidade ôntica no eterno esvaziamento de Deus, isto é, a doação tripessoal. [...] O poder divino é estruturado de tal maneira, que pode abrir em si mesmo o lugar para um autodespojamento, como o é a

³²⁷ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, *Communio* 27 (2010) 143-147.

³²⁸ “Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: «Jesus Cristo é o Senhor!», para glória de Deus Pai.” (Fl 2, 6-11)

³²⁹ Na leitura que faz ao mistério da vida de Cristo, socorrendo-se do critério da *kénosis*, Balthasar identifica um eixo comum: o aniquilamento do Filho de Deus que começa na Encarnação, mas que se prolonga no resto da existência terrena, culminando na Cruz e na descida à mansão dos mortos. Ao assumir a natureza humana decaída, Jesus experimenta já uma humilhação que se cumprirá na Cruz e na descida aos infernos. Nesse sentido, o teólogo fala de uma orientação da Encarnação para a Paixão, dado que nela se realiza e se cumpre plenamente a *kénosis* do Filho de Deus (Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da encarnação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012, 100-101.)

³³⁰ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 148.

³³¹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 15-16.

encarnação e a cruz.”³³² O pressuposto de uma *kénosis* intratrinitária, como fundamento de todas as restantes *kénoses*, tem o seu acontecimento original na geração do Filho por parte do Pai. Nesta *kénosis* primeira, o Pai desapropria-Se da Sua divindade para gerar um Outro.³³³ Renuncia assim a ser Deus só para Si e permite que a participação na única natureza divina aconteça por mais que uma pessoa.³³⁴ Assim, tal como na Carta aos Filipenses, também o Pai não retém a divindade para Si mesmo mas a entrega inteiramente nas mãos do Filho. Ao limite, o Pai corria até o risco total de o Filho Se fechar em Si mesmo, apropriando-Se inteiramente dessa natureza divina. Contudo, a resposta do Filho é uma resposta na mesma medida, despojada e desinteressada, ao ponto de assumir uma missão que vai até à entrega pascal.³³⁵

Paollo Martinelli, ao resumir a proposta de Balthasar, diz-nos que o teólogo:

“mostra como as relações íntimas de Deus podem ser descritas como «esvaziamento» em favor do outro, do Pai em relação com o Filho mediante a geração eterna, e do Filho em relação com o Pai, mediante a «restituição eucarística» que Ele realiza desde a eternidade e para a eternidade, colocando-se à disposição da vontade paterna. Nesta reciprocidade, o Espírito Santo que de ambos procede, qual unidade e testemunha da sua reciprocidade, constitui o éter em que desde sempre tem lugar a perfeita doação recíproca das Hipóstases divinas.”³³⁶

Ora, uma visão assim da vida divina defende uma positividade da alteridade e da diferença. A Trindade, analisada desta perspectiva, revela que o amor só é amor quando “se

³³² Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 19.

³³³ “Gracias a esta *kénosis* originaria, han llegado a ser posibles en principio las demás *kénosis* de Dio sen el mundo como simples consecuencias de aquélla. En este sentido, la primera «autolimitación» del Dios trino se produce por el don de la libertad a las creaturas; la segunda, más profunda todavía, por la alianza que por parte de Dios es absolutamente indisoluble, sea cual sea el comportamiento de Israel; y por fin, la tercera *kénosis*, que no es imlemente cristológica, sino que afecta toda la Trinidad, se realiza unicamente en virtud de la encarnación del Hijo, que de esta manera demuestra su actitud completamente eucarística en el «*pro nobis*» de la cruz y de la resurrección en por del mundo.” (H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática: 4. La accion*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1995, 307.)

³³⁴ Cf. T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 25-29.

³³⁵ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 18-19; Cf. E. GUERRIERO, *Hans Urs von Balthasar*, 209-210.

³³⁶ P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 148-149.

apaga” para gerar e afirmar radicalmente o outro. É essa mesma essência que “dá espaço” a que a Criação, essa outra realidade diferente de Deus, tenha origem como oferta amorosa e exista em liberdade. O que acontece com Jesus no Mistério Pascal é também o reflexo do que acontece na própria Trindade, o esvaziamento eterno de Deus, um apagar-Se em prol do outro, neste caso a humanidade³³⁷. Perante o pecado da criatura, é o próprio Filho que assume a condição humana até à Cruz, assumindo o nosso lugar decaído para nos libertar do mal e nos elevar à plena comunhão com Deus.³³⁸

Balthasar refere que, ao contrário de ser analisado numa perspectiva de “poder absoluto”, Deus deve ser pensado e anunciado como “amor absoluto”, cuja soberania se revela não no apego ao que Lhe pertence, mas na renúncia completa de Si mesmo. Nesse sentido, o Verbo de Deus é tão divinamente livre que pode até despojar-Se da Sua glória e assumir a forma de servo. É neste abaixamento, que acabará por atravessar o drama da Páscoa, que temos a maior prova do poder de Deus, mais até que nos Seus milagres. A *kénosis* de Deus, a Sua autolimitação, revela-nos, paradoxalmente o excesso do poder divino para o qual não existe barreira.³³⁹

Nesta linha, é fundamental para a soteriologia de Hans Urs von Balthasar a ideia patrística do *admirable commercium* e do tema moderno da substituição vicária. Também para a nossa investigação, focada naquilo que Cristo terá experimentado interiormente na Paixão, é fundamental esta ideia de que apenas assumindo em Si toda a dimensão humana é que Jesus pôde levar a cabo a redenção. Mais adiante, veremos como esse assumir da humanidade

³³⁷ À luz da teologia de Balthasar, declara assim Paolo Martinelli: “Na realidade, é precisamente a perfeita reciprocidade do Pai e do Filho na unidade do Espírito Santo que permite o amor exprimir-se radicalmente, precisamente na forma de «separação», no tomar sobre si a condição de pecado dos homens. Paradoxalmente, nesta visão, é precisamente no abandono da cruz, que se vê a insuperabilidade do amor trinitário, que se manifesta no saber assumir o homem e libertá-lo, a partir do interior do próprio mal para o abrir em definitivo para a liberdade dos filhos de Deus.” (P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 149.)

³³⁸ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 149.

³³⁹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 18-23.

implicará também a experiência do abandono de Deus.³⁴⁰ O teólogo refere o seguinte:

“O Filho de Deus possui em si não só a experiência da situação humana em geral mas também a de todas as situações que se encontram entre o pleno cumprimento e o pleno incumprimento. Na sua Encarnação, aprende a conhecer não só a distância entre Deus e a criatura em geral, e com isso a situação como tal sob o mandamento e a Lei de Deus, tal como Adão a conhecia, mas também a distância agudizada entre o homem enfraquecido pelo pecado original e a ordem de Deus, algo como a situação de Abraão ao obedecer. Vai mais além, à região obscura da tentação, para recapitular em si a situação concreta de todo o homem que está exposto ao poder atrativo do pecado. A tentação de Cristo é a tentação plenamente autêntica – ainda que Ele (ao contrário de nós) não possa ser vencido. Ele não é um “como se” o qual, por pura “garantia” de espécie sobrenatural, não seria exposto a um autêntico abandono. Cristo não se parece como o alpinista preso por uma corda, que se deixa deslizar sobre o abismo sem se afligir, porque conhece a solidez da corda.”³⁴¹

Para Balthasar, a redenção operada por Cristo encontra o seu núcleo central onde a dimensão do pecado atinge o seu cume, o momento da morte.³⁴² É também no momento da morte em que o sentido da existência acaba por ser revelado e onde o homem recebe o seu julgamento e direção definitivas. Sendo assim, “a salvação do homem através de Cristo deve ser realizada, por conseguinte, de forma decisiva, não no instante da Encarnação [...] ou na continuidade da vida mortal, mas no hiato da morte.”³⁴³ Por isso mesmo, o mistério pascal é o centro da ação salvífica de Cristo. Para Hans Urs von Balthasar é claro que, se Deus deseja salvar o homem “a partir de dentro”, assumindo e experimentando o todo da humanidade, então deve colocar o acento nessa experiência do fim, onde tudo se decide. Ir até ao “fim”, até ao abismo onde o homem pecador se encontra sem Deus e donde não consegue sair pelas próprias forças.³⁴⁴ Diz-nos, assim, o autor:

³⁴⁰ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 149; Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática: 4. La accion*, 309-314.

³⁴¹ H. U. VON BALTHASAR, *Teologia da História*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 49-50.

³⁴² “E o centro desta ação restauradora é, necessariamente, o ponto exato de rutura: a morte, o Hades, a perdição no distanciamento divino.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 7.)

³⁴³ H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 7.

³⁴⁴ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 7.

“Somente quando o próprio Deus tiver feito esta experiência final de seu mundo – que tem, na liberdade humana a possibilidade de recusar a obediência a Deus e, por isso mesmo, também de perder a Deus – é que Ele já não será apenas um juiz de sua criatura, de fora e de cima, mas se tornará em virtude de sua experiência do mundo, realizado por dentro, como alguém que se encarnou, que conhece experimentalmente todas as dimensões do ser cósmico (até ao fundo do inferno), o critério de julgamento para o homem.”³⁴⁵

Esta ida de Deus até o limite da experiência humana, como o foi a Cruz e a descida à mansão dos mortos, é não só o acontecimento onde o mundo alcança a sua finalidade e salvação (soteriologia)³⁴⁶, mas é também onde o próprio Deus é plenamente glorificado e revelado.³⁴⁷

Até este momento, temos olhado um pouco para os pressupostos fundamentais da teologia do mistério pascal de Balthasar. Desejamos, agora, analisar mais de perto aquilo que é a sua reflexão acerca do concreto que foram aqueles dias derradeiros na vida de Jesus, ou seja, o que o autor nos diz acerca da Sua experiência. Tendo em conta tratar-se de uma análise sintética do seu pensamento, estamos preocupados em retirar da longa reflexão apenas os elementos fundamentais que nos confirmam, da parte de Jesus, uma experiência do abandono divino.

Para o teólogo, o percurso pascal é o momento central de toda a missão de Jesus. É nesta *hora* (Cf. Mc 14, 34s) que Cristo levará a cabo toda a salvação e onde a Sua solidariedade com a humanidade atingirá o auge. Toda a vida de Jesus foi uma preparação para este momento derradeiro. O teólogo expõe da seguinte maneira:

³⁴⁵ H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 7-8.

³⁴⁶ “A descida até ao abismo torna-se, para todos, a subida deste mesmo abismo, e a condição desta mudança dialética consiste, por um lado, no «por todos» da descida (e consequentemente não apenas em «morrer», mas em ser queimado, qual bode emissário, fora do acampamento de Deus: Hb 13, 11s) e, por outro lado, na ressurreição prototípica que aí é mencionada: do contrário, se Ele tivesse permanecido imerso no fundo do abismo, «todos» não teriam absolutamente ressuscitado. Ele deve ser «as primícias dos que adormeceram» (1 Cor 15, 20) e o «primogénito dentre os mortos» (Col 1, 18)” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 33-34.)

³⁴⁷ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 8.

“Desde o momento em que a hora é qualitativamente diferente de todo o anterior, enquanto que reclama uma assunção interior do divino e do antidivino, e uma identificação com aquelas trevas hostis a Deus, às quais chega o pecador pela sua negativa a Deus, então a aceitação da hora não pode ser vivenciada mais do que sob a espécie de uma absoluta super-exigência que se impõe àquele que, por essência está ligado ao Pai em obediência amorosa. [...] Não pode ser já de modo algum a vontade do Filho, o aparecer diante do Pai com o «não» do mundo inteiro mas unicamente o cumprir a vontade do Pai – a missão – até à sua mais extrema tenebrosidade.”³⁴⁸

Com efeito, para o autor, essa obediência amorosa de Jesus na Páscoa, levá-Lo-á a enfrentar todo o tipo de trevas para assim as vencer. Caso disso é certamente a experiência da própria morte. Mas, Balthasar refere-se também muito particularmente à necessidade de Jesus vir a experimentar a noite interior do abandono divino.³⁴⁹ Balthasar diz mesmo que, apesar de serem largamente descritos os aspetos cósmicos desta travessia pascal e não ser tão óbvio o acesso à experiência interior de Cristo, “é neste espaço interior que reside toda a salvação do mundo.”³⁵⁰

Para fundamentar uma interioridade de Jesus marcada pela noite espiritual, o autor oferece uma síntese do tema do abandono divino à luz da Antiga Aliança³⁵¹ e da Nova Aliança³⁵². Na primeira, expõe as mais variadas passagens bíblicas onde a experiência do Povo é marcada pelo abandono de Deus e como elas podem ser também pré-anúncios da própria experiência pascal. Na segunda, aborda um lado mais carismático dos seguidores de Cristo, chamados a estarem crucificados com Cristo (Cf. Gal 2, 19) ou a trazerem em si os sofrimentos da morte de Jesus (Cf. 2 Cor 4, 10), verificando como são inúmeros os santos que testemunham essa experiência da ausência de Deus.

Contudo, diz-nos Balthasar que “todas as experiências da noite, na Antiga e Nova Aliança são, no máximo, apenas aproximações, indicações longínquas do mistério inacessível

³⁴⁸ H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática: 4. La accion*, 311 cit. in T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 56.

³⁴⁹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 47.

³⁵⁰ H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 48.

³⁵¹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 48-50.

³⁵² Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 50-53.

da cruz, pois quanto mais singular é o Filho de Deus, tanto mais singular é também o seu abandono por parte do Pai.”³⁵³

Hans Urs von Balthasar verifica que é na interioridade de Jesus que tem início a *hora* pascal. Pelo testemunho bíblico, o combate orante de Jesus no Monte das Oliveiras é de uma intensidade tal que têm lugar expressões como o pavor e isolamento³⁵⁴. Diz-nos o autor que a perturbação sentida está no fato de este ser um momento de absoluta densidade. Jesus tem diante de Si a decisão de aceitar e assumir o pecado do mundo³⁵⁵, com tudo o que isso implica posteriormente enfrentar.³⁵⁶ É o momento dramático de, mesmo não sendo culpado de nada e nunca tendo pecado, aceitar assumir a culpa e as consequências da liberdade transviada.³⁵⁷ Podemos dizer que neste mistério dramático está também o início da experiência do abandono divino por parte de Jesus. Para Balthasar, a Paixão é o “ponto máximo de alienação entre o Pai e o Filho. O Filho que carrega com o pecado do mundo nunca esteve, economicamente, tão longe do próprio Deus. É o Filho feito carne o *lugar* da representação vicária, espaço onde as trevas do pecado se fazem presentes.”³⁵⁸

A aceitação do pecado universal por parte de Jesus tem como consequência aquilo que o pecado sempre realiza, o distanciamento de Deus. Jesus experimenta o castigo merecido, o juízo condenatório por parte do Pai, na medida em que Este não pode não ter aversão ao pecado³⁵⁹. Para além do mais, a experiência da ausência de Deus em Jesus tem a particularidade de ser a mais intensa alguma vez sentida, pois quanto mais alguém sabe e

³⁵³ H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 54.

³⁵⁴ “Isolamento em face de Deus que se torna estranho para Ele, mas que ainda não desapareceu e a quem Jesus se dirige com o grito terno e suplicante: «Paizinho», *Abba*, mas com o qual já não existe nenhuma outra comunicação.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 66.)

³⁵⁵ “Aquele que não havia conhecido o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nos tornássemos, nele, justiça de Deus.” (2 Cor 5, 21)

³⁵⁶ “Então a «hora» e o «cálice» se convertem em aceitação do pecado do mundo na existência corporal, psíquica e pessoal do representante e do mediador.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 66.)

³⁵⁷ A condição de possibilidade de uma aceitação de culpa universal, ainda que Cristo nunca tenha pecado, está na união hipostática. (Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 67.)

³⁵⁸ T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 57.

³⁵⁹ Deus não pode amar o mal, mas apenas odiá-lo. O mal contradiz toda a essência divina. É o oposto do amor de Deus. É nesta perspectiva que faz sentido a ira ser associada a Deus como reverso desse amor. Deus não poderia amar o bem se não odiasse e repelisse o mal, que é também o obstáculo a comunhão da Criação Consigo. Por isso mesmo, a Paixão de Jesus é também o confronto com a ira divina como esse reverso do amor para com a humanidade. (Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 96.)

experimenta o que é o extremo do amor do Pai e a intimidade filial que aí se gera, e ninguém o sabe melhor que o Filho, mais extremada é também a dor do abandono e do castigo que vem do pecado.³⁶⁰

Hans Urs von Balthasar refuta a tese de que Jesus, gozando de uma visão beatífica do Pai na Sua alma, nunca poderia experimentar realmente o drama do pecado e, portanto, o abandono divino. Pelo contrário, defende que Jesus experimentou realmente um verdadeiro *timor gehennalis*, fruto de uma iminente perda de Deus e condenação eterna (*poena damni*). O autor recorre a S. Boaventura para traçar a distinção entre paixão e compaixão. Enquanto na primeira, Jesus sofreu sensivelmente, na segunda dimensão sofreu espiritualmente e de forma muito mais intensa. Isto porque a dor espiritual, do pecado universal, tem um alcance bem maior, inserindo o próprio na experiência da separação de Deus.³⁶¹

Por outro lado, esta dor da compaixão também se deve ao excesso do amor divino. Com efeito, quanto mais forte é o amor, mais dolorosas são as feridas da compaixão. O ponto fundamental é que Jesus preferiu ser Ele a experimentar essa separação que o pecado opera³⁶², do que permitir que a humanidade a experimentasse e se perdesse. E essa preferência levou Jesus a sentir um real pavor da condenação³⁶³. É tão pura a compaixão de Jesus para com os

³⁶⁰ Cf. T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 58-59.

³⁶¹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 68- 69.

³⁶² “A possibilidade de uma tal aceitação real da pecaminosidade de todos os pecadores deve tornar-se compreensível a partir de três ângulos: 1) pela *determinação* de toda a consciência humana de Jesus por parte do Logos e pelo sentimento de amor eterno para com o Pai; 2) pela *prontidão* absoluta da natureza humana, presente nesta determinação (e esta prontidão para servir é expressão da quênose do Logos na obediência absoluta); como inteira disponibilidade para a (com-) paixão pura; 3) pela *comunicação* (solidariedade) real da natureza humana assumida com a humanidade inteira e seu destino escatológico.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 69.)

³⁶³ “O Seu expor-se provém do mesmo ponto que a sua autêntica historicidade; o risco do encontro com o mal é só uma forma aguda de risco de abandonar o seu ser nas mãos do Pai mediante o Espírito Santo. Na situação de tentação, o Redentor quer servir-se dessa ajuda que, depois dele e através dele, também está basicamente à disposição de todo aquele que crê, espera e ama. E, tal como experimenta a tentação, assim também experimenta em si essa desproporção crescente entre a força humana vivida e a exigência de Deus: a experiência crística fundamental do excesso de exigência, como se mostra no horto. Na extrema distensão da medida humana que o pecador tinha reduzido, e que o Senhor no seu extremo sofrimento deve rebentar de novo com força, na deslocação dos membros do corpo na cruz, à qual corresponde uma ainda mais profunda distensão de todas as faculdades anímicas, Ele adquire a dimensão da extrema distância que conhece a criação concreta: entre o Deus da justiça irritada e flamejante e o homem “abandonado” e reprovado por esse Deus. Ele adquire essa distância por representação, isto é, ao não distinguir subjetiva e objetivamente ente pecado alheio e inocência própria. [...] A medida de proximidade mais alta possível assim como a de afastamento mais considerável entre Deus e o homem estão fundadas, captadas e superadas pela medida de proximidade e de distância real entre o Pai e o

pecadores, que no momento de assumir em Si o pecado do mundo deixa de distinguir entre o Seu destino e o dos pecadores.³⁶⁴ Por essa mesma razão, Balthasar distancia-se de uma interpretação recorrente para o clamor de Jesus na Cruz³⁶⁵. Para o autor, as Suas palavras são a expressão do abandono real do Pai e não apenas o começo da recitação de um salmo que termina com a glorificação do sofredor.³⁶⁶

Mas onde encontramos a maior originalidade teológica de Hans Urs von Balthasar para se fundamentar a experiência “noturna” de Jesus é no tratamento que faz ao mistério do sábado santo³⁶⁷. O autor refere-se mesmo a um certo esquecimento da teologia para com este momento derradeiro na vida de Jesus, pois com facilidade se “salta” da Sexta-feira Santa para o Domingo da Ressurreição. No entanto, Balthasar está ciente de que um certo silêncio, inclusivamente bíblico, envolva este dia santo. Com efeito, estamos perante o dia em que a Palavra eterna do Pai “se cala”, morrendo na Cruz (primeira morte) e partilhando o “estar morto” com os defuntos (segunda morte). Jesus assume uma extrema solidariedade³⁶⁸ para com os pecadores, acabando por partilhar da sua condenação de afastados de Deus.³⁶⁹

Ao contrário de alguma tradição teológica, Balthasar não olha para a descida de Jesus aos infernos como uma atividade triunfante, mas exatamente como o cessar de toda a atividade, numa solidariedade do “estar morto” com os mortos, no que isso significa também de passividade e absoluta solidão.³⁷⁰ De fato, é necessário definir bem do que se fala quando olhamos para este artigo da descida aos infernos (*descensus ad inferos*) incluído no Símbolo

Filho no Espírito, na cruz e na ressurreição. Ninguém sabe tão bem como o Filho o que significa ser abandonado por Ele.” (H. U. VON BALTHASAR, *Teologia da História*, 50-51.)

³⁶⁴ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 69.

³⁶⁵ “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mc 15, 34)

³⁶⁶ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 84.

³⁶⁷ Acerca deste tema ver também: Cf. H. U. VON BALTHASAR, “O mistério da descida aos infernos: reflexão teológica”, *Communio* 29 (2012) 165-178.

³⁶⁸ “É o primeiro ponto que devemos considerar aqui. Do mesmo modo como foi solidário na terra com os vivos, assim também Ele foi solidário no sepulcro, com os mortos.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 98.)

³⁶⁹ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 150.

³⁷⁰ Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da encarnação*, 109-110.

dos Apóstolos no séc. IV.³⁷¹ Este mistério apenas nos diz que também no reino dos mortos se deu a comunicação da redenção, que foi realizada e suportada, aí sim ativamente, na Cruz. Diz-nos que aquilo que se realizou no tempo e na história impõe-se no “além”.³⁷²

Cristo não desce ao reino dos mortos vitoriosamente ressuscitado, mas antes como morto.³⁷³ Ora, a solidariedade de Jesus diz respeito tanto à morte física como espiritual. Do ponto de vista bíblico, ambas estão ligadas pois sempre se apontou para a conexão entre morte e pecado. E assim, o fundamental não é tanto se Jesus desceu ou não³⁷⁴, mas que Jesus experimentou a morte até ao fim, inclusivamente a morte espiritual, no que isso significa de distanciamento de Deus.³⁷⁵ Portanto, esta ida de Jesus ao *sheol* vétero-testamentário aponta mais para uma condição espiritual do que propriamente uma localidade física. A salvação operada por Cristo leva-O a experimentar, nessa solidariedade extrema, a mesma condição infernal dos pecadores. Sofre em Si toda a consequência do pecado, que significa não só a morte do corpo mas também um castigo da alma, a solidão e a privação da visão de Deus (*poena damni*). Um grande mistério e paradoxo este, de Deus encarnado deixar de experimentar a presença de Deus.³⁷⁶

A teologia do sábado santo aponta-nos para esta segunda morte do abandono divino e radical afastamento de Deus. Essa experiência teve início quando Jesus assume o pecado do mundo, no Monte das Oliveiras mas é aqui, na experiência da condenação própria do pecado, que se concretiza em absoluto. A ida de Jesus aos infernos é, paradoxalmente, a ida ao lugar

³⁷¹ “Em síntese, podemos afirmar que o nosso autor se distancia daquelas interpretações que veem numa tal descida um elemento na luta nos infernos para libertar aqueles que estão retidos pelo maligno. Isto faria quase pensar numa espécie de incompletude da cruz, quase numa ulterior batalha ainda não completamente vencida. Do mesmo modo, no entanto, Balthasar recusa a descida aos infernos entendida como uma primavera cósmica [...]. Na realidade, isto anteciparia aquilo que é próprio da ressurreição e da parusia. É interessante a posição manifestada pelo nosso autor perante a tradição iconográfica do Oriente cristão, em que Jesus desce vitorioso arrombando as portas dos infernos e tomando pela mão os nossos progenitores.” (P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 151.)

³⁷² Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 100.

³⁷³ Cf. P. MARTINELLI, “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, 151.

³⁷⁴ Contudo, Balthasar não deixa de perscrutar no mundo bíblico as referências que apontam para esta ligação entre Deus e o reino dos mortos. (Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 102-107.)

³⁷⁵ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 103-104.

³⁷⁶ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 109-111.

onde Deus não tem lugar³⁷⁷, é o antídívino.³⁷⁸ Viver a segunda morte, pois essa é que torna realmente mortos os mortos, foi a consequência última da Sua missão. É a travessia existencial de toda a dimensão do puro anti Deus, para assim transformar em caminho aquilo que era prisão.³⁷⁹ Assim, o mistério do sábado santo e esta experiência da segunda morte marca também o auge da *kénosis* de Cristo, que se tinha iniciado no momento da Encarnação.³⁸⁰

Em suma, Hans Urs von Balthasar oferece-nos as bases para afirmar que Jesus fez a experiência da ausência e do silêncio de Deus. A sua obra permite-nos verificar que em momentos como a agonia do horto, o grito na Cruz, e a descida aos infernos, o núcleo fundamental não está tanto no sofrimento físico, mas sim na dor do absoluto abandono do Pai. Com efeito, na experiência dos infernos, “lugar” onde o amor não entra, Jesus atravessa a solidão radical, e assim penetra o abismo do abandono humano que o pecado realiza.³⁸¹

3. Madre Teresa de Calcutá e Hans Urs von Balthasar

Uma vez demonstrada, de forma sintética, a hipótese balthasariana para a “noite espiritual” que Jesus experienciou na Sua Paixão, falta agora procurar uma ligação coerente com a experiência vivida por Madre Teresa de Calcutá. Isso significa buscar ecos nas fontes que dispomos da sua vida que se enquadrem na descrição que Balthasar faz do mistério pascal e da experiência da ausência de Deus que aí foi vivida por Jesus. Em primeiro lugar, ainda

³⁷⁷ “O mais importante é que a característica peculiar da Teologia do Sábado Santo não consiste na realização de um ato final da autoentrega do Filho encarnado ao Pai, tal como toda a morte humana o traz estruturalmente em si [...] mas naquele fato absolutamente singular que se exprime na «realização» de toda a impiedade, isto é, de todo o pecado enquanto significa sofrimento e ruína na «segunda morte» ou «segundo caos», fora do mundo organizado por Deus no início.” (H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 32-33.)

³⁷⁸ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 31.

³⁷⁹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 119-120.

³⁸⁰ Cf. T. MESSIAS, *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, 67-68; Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da encarnação*, 114-116.

³⁸¹ Cf. J. FARIAS, *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da encarnação*, 119-121.

que Hans Urs von Balthasar nunca se tenha referido à experiência concreta de Madre Teresa, não deixou de confrontar o seu pensamento acerca da experiência pascal de Jesus com aquela de inúmeras figuras da história eclesial que, segundo o autor, terão experimentado o mesmo mistério noturno.³⁸² E noutra ocasião relembra que toda a Igreja, enquanto Corpo de Cristo, é chamada a experimentar aquilo que a Cabeça experimenta, a estar crucificada com Cristo e a fazer parte da Sua redenção. Diz assim o autor:

“Tornar-se cristão significa ser pregado na cruz. Quando esta lei [...] começa a atuar no cristão, então segue-se necessariamente, e em primeiro lugar, que ‘não sou eu quem sofro, mas é Cristo quem sofre em mim’ e fez de mim um órgão de sua redenção, e que portanto, não é o nosso sofrimento que ‘trazemos em nosso corpo’, mas a ‘paixão da morte de Cristo’ [...]. Este sofrimento, mesmo quando experimentado como próprio, não é uma propriedade do cristão, mas uma dádiva pela qual ele deve responder, com o seu consentimento (eclesial-esposal), perante o verdadeiro dono.”³⁸³

Como temos vindo a dizer, Madre Teresa também foi descobrindo na sua experiência essa dádiva maior da partilha com a noite de Cristo. Aliás, foi essa leitura, apresentada pelo Padre Neuner, que lhe trouxe maior alívio e compreensão para aquilo que estava a viver³⁸⁴. É muito curioso notar que, a partir desse novo entendimento para a sua provação interior encontramos, em algumas das reflexões que realizava para instruir as suas irmãs uma tendência a apontar para o mistério da redenção. Ainda que nunca partilhasse, a não ser com os diretores espirituais, a noite que a envolvia, acreditamos que aquilo que escolhia referir exteriormente tinha a sua maior fonte no que vivia interiormente. Vejamos como se referia a esse mistério e como é notável a ligação à teologia de Hans Urs von Balthasar:

³⁸² Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 51-54.

³⁸³ H. U. VON BALTHASAR, *Mysterium Paschale*, 93.

³⁸⁴ “Não sei exprimir-lhe em palavras – a gratidão que sinto pela sua amabilidade para comigo. – Pela primeira vez ao longo destes 11 anos – cheguei a amar a escuridão. – Pois estou agora convencida de que é parte, uma parte muito, muito pequena da escuridão e da dor de Jesus neste mundo. O Padre ensinou-me a aceitá-la [como] um «lado espiritual da ‘sua obra’», como me escreveu. – Hoje senti realmente uma profunda alegria – que Jesus já não pode passar por aquela agonia – mas que quer passar por ela em mim. – Submeto-me a Ele mais do que nunca. – Sim – mais do que nunca estarei à Sua disposição.” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, muito provavelmente 11 de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 221.)

“Na Encarnação, Jesus tornou-Se igual a nós em todas as coisas exceto no pecado; mas no momento da Paixão, tornou-Se pecado [Cf. 2 Cor 5, 21; 1 Pe 2, 24]. Tomou sobre Si os nossos pecados e foi por isso que foi rejeitado pelo Pai. Parece-me que este foi o maior de todos os sofrimentos por que Ele teve de passar e aquilo que mais receava na agonia do Jardim [Cf. Mt 26, 36-45]. As palavras que proferiu na Cruz [Cf. Mt 27, 46] foram uma expressão da profundidade da Sua solidão e da Sua Paixão – que chegou ao ponto de nem o próprio Pai o reclamar já como Seu Filho. A ponto de, apesar dos sofrimentos e da angústia por que estava a passar, o Pai O não reclamar como Seu Filho muito amado, como tinha feito no Batismo por João Batista [Cf. Mt 3, 17] e na Transfiguração [Cf. Mt 17, 5]. E podemos perguntar: «Porquê?» Porque Deus não pode aceitar o pecado e Jesus tinha tomado o pecado sobre Si – tinha-Se tornado pecado. Relacionas os teus votos com esta Paixão de Jesus? Compreendes que, ao aceites os votos, estás a aceitar o destino que foi o de Jesus?»³⁸⁵

Nesse sentido, não há como não assumir a hipótese de que Madre Teresa compreendia a sua noite espiritual como a graça da participação na redenção de Jesus, e que essa deve ser a interpretação mais acertada. Por outro lado, essa entrada na redenção de Cristo tinha agora os destinatários dos pobres a quem servia e para quem buscava a salvação. Se Jesus salvou a humanidade partilhando da sua condição e atravessando a noite, então a salvação daqueles pequeninos de Calcutá teria também de passar pela partilha pessoal da sua condição, muitas vezes sem Deus e marcadas pelo pecado³⁸⁶. Numa outra altura, partilhava assim com as suas irmãs:

“Tenta [...] aprofundar a compreensão deste Mistério da Redenção. – E essa compreensão te conduzirá ao amor – e o amor te fará partilhar a Paixão de Cristo por via dos teus sacrifícios. Minhas queridas filhas – sem o nosso sofrimento, o trabalho que fazemos mais não seria do que um trabalho social, muito bom e muito útil, mas não seria uma obra de Jesus Cristo, não faria parte da redenção. – Jesus quis ajudar-nos partilhando a nossa vida, a nossa solidão, a

³⁸⁵ Instruções da Madre Teresa às irmãs, 1 de Abril de 1981. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 255-256.

³⁸⁶ Quando Madre Teresa recebeu o chamamento para partir para as ruas de Calcutá, terá escutado de Jesus a seguinte preocupação: “*Pequenina dá-Me almas – dá-Me as almas das criancinhas pobres da rua. – Como Me dói – se soubesses – ver estas pobres crianças manchadas pelo pecado. Anseio pela pureza do amor delas. – Se ao menos quisesses corresponder ao Meu chamamento – e trazer-Me essas almas – afastá-las das mãos do malvado. – Se soubesses quantos pequeninos caem em pecado todos os dias.*” (Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 13 de Janeiro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 66.)

nossa agonia e a nossa morte. Tudo isso tomou Ele sobre Si, carregando-o na noite mais escura. Só pelo facto de estar unido a nós é que Ele nos redimiu. Nós podemos fazer a mesma coisa. A desolação dos pobres, não apenas a sua pobreza material, mas também a sua indigência espiritual, tudo isso tem de ser redimido e nós temos de partilhar isso. [...] Sim, minhas queridas filhas – partilhemos os sofrimentos – dos nossos Pobres – pois só se estivermos unidos a eles – poderemos redimi-los, isto é, levar Deus à vida deles e levá-los a Deus.”³⁸⁷

Poderíamos então definir a noite de Madre Teresa como uma noite reparadora³⁸⁸ que, unida ao destino das almas dos pobres de Calcutá, experimentando as mesmas tentações, é capaz de sair dessa batalha vitoriosa, salvando tantos outros. É a mesma noite reparadora que Jesus experimentou na Paixão por toda a humanidade e que Hans Urs von Balthasar tão bem tratou.

Ainda neste espectro de uma união à redenção operada por Jesus, e olhando um pouco para o que dispomos de relatos mais “interiores” de Madre Teresa, não há dúvida que a ligação mais clara com o pensamento de Balthasar está na “dimensão infernal”. Se o teólogo aponta para a descida aos infernos como o auge da experiência de Jesus do abandono divino, lembremos que é também na linguagem “infernal” que Madre Teresa encontra a melhor descrição para aquilo que vivia: “Se há inferno – deve ser assim. Que coisa terrível é estar sem Deus – sem oração – sem fé – sem amor. – A única coisa que ainda permanece – é a convicção de que a obra é d’Ele.”³⁸⁹ Arriscando um pouco mais, é como se Madre Teresa revivesse essa descida aos infernos que Balthasar tanto fala³⁹⁰. Não nos faltam desabafos seus

³⁸⁷ Da Madre Teresa para as Irmãs M. C., 17 de Maio de 1981. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 226.

³⁸⁸ “Neste caso [da noite reparadora] o sofrimento recorda-nos a situação do nadador-salvador que, em noites de tempestade, se debate heroicamente para salvar da morte os que estão prestes a afundar-se. Os nadadores da vida espiritual [...] não lutam apenas durante horas ou durante meses, mas às vezes durante anos, para arrancarem as almas à morte eterna; e estas almas têm, de certa maneira, de resistir às tentações das almas que procuram salvar, a fim de poderem acorrer eficazmente em sua ajuda.” (R. GARRIGOU-LAGRANGE, *The three ages of interior life*, 509 cit. in B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, nota de rodapé 423, 386.)

³⁸⁹ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, antes de 8 de Janeiro de 1965. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 255.

³⁹⁰ “Compreendo um pouco as torturas do inferno – sem Deus. [...] Ofereci-me consciente e voluntariamente ao Sagrado Coração – para passar a própria eternidade neste sofrimento terrível, se isso Lhe desse um pouco mais de satisfação na atualidade – ou o amor de uma alma que fosse.” (Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 12 de Setembro de 1957. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 180.)

como se estivesse unida a esse lugar de condenação:

“Dizem que os que estão no inferno sofrem uma dor eterna devida à perda de Deus – que estariam dispostos a sofrer tudo aquilo se tivessem a mais pequena esperança de possuir a Deus. – Na minha alma sinto justamente essa dor terrível de perda – de Deus não me querer – de Deus não ser Deus – de Deus não existir realmente.”³⁹¹

Nesta linha, e em jeito de síntese, parece-nos de enorme relevância algo que Ratzinger declara. Diz-nos ele que, na história recente da santidade, o Inferno ganhou uma configuração completamente nova:

“Para os santos, o «Inferno» não é tanto uma ameaça para ser projetada contra outras pessoas, mas antes um desafio para si mesmo. É o desafio de sofrer a noite escura da fé, de experimentar a comunhão com Cristo em solidariedade com a Sua descida até à Noite. A pessoa aproxima-se do esplendor do Senhor, compartilhando a Sua escuridão. Trabalha pela salvação do mundo, deixando a própria salvação para trás por causa de outros com tal piedade, nada da terrível realidade do Inferno é negada. O inferno é tão real que atinge diretamente a existência dos santos. A esperança apenas aguentará caso a pessoa compartilhe esse sofrimento da noite do Inferno com Aquele que veio para transformar a nossa noite através do sofrimento.”³⁹²

Com tudo isto que referimos, acreditamos ter as bases suficientes para verificar na noite de Madre Teresa essa ligação à experiência de Jesus na Paixão que Hans Urs von Balthasar procura descrever na sua obra teológica. Por um lado, a partir do teólogo podemos afirmar que o próprio Jesus experimentou essa ausência do Pai e que, como tal, a comunhão com Cristo poderá implicar a travessia por esse mesmo mistério. Por outro lado, são as

³⁹¹ Da Madre Teresa para Jesus, carta anexada à carta para o Padre Picachy, 3 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 200.

³⁹² “For the saints, «Hell» is not much a threat to be hurled at other people but a challenge to oneself. It is a challenge to suffer in the dark night of faith, to experience communion with Christ in solidarity with his descent into the Night. One draws near to the Lord’s radiance by sharing His darkness. One serves the salvation of the world by leaving one’s own salvation behind for the sake of others in such piety, nothing of the dreadful reality of Hell is denied. Hell is so real that it reaches right into the existence of Saints. Hope can take it on, only if one shares in the suffering of Hell’s night by the side of the One who came to transform our night by suffering.” (J. RATZINGER, *Eschatology: Death and Eternal Life*, The Catholic University of American Press, Washington DC, 1988, 217-218.)

expressões de Madre Teresa que nos fazem confiar que, mesmo mergulhada numa enorme escuridão, a sua união com Jesus era uma clara realidade. Até no meio do sofrimento acabava por partilhar que “o meu amor a Jesus continua a crescer, mais simples e também, creio eu, mais pessoal.”³⁹³. Ou então reconhecia nitidamente que “sei que tenho Jesus – nesta união inquebrantável – porque a minha mente está fixada n’Ele e apenas n’Ele.”³⁹⁴

³⁹³ Da Madre Teresa para o Padre Michael van der Peet, 19 de Junho de 1976. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 278.

³⁹⁴ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 23 de Outubro de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 229.

CAPÍTULO IV

A NOITE DE MADRE TERESA DE CALCUTÁ: LUZ PARA AS NOITES DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Quando analisada de perto, a experiência noturna de Madre Teresa apresenta-se, em primeira instância, como algo de absolutamente radical e único. Ainda que passível de interpretação teológica, algo que procurámos fazer anteriormente, e tendo a própria Madre Teresa descoberto o seu sentido espiritual, não deixa de se tratar de um fenómeno singular, que não vemos propriamente acontecer em todos os crentes. No entanto, é nosso desejo alargar um pouco o espectro. Não descurando este lado de experiência única, acreditamos ser possível estabelecer uma ponte entre a longa e profunda escuridão de Madre Teresa e a vida espiritual do crente comum ou mesmo, em maior escala, de todo o Homem contemporâneo. Em certa medida, era já essa a intuição que tinha Madre Teresa quando desabafou que “se alguma vez vier a ser santa – serei com certeza uma santa da «escuridão». Hei de estar permanentemente fora do Céu – a iluminar os que na Terra se encontram na escuridão.”³⁹⁵

Com efeito, a noite espiritual não deve ser vista como propriedade de um misticismo distante que a teologia analisa, mas ela fala-nos ao mais profundo de cada um e revela algo de transversal a todas as experiências de fé. Nesse sentido, declara Paul Murray: “Esta experiência paradoxal de quase total escuridão espiritual [de Madre Teresa], embora diferente em *grau* [...] da experiência de fé do crente comum, não é diferente em *tipo*. A fé cristã [...] é, em si mesma, um tipo de escuridão.”³⁹⁶ Não será que grande parte da empatia que o mundo demonstra por Madre Teresa é também fruto do seu testemunho da longa noite vivida? Um testemunho assim de santidade acaba por apresentar uma fé “real”, onde todos se identificam,

³⁹⁵ Da Madre Teresa para o Padre Neuner, 6 de Março de 1962. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sé a minha Luz*, 235.

³⁹⁶ “This paradoxical experience of an almost total spiritual darkness, although different in degree [...] from the faith-experience of the ordinary believer, is not different in kind. Christian faith [...] is in itself a kind of darkness.” (P. MURRAY, *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, 59.)

e põe em causa uma fé tantas vezes entendida do lado da clarividência face ao mistério da vida e de Deus, onde poucos sentem ser possível chegar. Vista assim, a noite escura de Madre Teresa acaba por oferecer uma grande luz a quem dela tem conhecimento pelo facto de “resgatar” para o campo da fé a experiência que todos, em certa medida, atravessam – o confronto com um Deus aparentemente ausente e silencioso – e oferecer instrumentos para vivê-la da maneira mais fecunda.

1. A noite de Madre Teresa de Calcutá: experiência universal

Como temos vindo a analisar, este tema da noite espiritual, ainda que certamente delicado, não é propriamente um “desconhecido” da história eclesial ou do enorme manancial que compõe a teologia espiritual. Contudo, no mundo contemporâneo, a experiência noturna parece ter ganho um destaque³⁹⁷ muito para lá do habitual misticismo ou da esfera reflexiva, para atingir, de forma quase universal, a esfera existencial do mundo crente e não só.³⁹⁸ O teólogo Tomás Halík afirma mesmo: “Se há alguma coisa que possa ser descrita como a experiência religiosa do homem da idade moderna tardia, será a experiência do ocultamento de Deus”, daí que “a teologia teve de abandonar as noções de um Deus que era *demasiado próximo*.”³⁹⁹ O mesmo previa, ainda no início do séc. XX, o Beneditino John Chapman quando declarava que “o desafio correspondente dos nossos contemporâneos parece ser o sentimento de não ter fé alguma; não tentações contra qualquer artigo em particular

³⁹⁷ Cf. C. ZALESKI, “The dark night of Mother Teresa”, 25-27.

³⁹⁸ Augusto Guerra expõe da seguinte maneira a situação atual: “En los últimos años se ha manifestado entre los cristianos una fuerte conciencia no de presencia, sino de ausencia. Es decir, los cristianos confesaban experimentar la ausencia de Dios. Dios como objeto – hablemos así para entendernos – que remueve interiormente al cristiano cuando se pone en su presencia, desaparecía o se desdibujaba y no conmovía ni zarandeaba al hombre. Era más bien su ausencia la que era experimentada por éste.” (A. GUERRA, “Experiencia cristiana”, in S. DE FIORES, T. GOFFI (Dir.), *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 492.)

³⁹⁹ T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, Paulinas, Prior Velho, 2016, 66.

(habitualmente), mas o simples sentimento de que a religião não é verdadeira.”⁴⁰⁰ Não por acaso, uma das máximas que mais impacto teve no século XX foi a frase de Friedrich Nietzsche “Deus morreu!”⁴⁰¹

Quando em 2010, Bento XVI visitou o Santo Sudário, em Turim, proferiu um discurso centrado no mistério do Sábado Santo, como o dia de um grande silêncio e do escondimento de Deus. E concluiu assim:

“ [...] no nosso tempo, especialmente depois de ter atravessado o século passado, a humanidade tornou-se particularmente sensível ao mistério do Sábado Santo. O escondimento de Deus faz parte da espiritualidade do homem contemporâneo, de maneira existencial, quase inconsciente, como um vazio no coração que se foi alargando cada vez mais. [...] Depois de duas guerras mundiais, os *lager* e os *gulag*, Hiroshima e Nagasaki, a nossa época tornou-se um Sábado Santo em medida cada vez maior: a escuridão desse dia interpela todos os que se questionam sobre a vida, de modo particular interpela a nós, crentes.”⁴⁰²

Também o seu antecessor, o Papa João Paulo II, já tinha chamado a atenção para a realidade da “noite escura” como algo particularmente atual no nosso tempo⁴⁰³. Na carta apostólica que redigiu, para assinalar o quarto centenário da morte de São João da Cruz, arrisca essa ponte com a atualidade. Acreditamos que as linhas que selecionamos, embora referentes ao místico carmelita, seriam perfeitamente válidas para o caso específico da noite de Madre Teresa:

⁴⁰⁰ “The *corresponding trial* of our contemporaries seems to be the *feeling of not having any faith*; not temptations against any particular article (usually), but a mere feeling that religion is not true.” (R. HUDELSTON (Ed.), *The Spiritual Letters of Dom John Chapman, O. S. B.*, Sheed and Ward, Londres, 47 cit. in P. MURRAY, *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, 45.)

⁴⁰¹ É muito interessante a leitura que Tomás Halík assume acerca desta proclamação de Nietzsche, vendo nela algo bem mais profundo que apenas uma propaganda ateuista. Cf. T. HALÍK, A. GRÜN, *O abandono de Deus: Quando a crença e a descrença se abraçam*, Paulinas, Prior Velho, 2017, 17-28. Outros escritores e teólogos de espiritualidade falarão de fenómenos como “eclipse de Deus” (M. Buber), a “falta de Deus” (M. Heidegger), “ocultamento de Deus” (J. Sudbrack), ou da sua “distância” (K. Rahner). Cf. S. DE FIORES, “Espiritualidad contemporánea”, in S. DE FIORES, T. GOFFI (Dir.), *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983,464.

⁴⁰² BENTO XVI, *Meditação na veneração do Santo Sudário a 2 de Maio de 2010 no decurso da visita pastoral a Turim*, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100502_meditazione-torino.html, acesso em 9 de Maio de 2018.

⁴⁰³ Muitas vezes referida como a noite coletiva ou epocal: Cf. F. RUIZ SALVADOR, *Introducción a San Juan de la Cruz: El escritor, los escritos, el sistema*, 603-608.

“O Doutor Místico chama hoje a atenção de muitos crentes e não crentes por causa da sua descrição da noite escura como uma experiência tipicamente humana e cristã. O nosso tempo tem experimentado momentos dramáticos em que o silêncio ou ausência de Deus, a experiência de calamidades e sofrimentos, como guerras ou mesmo o holocausto de tantas pessoas inocentes, têm feito compreender melhor esta expressão, dando-lhe um caráter de experiência coletiva, aplicado também à própria realidade da vida e não apenas a uma fase do caminho espiritual.”⁴⁰⁴

Ambos os Papas estão de acordo ao classificar a espiritualidade contemporânea como habitualmente noturna. Invocam os acontecimentos dramáticos da história ocidental recente para explicar parte desta intensificação espiritual marcada pela consciência coletiva de uma divindade aparentemente ausente e passiva perante os sofrimentos da humanidade e, nesse sentido, ausente também da vida íntima de cada um.

Os tempos modernos testemunharam um mundo em mudança, com impacto muito concreto no universo religioso. Por exemplo, no campo científico, são notórios os enormes avanços que acabaram por oferecer novos entendimentos acerca do mundo e do homem e, como tal, pôr em causa algumas noções religiosas que eram, até então, o garante central dessa compreensão.⁴⁰⁵ Mas as causas desta “noite universal” são certamente fruto de um conjunto

⁴⁰⁴ “El doctor místico llama hoy la atención de muchos creyentes y no creyentes por la descripción que hace de la noche oscura como experiencia típicamente humana y cristiana. Nuestra época ha vivido momentos dramáticos en los que el silencio o ausencia de Dios, la experiencia de calamidades y sufrimientos, como las guerras o el mismo holocausto de tantos seres inocentes, han hecho comprender mejor esta expresión, dándole además un carácter de experiencia colectiva, aplicada a la realidad misma de la vida y no sólo a una fase del camino espiritual.” (JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Maestro en la Fe*, 14, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1990/documents/hf_jp-ii_apl_19901214_juan-de-la-cruz.html, acesso em 12 de Maio de 2018.) Citamos esta Carta em espanhol pois o site do Vaticano apenas tem disponível esta versão e em italiano.

⁴⁰⁵ Tomás Halík elenca algumas dessas evoluções científicas com impacto no campo religioso: “A biologia evolutiva desacreditou a ideia de Deus como causa mecânica *imediata* da história, a que nós chamamos mundo e vida. Os estudos religiosos, a historiografia e a teoria da literatura refutaram a imagem de Deus a ditar *diretamente* [a sua Palavra] à pena dos autores sagrados. A experiência das tragédias da história recente abalou a confiança num Deus Maestro a dirigir constante e diretamente a orquestra da sociedade humana, expulsando de imediato qualquer músico que estivesse a minar a harmonia da história. A psicologia e a neurologia revelaram um mundo de influências desconhecidas e também previamente por investigar sobre a consciência humana (e daí, também, sobre as noções religiosas), e, como resultado disso, a ideia de Deus a atuar *diretamente* «dentro da alma humana» tornou-se insignificante. A sociologia do conhecimento mostrou que todas as nossas noções, incluindo as noções religiosas, não são *diretamente* derramadas na nossa consciência a partir de um ponto situado algures no céu, mas refletem entre outras coisas, muitas características da sociedade e do momento histórico em que vivemos. A filosofia analítica recorda que o sentido de qualquer palavra pronunciada, incluindo as afirmações religiosas, não pode ser *imediatamente* entendido, isto é, sem conhecimento do contexto do «jogo

mais vasto de circunstâncias e ocasiões. Estamos a falar de um período da história não apenas marcado pelas referidas convulsões ou avanços científicos, mas, acima de tudo, por uma profunda transformação cultural e de mentalidades, a que normalmente denominamos por secularização.

Ainda que não nos compita uma análise exaustiva do fenómeno, uma breve exposição do que significou a secularização, poderá ajudar-nos entender melhor o porquê de o mundo ocidental se debater tanto com o ocultamento de Deus. Embora não sendo uma questão fundamentalmente religiosa⁴⁰⁶, ela trouxe consequências únicas para o universo religioso. A transformação que a secularização assinala poderia ser resumida da seguinte maneira. Antigamente, a natureza era vista como uma realidade desconhecida e dominadora, lugar de forças misteriosas e, nesse sentido, campo da ação e presença de Deus. Mas, hoje em dia, fruto também dos avanços científicos já mencionados, o paradigma mudou completamente. O homem passou a compreender e a dominar o mundo que o envolvia. Em vez de ser o lugar para reconhecer a ação de Deus, de encontrar os Seus vestígios, o mundo passou a ser compreensível e dominável e, nesse sentido, lugar apenas da ação humana. O homem moderno descobriu-se sujeito, sendo que, do cosmocentrismo passamos para o antropocentrismo. Mudou por completo o panorama existencial e a forma de experimentar a existência: o mundo teofânico de antigamente transformou-se assim num mundo hominizado.⁴⁰⁷

O mesmo seria concluir que a modernidade opera uma mudança de paradigma da

linguístico» do qual essa palavra pronunciada faz parte, nem da «forma de vida» da qual ela emerge. Se Deus existe, *está situado a um nível muito mais profundo* do que as gerações passadas pensavam; se Ele é a «causa primeira», então devemos afirmar que não é tão detetável nem tão «demonstrável» como parecia àqueles que ainda não conheciam suficientemente a selva complexa de «causas secundárias» que impelem a natureza, os seres humanos e a história. [...] O conhecimento adquirido ao longo do século passado abalou naturalmente os sistemas fixos de noções religiosas.” (T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 66-68.)

⁴⁰⁶ Preferimos evitar um olhar simplista acerca da secularização como sendo um fenómeno que tinha servido apenas para pôr em marcha o fim da religião no mundo ocidental. Nesse sentido, parece-nos mais correta a visão de Edward Schillebeeckx: “De facto, o significado primário e imediato da «secularização» nada tem a ver com a religiosidade. Trata-se antes do mais, e fundamentalmente duma transformação radical da relação do homem com o mundo.” (E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, *Colóquios para assinantes da Revista Concilium* 4 (1966) 2.)

⁴⁰⁷ Cf. E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 2.

sociedade e da religião na medida em que o centro de sentido e a fonte de coesão social e cultural deixa de ser um cosmos sagrado, exterior ao ser humano, garantido pelas instituições religiosas, mas passa a ser o próprio ser humano como medida e fim em si mesmo. Sendo assim, é normal que a secularização comporte uma certa tendência de dessacralização, ou pelo menos de deslocação da esfera religiosa para o plano privado a par de outras áreas como a economia ou a ecologia.⁴⁰⁸

Vejamos então o seguinte. Todo o conhecimento humano, inclusive o conhecimento de Deus, terá de assentar numa perceção, de alguém que toca, escuta, ouve, etc. Não existe consciência de outra realidade sem que isso passe pela consciência de ser homem neste mundo. Por isso, poderíamos até dizer que qualquer revelação divina que acontecesse fora dessa experiência individual nunca poderia consistir numa real revelação para os homens pois estes acabariam por nunca lhe aceder. Sendo assim, é normal que esta nova visão do mundo e do homem possa gerar uma certa crise religiosa, por tornar mais exigente a busca por Deus. De facto, Deus deixa de “estar” onde antigamente era reconhecido e percecionado.⁴⁰⁹ Walter Kasper sintetiza assim as mudanças civilizacionais que ajudaram a fazer da experiência da ausência de Deus algo tão comum:

“Atualmente deparamo-nos com um mundo que experimentamos de uma maneira qualitativamente diferente da que experimentávamos antigamente. Este mundo deixou de ser aquele mundo luminoso, cheio do divino, no qual o humano e o divino se misturam. Tampouco é aquele cosmos perfeitamente ordenado, onde todos, até mesmo Deus, têm sua posição fixa e na qual tudo [...] reflete Deus. [...] Nós vemos antes um mundo que nos foi dado e entregue [...] para a nossa ação histórica, através do qual criaremos uma ordem humana. Por isso, neste mundo que vai acontecendo historicamente, não encontramos tanto os traços de Deus quanto os nossos.”⁴¹⁰

⁴⁰⁸ R. PORTELLA, “Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: Da ciranda entre religião e secularização”, *Revista de Estudos da Religião* 2 (2006) 71-87.

⁴⁰⁹ Cf. E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 3.

⁴¹⁰ “Actualmente nos enfrentamos con un mundo que experimentamos de manera cualitativamente distinta a como lo experimentábamos antes. Este mundo ya no es para nosotros aquel mundo luminoso, lleno de lo divino, en el que se entremezclaban lo humano y lo divino. Tampoco es ya aquel cosmos perfectamente ordenado, donde todo, incluso Dios, tiene su puesto fijo y en el que todo [...] refleja a Dios. [...] Nosotros lo vemos más bien

Em certa medida, é como se a partir da modernidade, “a começar por Descartes, em que a realidade foi dividida em sujeito e objeto, Deus tornou-se um «sem-abrigo». Passou então a ser lógico para o ateísmo dizer: não há Deus.”⁴¹¹ Ainda que o novo paradigma existencial também torne possível que alguns venham a considerar inútil a hipótese de Deus, pelo fato de ser bem mais exigente o reconhecimento da presença de Deus, isso não nos deve fazer lamentar ou atacar as referidas mutações, numa reivindicação de um passado aparentemente mais favorável para a fé. Mas não tenhamos escrúpulos em assumir que “Deus não pode ser encontrado de verdade num mundo visto dessa forma, porque Deus não é um «objeto», uma coisa entre outras coisas, um ser entre outros seres, ou até uma parte do sujeito humano; Deus não é uma simples ideia, emoção, conceito ou fantasia.”⁴¹² Num raciocínio semelhante, Schillebeeckx vê nos novos desafios que a fé atravessa algo de propício para o amadurecimento da mesma⁴¹³.

“Esta nova imagem do mundo arrasta consigo somente a eliminação da antiga imagem de Deus e das antigas formas de religiosidade que nela se apoiavam. [...] Teologicamente, a consequência imediata do fenómeno da secularização não é a descrença ou a secularização da própria religião, mas em primeiro lugar a recusa de considerar Deus como um fator intramundano, [...] a recusa de viver a natureza como imediatamente numinosa. [...] Embora possa dar lugar a uma interpretação ateia, a nova experiência da existência não se opõe em si à fé, mas liberta a religião e a Igreja dos elementos que a religião sacralizante havia anexado [...]. Dito isto, é evidente que a nova compreensão do mundo e do homem acarreta normalmente um certo “obscurecimento” de Deus, no qual o crente reconhece “em negativo” uma percepção mais aguda do caráter intocável, irrepresentável, absolutamente transcendente do ser divino, que “não é deste mundo”: uma purificação da imagem de Deus. [...] Para o

como un mundo que se nos ha dado y entregado [...] para nuestra acción histórica, sólo a través de la cual crearemos un orden humano. Por eso en este mundo que se va haciendo históricamente no encontramos tanto las huellas de Dios como las nuestras.” (W. KASPER, “Possibilidades de la experiencia de Dios en la actualidad”, in *Fe e historia*, Sígueme, Salamanca, 1974, 51 cit. in S. DE FIORES, “Espiritualidad contemporánea”, 465.)

⁴¹¹ T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 87.

⁴¹² T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 87.

⁴¹³ Outra leitura particularmente sugestiva é a de Augusto Guerra: “Puede ser que antes se viesse a Dios en todas partes y el cristiano le tuviese demasiado familiar. Pero es probable que, al menos en muchas ocasiones, se hubiese sacralizado demasiado a Dios ya calificásemos de experiencia cristiana de Dios lo que no dejaba de ser relación con un ídolo. [...] En este sentido, la crisis sería favorable. Una secularización necesaria no habría hecho otra cosa que Dios no está donde realmente no está, a pesar de que con buena conciencia se hubiera creído en su presencia.” (A. GUERRA, “Experiencia cristiana”, 492-493.)

crente, a secularização constitui um insistente convite a um cristianismo autêntico e a um novo estilo de vida.”⁴¹⁴

Por isso mesmo, pelo facto de o palco da fé ter ganho uma tônica mais interior e subjetiva, é que um dos grandes “lugares” onde o homem mais se debate com a ausência de Deus seja na oração. Habitado a uma exterioridade religiosa que lhe garantia uma certa segurança religiosa, é como se agora ficasse desarmado perante uma interioridade onde ainda não aprendeu a estar e a reconhecer a presença de Deus. E claro está, é particularmente duro quando nessa tentativa de um encontro amoroso na oração “encontramo-nos diante do silêncio de Deus, experimentamos quase um sentido de abandono, parece-nos que Deus não ouve e não responde.”⁴¹⁵ Para alguns, essa não percepção de Deus significará um sério obstáculo à fé. Mas poderá significar também que estamos perante um défice de experiência orante, algo que não se limite à repetição de fórmulas vazias ou projeções pessoais na boca de Deus, mas que introduza no mistério profundo, maioritariamente marcada pela contemplação, ou seja, essa arte do silêncio interior para poder decifrar o que Deus diz mesmo quando “não diz nada”.⁴¹⁶ Também aqui, Madre Teresa aparece particularmente próxima de uma humanidade que se confronta com um Deus silencioso. Também ela encontrou na oração não aquele tipo de consolações evidentes mas a dor imensa de não encontrar Aquele que tanto amava e, ainda assim, permanecer a Ele unida.⁴¹⁷

⁴¹⁴ E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 3-5. Ignacio Larrañaga também reconhece um passado em que se deturpou a imagem de Deus: “A imagem de Deus esteve, muitas vezes, revestida de uma multiplicidade de roupagens: os nossos medos e inseguranças, os nossos interesses e sistemas, as nossas ambições, incapacidades, ignorâncias e limitações. Para muitos, Deus era a solução mágica para todas as coisas impossíveis, a explicação de tudo o que ignorávamos, o refúgio dos derrotados e incapazes.” (I. LARRAÑAGA, *Mostra-me o teu rosto: O Deus que interpela, incomoda e desafia*, Paulinas, Prior Velho, 2012, 9.)

⁴¹⁵ BENTO XVI, *Audiência geral de 7 de Março de 2012*, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120307.html, acesso em 31 de Maio de 2018.

⁴¹⁶ Cf. T. HALÍK, *A noite do Confessor: a fé cristã numa era de incerteza*, Paulinas, Prior Velho, 2014, 333.

⁴¹⁷ Assim expressava Madre Teresa: “Quero a Deus com toda a força da minha alma – mas há entre nós – esta separação terrível. – Deixei de rezar – pronuncio as palavras das orações da comunidade – e faço o que posso para retirar de cada palavra todo a doçura que ela tem para dar. – Mas a minha oração de união deixou de lá estar. – Deixei de rezar. – A minha alma deixou de estar unida a Ti.” (Da Madre Teresa para Jesus, carta anexada à carta para o Padre Picachy, 3 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 201.) E noutra ocasião: “Por vezes – apenas oiço o meu próprio coração a chamar - «Meu Deus» e não sai mais nada.” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, sem data, muito provavelmente escrito durante o retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 217.) Já nos tínhamos

Em suma, aquilo que tentámos demonstrar até aqui é que face à questão de Deus, o homem contemporâneo tem menos “por onde se agarrar” no mundo exterior, sendo lançado para uma maior profundidade onde nem tudo tem contornos de clarividência. Por outro lado, marcado pelo paradigma científico e habituado a permanecer constantemente no reinado da experiência, desconfia habitualmente de construções ideológicas sem uma base fatural. É, pois, um imperativo para o crente que a sua fé não seja apenas uma árida abstração mas algo que nasça e subsista da experiência real de Deus na sua vida. Se for claro que a experiência de Deus é diferente de tudo o resto, então pode bem ser que essa busca experiencial resulte até numa maior autenticidade e vitalidade da vida espiritual, aproximando mais o crente da verdadeira fé.⁴¹⁸ A reflexão de Ignacio Larrañaga resume bem esta ideia:

“Muitos irmãos temem que o processo de secularização acabe por minar as bases da fé, e que, por conseguinte, a vida com Deus se vá inibindo numa decantação progressiva até acabar de vez. A minha impressão pessoal é absolutamente contrária. A secularização poderia ser equiparada à noite escura dos sentidos. É a purificação mais radical da imagem de Deus. Justamente por isso, o crente da era da secularizada poderá viver, finalmente, a fé pura e despida, sem falsos apoios.”⁴¹⁹

Em certa medida, é como se “sobrasse” apenas o indivíduo e o próprio Deus, num confronto decisivo. O homem contemporâneo é devolvido à questão essencial: como afirmava Bento XVI, na raiz da fé “não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá vida a um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”⁴²⁰

Desta forma, ainda que lançando novos desafios e fazendo cair por terra algumas estruturas antigas, o novo mundo pode mesmo abrir espaço para o fundamental da fé.

referido a esta última citação, mas como se encontrava no meio de uma outra citação maior pensámos que seria pertinente voltarmos a ela, de modo clarificar e realçar a experiência de Madre Teresa.

⁴¹⁸ Cf. S. DE FIORES, “Espiritualidad contemporánea”, 464.

⁴¹⁹ I. LARRAÑAGA, *Mostra-me o teu rosto: O Deus que interpela, incomoda e desafia*, 9.

⁴²⁰ BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, 1, in *AAS* 98 (Martii 2006) 217.

Podemos e devemos mesmo dizer que “esta situação constitui uma bênção e um momento oportuno (*kairós*), para a fé, porque a fé, mais uma vez, se transforma mais num *ato livre*, num ato que não se pode forçar – ou seja, numa corajosa escolha pessoal.”⁴²¹ Mais uma vez, surge como auxílio luminoso o testemunho dos místicos, concretamente a vida de Madre Teresa, no sentido de mostrar ao mundo que, mesmo quando tudo está envolto numa noite escura, mesmo quando todas as seguranças e consolações caem por terra, é possível descobrir um caminho de permanência na fé. É essa procura, em lugares novos e mais profundos, para lá da aparente noite em que se vive, que o homem contemporâneo é chamado a investir para redescobrir a proximidade de Deus. Foi essa mesma consciência que levou Karl Rahner a intuir o seguinte:

“O cristão do futuro ou será ‘místico’, quer dizer, uma pessoa que ‘experimentou algo’, ou não será cristão, porque a espiritualidade do futuro não se apoiará já numa convicção unânime, evidente e pública, nem num ambiente religioso generalizado, prévios à experiência e decisão pessoais.”⁴²²

2. O “ateísmo” de Madre Teresa de Calcutá

Durante alguns séculos da antiguidade, a designação de ateu recaiu sob os cristãos pelo fato de rejeitarem a religião romana e a mitologia grega.⁴²³ Nesse mundo antigo, repleto de deuses, a proclamação de um Deus verdadeiro como sendo desconhecido, não representável e envolvido em mistério – recordemos, por exemplo, a intervenção de São Paulo no Areópago (Cf. At 17, 19-18,1) – implicava um grande corte com a cultura religiosa

⁴²¹ T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 68.

⁴²² “El cristiano del futuro o será un «místico», es decir, una persona que ha «experimentado» algo, o no será cristiano. Porque la espiritualidad del futuro no se apoyará ya en una convicción unánime, evidente y pública, ni en un ambiente religioso generalizado, previos a la experiencia ya a la decisión personales.” (K. RAHNER, “Espiritualidad antigua y actual”, *Escritos de Teología*, VII, Taurus Ediciones, Madrid, 1969, 25.)

⁴²³ Cf. T. HALÍK, A. GRÜN, *O abandono de Deus: Quando a crença e a descrença se abraçam*, 80.

circundante e ideia de não seguirem Deus algum.⁴²⁴ Ao longo do tempo, a designação acabaria por abandonar o cristianismo para se posicionar no seu exterior. Foi ganhando forma uma certa imagem tradicional do ateu como alguém defeituoso, pecador, sem validade intelectual ou moral. Foi a partir do Concílio Vaticano II, que a Igreja Católica assumiu uma postura algo diferente perante o fenómeno do ateísmo⁴²⁵, deixando cair por terra esse tipo de pronunciamentos oficiais marcadamente negativos. Perante um mundo de inúmeros paradoxos, palco de acontecimentos e transformações já referidas, o ateu opta por uma explicação da vida como se ela fosse uma história sem Deus, como se Deus não existisse. E se assim é, há que pelo menos considerar que essa escolha possa ter sido profundamente honesta e, portanto, subjetivamente respeitável.⁴²⁶ Quem sabe, tal como aconteceu outrora com Paulo, a secularização, o ateísmo, o “enfraquecimento da religião” – realidades que até tendemos a analisar como prejudiciais à fé – podem hoje ser a oportunidade de voltar a erguer o “altar ao Deus desconhecido”, deixando assim cair os inúmeros deuses demasiado familiares que a cultura cristã foi permitindo que surgissem.⁴²⁷

Estamos conscientes que o termo “ateu” poderá ser empregado para realidades muito variadas entre si, e poderá até acontecer que, em determinadas situações seja erradamente atribuído.⁴²⁸ Não raras vezes, aquele que se diz ateu não nega o Deus do Evangelho mas antes imagens falsas e erradas que lhe foram apresentadas como Deus. Mas independentemente da complexidade da questão, teremos sempre de regressar ao que diz Schillebeeckx:

⁴²⁴ Cf. T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, Paulinas, Prior Velho, 2014, 169.

⁴²⁵ Para um maior aprofundamento do fenómeno do ateísmo: Cf. A. JIMÉNEZ ORTIZ, *Por los caminos de la increencia: la fe en diálogo*, Editorial CCS, Madrid, 1993; Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, Sal Terrae, Santander, 2013, 63-136; Cf. B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001, 95-104.

⁴²⁶ T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 69.

⁴²⁷ Cf. T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, 169-170.

⁴²⁸ Halík apresenta três grupos de pessoas que são habitualmente denominadas por ateus mas que, em boa verdade, não o deveriam ser: os anticlericais, os pseudoateus que apenas estão revoltados com uma imagem errada de Deus que lhes foi apresentada no passado, e aqueles que vivem num confronto constante com Deus. Na sua análise, o verdadeiro ateu seria apenas aquele que sente uma indiferença ou apatia em relação a Deus. (Cf. T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 70-71.) Noutra altura, Halík defende que a grande diferença não está entre crentes e não-crentes, mas entre aqueles a quem Deus deixa indiferentes – quer sejam ateus indiferentes quer sejam cristãos convencionais – e aqueles que se debatem existencialmente com a questão de Deus – sejam eles apaixonados de Deus ou pessoas com sede de fé mas incapazes de a assumir. (Cf. T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, 52.)

“Existem de fato homens que se declaram existencialmente incapazes de acreditar em Deus. São eles que o afirmam e temos de aceitar o testemunho sincero e autêntico de tantos [...] que assim se exprimem. Eles dizem ter procurado, ter lido livros e livros para sempre chegar ao mesmo: «para mim é impossível vê-lo.»”⁴²⁹

Nesse sentido, o testemunho de alguém que se afirma ateu deve, pelo menos, interpelar a uma reflexão séria em torno da pretensão da fé em se poder “experimentar” Deus, de ser possível perceber a Sua presença e proximidade. Com efeito, alguns círculos crentes acabam por se referir ao contato com Deus como se fosse uma evidência, acomodando-se a lugares-comuns que apenas servem para tornar vazia a própria convicção crente. Por isso mesmo, esses que buscam e nunca chegam a reconhecer a presença de Deus são uma voz fundamental. Funcionam como um “contrapeso” para que a realidade da fé não seja assim abusivamente apropriada e apresentada.⁴³⁰ Acima de tudo, não devemos ter medo de:

“tomar a sério o fato de que Deus *não está assim tão «facilmente apreensível»*. Se conseguirmos entender aqueles que se confrontam com um Deus silencioso, oculto ou distante – incluindo aqueles que foram levados a rejeitar a religião devido a essa experiência –, isso poderá ajudar-nos a alcançar uma forma de fé mais madura do que o ingênuo e vulgar teísmo, justamente criticado pelos ateus.”⁴³¹

De facto, a experiência de Deus pode até parecer uma impossibilidade. Deus é sempre maior: está sempre para lá de tudo o que possamos conceber ou imaginar. À luz do que dizia Santo Anselmo, de Deus ser “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado”⁴³², não poderíamos perguntar se Deus não é também maior do que o maior que por nós pode ser

⁴²⁹ E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 14-15.

⁴³⁰ A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, Paulinas, Prior Velho, 2014, 93-94.

⁴³¹ T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, Paulinas, 52.

⁴³² ANSELMO, *Proslogion*, II cit. in A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 94.

experimentado? Se Santo Agostinho lembrava que “se compreendes, não é Deus”⁴³³, não poderíamos afirmar também que se experimentas, não é Deus? Quem poderá reivindicar, com firmeza, ter experimentado Deus?⁴³⁴ Tendo consciência de que o acesso a Deus não se trata de algo automático, Joseph Ratzinger defende que a dificuldade em assumir o “eu creio” da fé está exatamente no abismo infinito existente entre Deus e o Homem. O autor refere que o Homem é apenas capaz de ver o que Deus não é, de maneira que Deus permanece o invisível, Aquele que está fora do seu campo visual. Por mais que esse campo seja ampliado, Deus continuará essencialmente fora dele⁴³⁵. Para além disso, o Homem, sendo um ser que vê e toca, corre o risco de limitar a existência e a realidade apenas àquilo que pode ver e tocar. Assim sendo, Ratzinger diz que a fé pode ser vista como aquela opção fundamental que não considera menos real e verdadeiro o que não é visível ou tangível, acreditando que é aí mesmo que se encontra o sustento da restante realidade. A fé é uma viragem do ser que resiste à gravidade natural de nos determos somente no visível e palpável.⁴³⁶

Em parte, também devemos ao ateísmo este ressurgir de questões essenciais e nucleares da fé, sendo que algumas posições “não-crentes”, por exemplo, as que se opõem a caricaturas fundamentalistas da fé, podem muito bem ser aliadas na apresentação mais coerente da transcendência de Deus. Tem de ser dito que a experiência que fazem alguns ateus, de uma certa inacessibilidade de Deus, que diante das tentativas para O sentirem apenas se cruzam com a noite, é uma experiência verdadeira⁴³⁷ e que não difere assim tanto da

⁴³³ SANTO AGOSTINHO, *Sermo*, 117, 5 cit. in A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 95.

⁴³⁴ A interpelação parte da reflexão de Alexandre Palma. O autor reconhece que a expressão é discutível mas apenas deseja, com isso, abrir questões e, acima de tudo, pôr em causa a forma ligeira com que, por vezes, se recorre ao apelo experiencial. Cf. A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 94-95.

⁴³⁵ Não estamos, com isto, a dizer que a relação com Deus acontece noutra patamar que não seja o da existência humana, sempre limitada pelo tempo e espaço. Mais adiante procuraremos lançar algumas pistas de um acesso a Deus no interior da realidade humana.

⁴³⁶ J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, Principia, Cascais, 2005, 35-36.

⁴³⁷ Acerca de uma maior solidariedade para com os não-crentes, Halík questiona se não se devia “desdemonizar por completo os «não crentes» e reinterpretar, pelo menos, um certo tipo de «descrença» como perspectiva «a partir do outro lado» do íngreme cume do monte «coberto de nuvens» do impenetrável mistério divino? Mostrar o ateísmo, não como uma mentira, mas como uma verdade incompleta? Mostrar a fé viva, não como uma série de preceitos poeirentos, mas como um caminho para a maturação, que inclui até vales do «silêncio de Deus»...mas que, ao contrário dos fornecedores de «certezas», não as contorna nem abandona qualquer busca

experiência da fé. Se calhar, a pouca diferença que encontramos em alguns não-crentes está na falta de tempo que têm para mergulhar no mistério do ocultamento de Deus, de se precipitarem logo na exclusão de Deus e não darem espaço para contemplar pacientemente a profundidade do Seu silêncio. Por vezes, acabam mesmo por se assemelhar a alguns fundamentalismos religiosos, ao se agarrarem às suas certezas. De um lado, temos um ateísmo que não se questiona, do outro temos uma religiosidade que permanece à superfície com os seus paradigmas confortáveis. Porventura, os respetivos posicionamentos escondem antes o desconforto com uma fé que anda de braços dados com a dúvida e com a realidade de um Deus que sempre nos escapa.⁴³⁸

Deste modo, a experiência dos ateus, na sua dificuldade em perceber Deus, e a experiência espiritual de Madre Teresa⁴³⁹, ao sentir que Deus a abandonara por completo, apontam não só para experiências momentâneas mas falam-nos da verdadeira essência de quem Deus é⁴⁴⁰. Relembrem-nos que uma fé madura é fundamentalmente uma fé noturna⁴⁴¹. Numa reflexão que fez acerca da ligação existente entre a fé e a dúvida, Joseph Ratzinger afirma isso mesmo, que todo aquele que faz uma experiência honesta de fé sempre se deparará com “a ameaça da incerteza que, em momentos de tentação, revela de repente e com toda a dureza a fragilidade de tudo aquilo que costumava parecer-lhe tão evidente.”⁴⁴² Nesses momentos, a dúvida, ou se quisermos a “noite”, surge com toda a força, tornando persuasiva uma vida sem fé. Fica em jogo o todo da fé, encontrando-se o sujeito como que no limiar de

ulterior: pelo contrário, continua a avançar pacientemente.” (T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, Paulinas, 74.)

⁴³⁸ Cf. T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 71-72.

⁴³⁹ Cf. M. VILAS-BOAS, “Teresa de Calcutá: O escândalo dos não crentes”, *Communio* 4 (2007) 489-490.

⁴⁴⁰ “Deus não é, decididamente, no sentido de que nós somos ou de que as coisas são, ou de que o mundo é. É essa diferença radical entre a sua existência e a nossa existência no mundo que dá lugar à existência do ateísmo e do agnosticismo...e também da fé. Se Deus fosse vulgar e estivesse sempre «ao alcance da mão», não faria sentido na fé arrebatada, não implicaria coragem da esperança humana dizer «sim» frente ao incompreensível, dizer esse «sim» frente a tudo o que nos impele a proferir um «não» resignado ou, na melhor das hipóteses, um cético «talvez». É precisamente por isso que a interminável confrontação entre a fé e a descrença é tão fascinante e dramática.” (T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, Paulinas, 86.)

⁴⁴¹ Não desejamos, com isto, fazer coincidir em absoluto a experiência dos ateus com a experiência de Madre Teresa. Isso seria abusivo da nossa parte. Já deixámos claro, anteriormente, que Madre Teresa sente que perdeu o que já teve em plenitude. Um ateu nunca tem esta percepção de perda de um dom. Ainda assim, isso não significa deixarmos de lado a tentativa de estabelecer pontos de contato entre ambas as experiências.

⁴⁴² J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, 29.

um abismo sem fundo. Mas, para o teólogo, faz parte da experiência de fé a entrada neste mar de dúvidas e incertezas. O oposto, por muito desejável que fosse seria apenas uma ilusão. A fé é sempre um salto arriscado num abismo infinito, salto que ultrapassa o demonstrável⁴⁴³ e que aceita como verdadeira realidade aquilo que é invisível por natureza. Poderíamos então dizer que a fé não surge automaticamente mas acontece numa decisão “noturna”.⁴⁴⁴

Por outro lado, Ratzinger procura estabelecer uma ponte com a experiência do ateísmo. É que também o descrente vive dinamismos muito semelhantes aos do crente. Também ele nunca terá a certeza absoluta de que o todo da realidade é sem Deus. Por isso mesmo, não poucas vezes a fé surgirá como tentadora para o não crente, tal como a descrença surgirá como apetecível para o crente. Contudo, a dúvida, apesar de lançar desconforto, é também o garante de que crente e não crente não se isolam nos seus respectivos mundos. O diálogo só é possível porque a dúvida os lança sempre no campo um do outro.⁴⁴⁵

Numa abordagem diferente, Luís Rocha e Melo insere-nos na lógica da pedagogia divina⁴⁴⁶ e recorda ainda que o silêncio de Deus ou o Sua ausência não significam o Seu abandono:

“O verdadeiro pedagogo – na experiência que vem do amor – não está sempre presente ao educando, não fosse a presença continuada abafar o crescimento de quem é chamado a crescer. Na linguagem do amor, a ausência é forma de presença, a única que faz do homem um ser livre e responsável. Mãe que não deixa o filho quando ele cresce e mantém, para além do

⁴⁴³ A fé assume que a comprovação “científica” é uma, de várias maneiras, de nos relacionarmos com a realidade mas não é capaz de abarcar na totalidade.

⁴⁴⁴ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, 30-36.

⁴⁴⁵ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, 31-33.

⁴⁴⁶ Também na obra de C. S. Lewis, “Vorazmente Teu”, numa das inúmeras cartas que o diabo Escritorpe escreve ao seu sobrinho, Absintox, o tio explica a razão de Deus valorizar tanto os períodos de aridez espiritual: o fato de Deus querer que os seres humanos O sigam livremente. Isso faz com que, em alguns momentos, tenha de Se afastar, pois a doçura da Sua presença sempre se sobreporia à vontade livre dos homens: “O Irresistível e o Indiscutível são as duas armas que a própria natureza do Seu plano O proíbe de utilizar. Ele não pode arrebatar, mas apenas cortejar. [...] De início, ainda está pronto a sobrepor-se um pouco. [...] Mas Ele nunca permite que este estado de coisas se prolongue muito. Mais tarde ou mais cedo, retira, se não de fato pelo menos da sua experiência consciente, todos esses apoios e incentivos. Deixa que a criatura se firme nas suas duas pernas [...]. Ele quer que aprendam a andar e, por conseguinte, tem de retirar a mão. [...] A nossa causa nunca está em tanto perigo como quando um humano, já sem o desejo mas ainda com a intenção de cumprir a vontade do nosso Inimigo, olha em volta para um Universo de onde parece ter desaparecido qualquer vestígio Seu, e pergunta porque foi abandonado, e mesmo assim obedece.” (C. S. LEWIS, *Vorazmente Teu*, Grifo, Lisboa, 1995, 44-45.)

conveniente, uma presença diretiva e controladora – controladora do imediato mas não formadora da liberdade – criará provavelmente um jovem infantilizado ou rebelde. Era preciso que a mãe soubesse ausentar-se na devida altura. [...] O nosso Deus é Mestre por excelência, de quem toda a educação procede: «para vós é bom que eu vá, porque se não for, o Espírito Santo não virá a vós» (Jo 16, 7). É a pedagogia da Ascensão. Para vós é bom que eu vá porque se me tivésseis sempre fisicamente – sensivelmente – presente, jamais seríeis adultos na fé; ficaríeis infantilizados à espera que eu vos dissesse o que tendes a fazer, em vez de exercitardes a liberdade e a responsabilidade – o discernimento – no mundo cuja salvação vos confio. [...] Importa compreender que os dois termos, presença e ausência, são dois momentos da mesma ação educadora de Deus, alternados no percurso mas constitutivos de uma única relação entre Deus e o homem: uma relação de amor que não é menos amorosa nas fases de ausência.»⁴⁴⁷

Diante da experiência noturna e silenciosa de Deus, a reflexão teológica tem assim o dever de buscar novos caminhos na apresentação da proximidade de Deus que não esvazie a Sua transcendência tão sentida nos dias de hoje. Para isso, poderá ser importante uma certa revalorização da chamada teologia negativa ou teologia apofática, algo a que os místicos e antigos teólogos largamente recorreram. Como sumariza Halík, este ramo teológico:

“Constitui uma espécie de «corrente subterrânea» de teologia cristã. Afirma ela que a forma mais segura de chegar a Deus é pelo caminho da negação, pela recusa de todos os testemunhos positivos de Deus, porque Este transcende de tal modo a amplitude do nosso pensamento, imaginação e linguagem, que o máximo que podemos dizer acerca dele é aquilo que Ele não é; as tentativas de exprimir «aquilo que Ele é» podem levar à criação de ídolos. É por isso que esta teologia mística e certos tipos de «ateísmo» são compatíveis. [...] Um certo tipo de ateísmo - «negação de Deus» - tende mais a aproximar Deus do que afastá-lo.»⁴⁴⁸

Como temos procurado demonstrar, no largo espectro das pessoas que se dizem ateias, poderemos vir a encontrar como que um lado passivo, não de alguém que rejeita Deus, mas que por Ele se sente rejeitado. Tal como Madre Teresa de Calcutá, muitos destes anseiam pelo encontro com o divino mas acabam por exprimir que, apesar das suas investidas não são

⁴⁴⁷ L. Rocha e MELO, *Se tu Soubesses o dom de Deus*, Editorial A. O., Braga, 2006, 89-90.

⁴⁴⁸ T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, 53-54.

capazes experimentar essa Outra presença. Ainda que possamos discutir até que ponto essa busca é realizada de uma forma correta, não deixam de viver, à sua maneira, a experiência da noite espiritual. Por outro lado, será que não podemos alargar a questão e afirmar que Madre Teresa e os místicos, ao atravessarem a noite escura e confrontarem-se existencialmente com o silêncio de Deus, acabam por viver como a-teus – sem Deus? Ao limite, poderíamos ainda dizer que também Jesus, na Sua Paixão, foi ateu.⁴⁴⁹

Temos consciência dos limites desta abordagem. Ela parte de um sentido muito lato da palavra “ateu” e não propriamente de sua compreensão como a rejeição absoluta da hipótese de Deus. Contudo, também Chesterton arriscou algo idêntico: “Escolham os ateus um deus, porque não de encontrar apenas uma divindade que, uma vez, chegou a exteriorizar o isolamento dos mesmos ateus; não de encontrar apenas uma religião na qual Deus pareceu, num fugaz momento, ser ateu.”⁴⁵⁰

Com efeito, ainda que com dinamismos singulares, os relatos que Madre Teresa faz da sua escuridão espiritual aproximam-na, de forma única, com a experiência atea e estabelecem um diálogo fecundo com um mundo contemporâneo que, ao confrontar-se com a ausência divina, hesita em dar o salto da fé: “Dizem que os que estão no inferno sofrem uma dor eterna devida à perda de Deus [...]. Na minha alma sinto justamente essa dor terrível de perda – de Deus não me querer – de Deus não ser Deus – de Deus não existir realmente”⁴⁵¹. “Se há inferno – deve ser assim. Que coisa terrível é estar sem Deus.”⁴⁵² “Tenho a sensação de «recusar a Deus» [...]. Reze por mim, para que eu não me transforme num Judas para Jesus nesta dolorosa escuridão.”⁴⁵³

Madre Teresa aparece assim como alguém experimentada nos meandros mais

⁴⁴⁹ Cf. R. CANTALAMESSA, *Mother Teresa: “the night” accepted as a gift*, <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/164985%26eng%3Dy.html>, acesso em 14 de Junho de 2018.

⁴⁵⁰ G. K. CHESTERTON, *Ortodoxia*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1958, 218.

⁴⁵¹ Da Madre Teresa para Jesus, carta anexada à carta para o Padre Picachy, 3 de Setembro de 1959. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 200.

⁴⁵² Da Madre Teresa para o Padre Neuner, antes de 8 de Janeiro de 1965. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 255.

⁴⁵³ Da Madre Teresa para o Bispo Picachy, 8 de Janeiro de 1964. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 250.

sombrios da fé e, nesse sentido, com particular proximidade para o diálogo com o ateísmo. Em certa medida, o não-crente poderá ver plasmada na noite de Madre Teresa a sua mesma experiência. Talvez nem todos os não-crentes viverão a sua falta de fé com tanta intensidade ou dor como Madre Teresa vivia a noite espiritual, mas não deixam, contudo, de tocar o mesmo vazio no que toca à questão de Deus. Por isso mesmo, Cantalamessa defendia algo espantoso, perfeitamente adequado para o caso de Madre Teresa:

“Por esta razão, os místicos são os evangelizadores ideais do mundo pós-moderno, onde as pessoas vivem «etsi Deus non daretur», como se Deus não existisse. Eles recordam os ateus honestos de que eles não estão «longe do Reino de Deus», que com um salto apenas poderão estar no lado dos místicos, passando do nada para o tudo.”⁴⁵⁴

3. A proximidade de Deus

Até aqui procurámos demonstrar não só que o confronto com o silêncio de Deus tem sido um fenómeno particularmente sentido pela contemporaneidade, mas que, por outro lado, ele também é o ambiente comum e propício para a vivência de uma fé real e madura e, nesse sentido, realidade de todos os tempos e de todas as pessoas que buscam Deus. Contudo, parece-nos importante avançar um pouco mais na questão. Por muito paradoxal que seja, pensamos ser possível continuar a afirmar também a proximidade de Deus. Para isso, talvez tenhamos de aceitar que existem outras categorias, que não apenas a dos sentidos, para atestar essa proximidade.⁴⁵⁵ Apenas desejamos evitar o erro de pensar que a noite e a experiência da

⁴⁵⁴ “For this reason, the mystics are the ideal evangelizers in the postmodern world, where people live «etsi Deus non daretur», as if God did not exist. They remind the honest atheists that they are not «far from the kingdom of God», that in just one leap they could be on the side of the mystics, passing from nothing to everything.” (Cf. R. CANTALAMESSA, *Mother Teresa: “the night” accepted as a gift*, <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/164985%26eng%3Dy.html>, acesso em 14 de Junho de 2018.)

⁴⁵⁵ Luís Rocha e Melo afirma o seguinte: “A maravilha e a grandeza da fé e da oração – a sua dificuldade ao mesmo tempo – é que a presença de Deus não entra pelos sentidos. Nem mesmo por sensações interiores que deem aconchego e bem-estar ou por dilatações calorosas que preencham os espaços vazios. [...] A presença de Deus não é como a de um amigo de carne e osso que se pode ver e abraçar [...]. O centro da alma possui a

ausência de Deus é o todo de quem se coloca aberto à relação com Deus. Mesmo no caso extremo de uma ausência sentida, é possível descobrir um Deus presente, próximo, que se “experimenta”⁴⁵⁶.

Como é natural, aquilo que apresentamos trata-se apenas de uma aproximação ao tema, e nunca uma pretensão de o esgotar. O testemunho de Madre Teresa será fundamental na medida em que nalguns momentos nos será possível cruzar uma dimensão mais teórica da reflexão com a sua concretização real. Não esqueçamos que, apesar da longa noite vivida e de ter sentido intensamente que Deus não estava presente, Madre Teresa é, acima de tudo e paradoxalmente, o testemunho da Sua proximidade constante. Ela demonstra bem como a “verificação” dessa proximidade divina não precisa de estar ancorada a uma percepção meramente sensível mas que pode acontecer numa dimensão mais profunda.

Por muito que assinalemos o fato de a experiência de Deus nunca acontecer como acontecem todas as restantes experiências humanas⁴⁵⁷, e por muito que reconheçamos que o salto da fé seja o abraçar da escuridão que sempre envolve a essência de Deus, não podemos deixar de assumir a possibilidade de que qualquer tipo de percepção da presença de Deus tenha de estar ao nosso alcance. Caso contrário, estaríamos condenados a um tal isolamento, e numa tarefa ainda mais difícil para proclamar a verdade de uma fé que se quer como relação entre Deus e o Homem. Com efeito, o teólogo, Greshake, aborda assim a questão:

faculdade especial de ver o que os olhos não veem, de ouvir o que os ouvidos não ouvem, de entender para além do que todos os sentidos percebem, e de se abrir ao Transcendente.” (L. Rocha e MELO, *Se tu Soubesses o dom de Deus*, 44.)

⁴⁵⁶ Acerca desta questão: Cf. AA. VV., *Experimentar Deus hoje*, Editora Vozes, Petrópolis, 1974; Cf. A. GESCHÉ, *Dios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010, 36-40; Cf. G. L. MÜLLER, “El Dios olvidado! Experiencia de Dios en nuestro tiempo?”, in AA. VV., *El problema de Dios, hoy*, Sal Terrae, Santander, 2012, 57-71; Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, 154-165; Cf. K.-H. WEGER, “Es possible la experiencia de Dios?”, *Selecciones de Teologia* 127 (1993) 165-171; Cf. J. MARTÍN VELASCO, *El Encuentro con Dios: Una interpretación personalista de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976.

⁴⁵⁷ Schillebeeckx compreende a origem de um certo movimento filosófico/teológico, que acentua a ideia da morte de Deus ou da Sua ausência no mundo, “na medida em que ele insiste na dificuldade de um contato pessoal e direto com Deus, no sentido de não se lhe poder falar como se fala com uma pessoa. Neste sentido, é claro que não existe contato pessoal com Deus. Isso seria a definição da visão beatífica. A relação direta com Deus é sempre uma relação, uma intersubjetividade que fica implícita. [...] A oração é a tentativa do homem de se pôr face a face diante de Deus, ainda que sob o véu da fé. Mas ver Deus face a face, falar com Ele, não é possível.” (E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 16-17.)

“No decurso da nossa existência temporal não temos nenhuma experiência imediata de Deus. Isto não significa que seja de todo impossível estar também numa relação imediata com Ele. Pelo contrário! Na primeira carta de Pedro (1,8) diz-se a respeito de Jesus Cristo: «Sem o terdes visto, vós o amais; sem o ver ainda, credes nele e vos alegrais com uma alegria indescritível e irradiante.» «Não ver» Jesus Cristo, isto é, a ausência de uma experiência imediata, não torna impossível a fé e o amor, isto é, uma relação pessoal com Ele.”⁴⁵⁸

Caminhamos num terreno paradoxal. Embora reconhecendo que Deus nunca é puro objeto da nossa experiência, o autor anterior continua a apontar para a possibilidade de uma relação pessoal. Mas, perguntemo-nos, então. Será que uma relação acontece na total ausência da experiência do outro? E se assim é, de que tipo é essa experiência de Deus e o que será que experimentamos quando ela acontece? Alexandre Palma sintetiza bem o que certos autores têm referido a este respeito. Alguns referem-se à experiência de Deus como uma “experiência com a experiência” (E. Jünger; E. Schillebeeckx; E. Salmann). Outros, dizendo essencialmente o mesmo, preferem assinalar que ela acontece numa “imediatez mediada” (K. Rahner; G. Greshake). O próprio Palma arrisca a ideia da experiência de Deus como uma experiência de segundo nível.⁴⁵⁹

O que estas posições procuram sinalizar é que o acesso à proximidade de Deus, isto é, a experiência de Deus, acontece no seio de tudo aquilo que experimentamos. É precisamente *com e naquilo* que experimentamos – e não à margem disso – que podemos experimentar Deus. O encontro com Deus não é uma abstração. Acontece na mediação de tudo o que a vida nos dá para experimentar. Assim, num primeiro nível acontece a experiência de realidades concretas da vida, e é nesse momento de as experimentar que se pode dar uma abertura e a experiência de uma outra presença que elevam o sujeito para um segundo nível, o do encontro com Deus. Quando Rahner nos fala de uma imediatez mediada, ao referir-se à experiência de Deus, fá-lo entrando propositadamente no terreno do paradoxo. Deseja alargar a nossa

⁴⁵⁸ G. GRESHAKE, *Il Dio Unitrino: Teologia trinitaria*, Queriniana, Bréscia, 2000, 327 cit. in A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 95.

⁴⁵⁹ Cf. A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 96-97.

linguagem e compreensão para falar de algo que nunca chegaremos a abarcar totalmente. A expressão procura englobar, por um lado, o fato de que experimentar Deus exige sempre uma mediação⁴⁶⁰, tendo em conta a nossa natureza corpórea e histórica, e na medida em que Deus nunca se pode tornar objetivável e, por outro lado, o fato de o próprio Deus ter de estar presente. Caso contrário, tratar-se-ia apenas de um mero fenómeno de projeção humana e sem uma efetiva revelação divina. É no interior da multiplicidade de mediações da criação que o próprio Deus pode vir ao nosso encontro.⁴⁶¹

Ora, esta forma de apresentar a experiência de Deus deita por terra um erro em que muitos incorrem. Existe uma tendência para colocar a experiência religiosa ao lado de fenómenos extraordinários, muito intensos, com forte dimensão afetiva, sentimentos peculiares e a consciência de uma grande certeza de contato com o “sobrenatural”. Vista por este prisma, a experiência de Deus estaria reservada a um pequeno número de privilegiados. Mas o que afirmamos é exatamente o contrário. Como temos estado a referir, a particularidade da experiência de Deus não é que ela apenas aconteça em momentos raros, mas que possa vir a acontecer a partir de qualquer experiência humana. Uma insistência assim, num caráter tão específico da experiência religiosa e validado apenas pelo nível de intensidade emocional, acabaria por dividir os crentes em dois grupos separados: os afortunados que já “viram” Deus e a maioria dos restantes⁴⁶², condenados a assumir uma vida de fé “teórica”, a afirmar a existência de Deus, sim, mas sem nunca O terem

⁴⁶⁰ Schillebeeckx afirma que Deus “não pode testemunhar a sua presença senão num ato «kenótico», ou seja, num ato de desapego de si próprio, no qual deve inserir, entre Ele e nós, a realidade criada como sinal (ambivalente) da sua presença. Aquele que vê a Deus com um olhar não purificado, morre: felizes os puros de coração! Deus apenas se encontra presente numa maneira velada.” (E. SCHILLEBEECKX, “A dolorosa experiência do Deus oculto”, 10.)

⁴⁶¹ Cf. A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 97-101.

⁴⁶² Um paradigma assim apenas potencia um olhar errado acerca da experiência de Deus e acerca de onde ela realmente poderá acontecer. Os muitos que não chegam a vivenciar esses momentos, ditos extraordinários, acabam por se resignar a uma fé teórica e incapaz de testemunhar um encontro com Deus: “Todos aquellos a los que veo y pregunto me dicen, sin dudar, que en algunos momentos privilegiados se han encontrado con Vos. A todos les habéis dicho algo. A todos, en un determinado momento, les ha sido imposible dudar de vuestra presencia y de vuestro amor. Yo, en cambio, ¡nunca! ¡Nunca! ¿Qué culpa he cometido? [...] Siempre, la noche, siempre la más cruel lejanía. [...] ¡Dadme luz, dadme calor! Señor, ¡socorro!” (A. BLANCHET, *Henri Bremond*, Aubier, Paris, 1975 cit. in J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, in P. CEBOLLADA (Ed.), *Experiencia y misterio de Dios*, Universidad Pontificia Comillas, San Pablo, 2009, 67.)

experimentado.⁴⁶³

Pelo contrário, há que reafirmar firmemente que, no limite, ninguém chega a “ver” Deus, e que colocar a prova da Sua proximidade somente num critério de “intensidade emocional” pode ser uma grande ilusão. Aliás, o caso específico de Madre Teresa, onde até encontramos uma primeira fase de grande luminosidade, precedente à longa escuridão, em que chegou a receber uma série de visões e onde várias vezes ouvia Jesus a falar consigo, pode originar uma interpretação que sobrevalorize esses acontecimentos extraordinários. Contudo, é a própria Madre Teresa que não se deixa deslumbrar pelos mesmos, não vendo aí o fundamental da sua experiência de Deus. Não prescinde deles mas afirma que “não foi por elas [Vozes e Visões] que a minha vida se alterou. [...] Não sei porque foi que vieram – nem tento saber. Agrada-me deixá-Lo fazer em mim o que mais Lhe agradar.”⁴⁶⁴

Em certo sentido, há que restaurar um discurso da presença de Deus que não aponte apenas para “superfície” da realidade mas para a sua maior profundidade. Procuramo-Lo muitas vezes de forma errada, tornando-Se, por isso, um Deus desconhecido para nós. Para muitos, esta maneira diferente de entrar na experiência de Deus, não à superfície e em momentos soltos mas a partir de uma maior profundidade⁴⁶⁵ e no todo da vida, levará a repetir como Jacob: “O Senhor está realmente neste lugar e eu não o sabia.” (Gn 28, 16)

⁴⁶³ Cf. J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, 66-68.

⁴⁶⁴ Bem sabemos que a sua vida até veio a mudar bastante. Mas quando afirma que nada mudou por causa desses acontecimentos extraordinários pensamos que se refere, acima de tudo, à essência da sua relação com Deus. (Da Madre Teresa para o Padre Van Exem, 19 de Outubro de 1947. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 101-102.)

⁴⁶⁵ As mudanças culturais do nosso tempo criaram uma certa mentalidade coletiva que confunde autenticidade com espontaneidade emocional, e que considera a intensidade de uma experiência emocional com o principal critério para avaliar um acontecimento na sua vida. Existe, por isso, uma certa dificuldade em ultrapassar um dinamismo meramente emocional como motor da vida espiritual. Tal como no amor, não existe caminho possível que esteja ancorado na ilusão do enamoramento eterno. A noite, a aridez e as crises da vida espiritual não significam que a experiência religiosa terminou. São antes o chamamento para que se arrisque um “lugar” mais profundo. (Cf. T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 123-125.) Ratzinger refere que esses momentos, sempre recorrentes no caminho da fé, dizem respeito à virtude interna do amor, de quem nunca se deixa ficar pelo que já adquiriu mas que sente a necessidade de conhecer cada vez melhor Aquele a quem deu o seu sim, para poder amá-Lo mais ainda. (Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, 56.) Acerca da experiência de Deus poder passar tanto por fases de clara percepção de uma Presença como por outras fases onde essa percepção é inexistente: Cf. J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, 92-94. A partir da regra inaciana, Timothy Gallagher apresenta a desolação espiritual como um tempo para a fidelidade, um tempo para a iniciativa, um tempo para a resistência e um tempo para a paciência. Também refere algumas razões para o fato de Deus permitir estes momentos de noite espiritual: Cf. T. M. GALLAGHER, *O discernimento dos espíritos: um guia inaciano para a vida quotidiana*, 129-248.

Na mesma linha de pensamento, Raimon Panikkar defende que a experiência de Deus não só é possível como necessária a todo o ser humano. Lembra, ainda assim, que ela é a experiência de “nada” pois, como já repetimos várias vezes, não existe um objeto “Deus” que se experimenta. Mas, paradoxalmente, é também a experiência pela qual se toma consciência de que existe “algo mais” do ponto de vista qualitativo, sendo esse “algo mais” precisamente aquilo que torna possível toda e qualquer experiência humana. Por isso mesmo, a experiência de Deus, como já referimos e o autor reforça, coincide com a experiência da contingência mas abre-nos à consciência de que somos parte de algo maior que isso.⁴⁶⁶

Para sintetizar um pouco o que temos assinalado, parece-me pertinente a ressalva que Juan Martín Velasco faz para uma noção mais global da experiência de Deus:

“A experiência de Deus não consiste em atos isolados: lampejos de certeza que invadem a consciência do crente; efusão de afetos e sentimentos que podem inundá-lo num determinado momento. Tais atos podem ocorrer, e normalmente ocorrem, em pessoas que progridem na realização de sua adesão e consentimento ao Mistério, como «experiências» localizadas, momentâneas e esporádicas dessa adesão da pessoa. Mas a experiência de Deus é antes o resultado do caminho, do itinerário que o homem percorre quando, consentindo com sua origem, encarna na sua vida esse consentimento e assim adquire a harmonia, a conaturalidade, a familiaridade, a «ambientação» do próprio ser para Deus e com Deus, que lhe permitem descobri-Lo em todas as realidades do mundo, em todos os acontecimentos da história e em todas as experiências da sua própria vida.”⁴⁶⁷

Para empreender uma experiência de Deus que respeite a Sua transcendência convém começar por entender que esse Seu atributo divino não significa um total distanciamento da

⁴⁶⁶ R. PANIKKAR, *La experiencia de Dios*, PPC, Madrid, 1994, 34-38.

⁴⁶⁷ “La experiencia de Dios no consiste en actos aislados: fogonazos de certeza que invaden la conciencia del creyente; efusión de afectos y sentimientos que puedan inundarlo en un momento determinado. Tales actos pueden ocurrir y ocurrirán de ordinario en las personas que progresan en la realización de su adhesión y consentimiento al Misterio, como «vivenciaciones» localizadas, momentâneas y esporádicas de esa adhesión de la persona. Pero la experiencia de Dios es más bien el resultado del recorrido, del itinerario que recorre el hombre cuando, consintiendo a su origen, encarna en su vida ese consentimiento y adquiere así la sintonía, la conaturalidad, la familiaridad, el «aclimatamiento» del propio ser a Dios y con Dios, que le permiten descubrirlo en todas las realidades del mundo, en todos los acontecimientos de la historia y en todas las experiencias de la propia vida.” (J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 2007, 57.)

realidade ou das pessoas. Aliás, é precisamente por ser absolutamente transcendente que pode ser e é imanente a toda a realidade, sendo o fundamento dessa mesma realidade.⁴⁶⁸ Por isso mesmo, afirma a Escritura que “é nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos.” (At 17, 28) Também Santo Agostinho, numa expressão conhecida admite a compatibilidade entre transcendência e imanência: “Mas tu eras mais interior do que o íntimo de mim mesmo e mais sublime do que o mais sublime de mim mesmo.”⁴⁶⁹ No limite, qualquer um, na longa caminhada que é a fé, pode chegar ao ponto de tomar consciência do mesmo que afirmava São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.” (Gl 2, 20)

A partir daqui, tem lógica afirmar que o fato de Deus ser desconhecido para tantos não significa obrigatoriamente que Ele esteja distante. Em certo sentido, “*Ele é desconhecido, não por estar demasiado distante, mas por estar demasiado próximo*. Na verdade, nós sabemos menos acerca do que está mais perto de nós [...]. Nenhum de nós viu o seu próprio rosto – apenas vemos a sua imagem num espelho.”⁴⁷⁰ Se então podemos considerar que Deus habita as profundezas da nossa vida e está dentro do nosso ser, também poderíamos incluir a ideia de que, na verdade, “Ele não está «próximo» de nós, Ele é a proximidade. Nós ainda conseguimos ver os objetos que estão próximos, mas não conseguimos ver a proximidade em si. Vemos os objetos à luz, mas não vemos a própria luz.”⁴⁷¹

Esta ideia, de um Deus presente no íntimo de cada um, leva alguns a afirmarem que um dos sinais da Sua proximidade se encontra no próprio anseio que temos por Ele. É como se esse desejo de O encontrar fosse já um dom e expressão da graça, e que todas as nossas buscas e anseios fossem uma reação à busca prévia de Deus por nós: “Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi.” (Jo 15, 16)⁴⁷² Como verificámos nos relatos de Madre Teresa, se tivéssemos que mencionar uma marca distintiva da sua experiência religiosa talvez

⁴⁶⁸ Cf. J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, 76.

⁴⁶⁹ SANTO AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, III, 6, 11, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2001.

⁴⁷⁰ T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, 168.

⁴⁷¹ T. HALÍK, *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, 176.

⁴⁷² Cf. T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 121-122.

assinalássemos o fato de, mesmo mergulhada numa intensa noite espiritual, o seu desejo por Deus continuar a crescer cada vez mais⁴⁷³. Nessa ânsia imensa, que chegava a ser dolorosa, podemos ver a tal reação à proximidade misteriosa e profunda de Deus. Aliás, já o referimos anteriormente que, paradoxalmente, a própria noite manifestava uma proximidade e união ainda maiores com Cristo, ao ponto de podermos dizer que já não era Madre Teresa que vivia mas Cristo que vivia a escuridão da Sua paixão nela⁴⁷⁴.

Esta noção da precedência divina também nos leva a compreender que o homem, no que se refere à experiência de Deus, é sempre um sujeito passivo⁴⁷⁵. Cai no erro e na frustração existencial aquele que pensa ser capaz de forçar a experiência de Deus somente a partir da sua firme vontade. A atitude para tomar consciência da Sua presença não passa tanto por uma espécie de “síndrome de caçador”, de quem reúne uma série de meios e circunstâncias para apreender o seu objeto, mas é antes um “deixar-se encontrar”. São João afirmava o seguinte: “É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou.” (1 Jo 4, 10) Portanto, a experiência de Deus consiste mais numa tomada de consciência de que é Ele quem primeiro toma a iniciativa, que é Ele que nos precede na busca, que é Ele que nos conhece e que é Ele que nos envolve amorosamente.⁴⁷⁶

Quando analisamos a vida espiritual de Madre Teresa, verificamos que Deus sempre a surpreendeu na iniciativa. Tanto os momentos de intensa luz como os de maior escuridão

⁴⁷³ “Quero dizer-lhe uma coisa – mas não sei como hei de expressá-la. Anseio – com uma ânsia dolorosa ser toda para Deus – ser santa de tal maneira que Jesus possa viver por completo a Sua vida em mim. Quanto mais o quero – menos sou querida. – Quero amá-Lo como Ele nunca foi amado – mas existe uma separação – um vazio tremendo, um sentimento de ausência de Deus.” (Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 8 de Fevereiro de 1956. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 172.)

⁴⁷⁴ Cf. Gl 2, 20.

⁴⁷⁵ Luís Rocha e Melo defende algo idêntico: “Tentação do contemplativo, provocada por ascéticas mal entendidas, é a de querer dominar a luz com o seu esforço em vez de se expor a ela. Quem toma banhos de sol despe-se e põe-se ao sol; não tenta agarrá-lo nem controlá-lo. Ele é que envolve a pessoa e lhe comunica todo o poder da luz e do calor. Todo o trabalho do contemplativo está em despojar-se e expor-se para se deixar possuir ou se deixar amar como Deus quer. [...] Mas o Senhor não se deixa agarrar nem pode deixar porque no dia em que o fizesse, ficávamos à mercê de nós próprios e fabricávamos um deus à nossa medida. Acontece, mas é poluição espiritual. Com tanta vontade de O possuir, pretendemos controlar inconscientemente a ação de Deus. Desejo santo na aparência, mas cheio de amor-próprio no fundo. Deus exerce a soberania que lhe é própria e comunica toda a luz a partir do momento em que a pessoa, despojada de si mesma e desarmada dessas vontades de posse, se abandona livremente e se deixa conduzir como criança pela mão.” (L. Rocha e MELO, *Se tu Soubesses o dom de Deus*, 183.)

⁴⁷⁶ Cf. R. PANIKKAR, *La experiencia de Dios*, 46-48; Cf. J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 47-49.

irromperam na vida de Madre Teresa como algo para lá do expetável e planeado. Não defendemos com isto uma arbitrariedade da ação do homem face a Deus, mas apenas que a grande iniciativa da experiência de Deus é do próprio Deus. Em certo sentido, o homem apenas cria as condições de possibilidade para reconhecer na sua vida a presença já existente de Deus, e essa tomada de consciência vem sempre carregada de novidade.

Mesmo sendo uma tarefa muito ambígua, alguns autores procuram definir critérios⁴⁷⁷ que ajudem a discernir uma real experiência de Deus. Embora não sendo nosso propósito apresentá-los em profundidade, poderá ser relevante referir pelo menos um desses possíveis critérios. Neste caso, referimo-nos ao amor. De fato, o grande critério de validação da proximidade com Deus não está tanto em saber muito, mas em amar muito, em testemunhar um crescimento na vontade de amar.⁴⁷⁸ Mais ainda, o amor parece-nos ser também um meio ou lugar privilegiado para se fazer uma experiência de Deus. São João diz-nos: “Todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.” (1 Jo 4, 7-8) Também na carta aos Efésios, o amor surge como inseparável do acesso a Deus. O autor roga para “que estejais enraizados e alicerçados no amor, para terdes a capacidade de apreender, com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura e a profundidade...a capacidade de conhecer o amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento.” (Ef 3, 17-19)

Por outro lado, a realidade deste amor que nos abre à experiência de Deus não prescinde de uma concretização terrena e humana. É Jesus quem associa fundamentalmente o amor a Deus com o amor ao próximo: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10, 27) Jesus resgata a experiência de Deus e do Seu amor de uma dimensão “celestial” e isolada, e coloca-a ao nível terreno. São João entendeu-o bem

⁴⁷⁷ Para um maior aprofundamento da questão: Cf. J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 60-66; Cf. A. GUERRA, “Experiencia cristiana”, 495-496.

⁴⁷⁸ Cf. J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 64.

quando dizia que “aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1 Jo 4, 20) Assim, quando arriscamos um passo em frente numa vida de amor ao próximo, estamos também a entrar no terreno da experiência de Deus. Nesse momento, ouviremos Jesus a dizer “o Reino de Deus está entre vós” (Lc 17, 21), que é como quem diz que o próprio Deus ali estará. Em cada gesto de amor, principalmente pelos mais pequeninos (Cf. Mt 25, 31-46), Deus, que é amor, acontece, está presente. Assim, podemos afirmar que encontramos e experimentamos Deus no próximo, no amor ao nosso próximo. Não se trata de deificar a outra pessoa mas de tomar consciência do divino no interior dessa relação, pois Deus é a fonte e a base dessa mesma relação.⁴⁷⁹

É curioso verificar que Emmanuel Lévinas, numa das suas obras, reflete acerca da ligação que existe entre o rosto do outro e o próprio Deus, como se Deus Se revelasse através do rosto.⁴⁸⁰ Já Thomas Merton é perentório em assinalar a centralidade do amor:

“É o amor daquele que me quer bem, do meu irmão ou do meu filho, que revela Deus em mim, que faz com que reconheça Deus em mim mesmo. E é o meu amor pela pessoa que quero bem, pelo meu filho, pelo meu irmão, que me permite descobrir Deus neles. O amor é a epifania de Deus na nossa pobreza.”⁴⁸¹

Se recorrermos ao testemunho de Madre Teresa encontraremos a mesma intuição espiritual. Aquela que uma vez afirmou que “quero amá-Lo como Ele nunca foi amado”⁴⁸² vivia a mesma intensidade amorosa para com aqueles a quem servia. Mesmo no meio de uma escuridão sem fim, era nos pobres que acabava por descobrir a presença escondida de

⁴⁷⁹ Cf. T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 127-136.

⁴⁸⁰ Cf. E. LÉVINAS, *Totalidad e Infinito: Ensayo sobre la exterioridad*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1977, 201-261.

⁴⁸¹ “Es el amor del que me quiere, de mi hermano o de mi hijo, el que descubre a Dios en mí, el que hace que yo reconozca a Dios en mí mismo. Y es mi amor a la persona que quiero, a mi hijo, a mi hermano, el que me capacita para que les descubra a Dios en ellos. El amor es la epifanía en Dios en nuestra pobreza.” (T. MERTON, *El caminho monástico*, Verbo Divino, Estella, 1986, 224 cit. in J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 65, nota de rodapé 17.)

⁴⁸² Da Madre Teresa para o Arcebispo Périer, 8 de Fevereiro de 1956. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 172.

Jesus⁴⁸³. Daí que a sua vida exterior, altamente marcada pelo amor, não possa ser apenas descrita como “ativa” mas também e acima de tudo sob o prisma da contemplação. Era a própria Madre Teresa que se referia às Missionárias da Caridade como contemplativas no coração do mundo, na medida em que viviam numa constante atenção à presença divina na vida dos pobres.⁴⁸⁴ Em suma, poderíamos recorrer à expressão, a nosso ver muito feliz, que Halík encontra para este mistério: “Deus é a profundidade em que entramos quando nos transcendemos, amando.”⁴⁸⁵

Continuando a elencar outros lugares privilegiados para descobrir a proximidade de Deus, não há como não mencionar a oração⁴⁸⁶. Porventura, até teria sido mais correto termos começado por aqui. Por um lado, é indispensável, para o reconhecimento do Mistério que é Deus, uma certa saída e rutura com formas de vida somente centradas na utilidade, na produtividade, no consumismo, que normalmente constituem a vida ordinária. E a oração, devidamente cuidada e recorrente oferece essa entrada privilegiada para se deixar envolver por Deus. Sem oração, seria como se quiséssemos amar alguém sem estar dispostos aos momentos vulgares da convivência quotidiana. Não se trata de dizer que a experiência de Deus não se pode dar por outros meios mas talvez seja na oração onde o homem encontra o tal lugar primordial e ordinário. Esse hábito orante, para além de ser, em si mesmo, encontro com o sagrado, também oferece uma transformação a partir do centro da pessoa, no “coração”, a partir do qual toda a estrutura humana, o olhar, os sentidos, etc., acabam por estar mais capacitados para descobrir Deus em todo o resto das experiências que compõem a vida. Ou não foi Jesus quem disse: “felizes os puros de coração, porque verão a Deus.” (Mt 5, 8)? Por isso mesmo, só numa visão simplista se pode apontar ação e contemplação como

⁴⁸³ “Quando no exterior – no trabalho – ou quando estou com pessoas – há uma presença – de alguém que vive muito perto – em mim mesma. – Não sei o que é isto – mas é frequente e é mesmo diário – esse amor de Deus em mim torna-se mais real. – Dou por mim a dizer a Jesus inconscientemente estranhas palavras de amor.” (Da Madre Teresa para o Padre Neuner, muito provavelmente durante o retiro de Abril de 1961. B. KOLODIEJCHUK (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, 218.)

⁴⁸⁴ Cf. K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 82-86.

⁴⁸⁵ T. HALÍK, *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, 140.

⁴⁸⁶ Para um caminho de maior integração da escuridão espiritual e de aprendizagem de uma oração fecunda ao encontro da presença de Deus: Cf. I. LARRAÑAGA, *Mostra-me o teu rosto: O Deus que interpela, incomoda e desafia*, 58-314; L. Rocha e MELO, *Se tu Soubesses o dom de Deus*, 21-118.

opostos. A vida orante, para além de um mergulho no Mistério, é também o caminho para um coração novo e de uma unidade de vida capaz de ver Deus em toda a realidade.⁴⁸⁷ Na mesma linha, Madre Teresa afirmava que o silêncio e a oração “alargam o coração até ao ponto de este ser capaz de conter a oferta de Deus de Si mesmo.”⁴⁸⁸

Se também é na experiência quotidiana que podemos e devemos procurar a experiência de Deus, convém deixarmos algumas observações. Rahner é da opinião que essas experiências mundanas, que nos abrem para Deus, costumam ser experiências em que o sujeito, transcendendo-se, chega ao limite de si mesmo, tocando aí a orla desse “mais além”. São ao mesmo tempo experiências de finitude e de uma certa superação dessa finitude, onde, graças a essa elevação se entra em contato com o Absoluto que tudo alberga e toma-se consciência de uma outra Presença. Falamos, por exemplo, de momentos que colocam o homem diante de perguntas radicais, sejam eles gozosos ou dolorosos, momentos como o de tomar uma decisão movido somente pela voz da consciência, que sem se saber explicar, acaba por se impor, momentos como um ato de generosidade onde já não havia vontade para isso, momentos como o do perdão quando nos parecia impossível perdoar, momentos de uma confiança que não se encontra apoiada em nada de mundano ou de nós mesmos, momentos onde aparentemente nada se tem e é-se capaz de repartir “algo”, momentos de assombro, admiração ou espanto perante o esplendor, a harmonia do real e a beleza que nos rodeia. São experiências limite, onde nos descobrimos habitados ou envolvidos por algo que não nos pertence e não dispomos.⁴⁸⁹

Ainda que com o mesmo foco quotidiano, Xavier Zubiri aprofunda a questão de forma um pouco diferente. Para o autor, não devemos apontar para experiências de Deus no meio da vida, mas antes entender a vida em si mesma como experiência, ou seja, vivida

⁴⁸⁷ Cf. J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 66-69; Cf. A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 106-107.

⁴⁸⁸ “enlarge the heart until it is capable of containing God’s gift of himself.” (MOTHER TERESA, *Total Surrender*, Servant, Ann Arbor, 1985, 68 cit. in K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 87.)

⁴⁸⁹ Cf. J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, 98-99; Cf. J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, 69-70.

“divinamente”, à luz de Deus, numa consciência consentida de uma proximidade de Deus que tudo fundamenta, mesmo quando disso não temos percepção. O importante a reter é que Deus Se dá a experimentar em toda a realidade, e ainda que momentos mais extraordinários possam suceder, partem sempre de um quotidiano vivido à luz de Deus. É esse mesmo quotidiano, na forma como o sujeito assume a vontade de Deus, concretizada sobretudo no amor por Ele e pelos irmãos, que acaba também por ser o grande critério da validade e base desses momentos ditos extraordinários.⁴⁹⁰

Como vemos, a grande dificuldade de enumerar lugares privilegiados para encontrar Deus e experimentá-Lo está no fato de que, ao limite, não existe lugar, acontecimento ou circunstância onde Deus não Se possa dar a experimentar.⁴⁹¹ Ainda assim, Panikkar arrisca elencar nove hipóteses onde essa possibilidade é mais notória: o amor, o tu, a alegria, o sofrimento, o mal, o perdão, os momentos cruciais da vida, a natureza, o silêncio.⁴⁹² Numa outra obra, realça o mal e o silêncio.⁴⁹³

Não é nosso intuito aprofundar, até porque a dimensão da nossa investigação não o permite, a validade do que sugere Panikkar. Também sabemos que haveria muito mais a assinalar acerca da experiência de Deus. Apenas procurámos expor algumas ideias que ajudassem a demonstrar uma fé que se deseja “real” e “experimentável”, e afastar-nos um pouco de uma possível lógica da relação com Deus demasiado abstrata. Uma coisa é certa, o mesmo anseio de coração que havia no tempo de Jesus habita hoje o coração do homem contemporâneo: “queremos ver Jesus.” (Jo 12, 21) E hoje, como nunca, é fundamental apresentar a sua possibilidade. Sim, Deus é mistério e a Sua aproximação é sempre um caminho noturno. Deus não é um problema que se resolve com uma resposta fechada, mas é mistério que nos envolve e nos habita na maior profundidade. Quem deseja experimentá-Lo

⁴⁹⁰ Cf. X. ZUBIRI, *El hombre y Dios*, Alianza Editorial - Sociedad de Estudios y Publicaciones, Madrid, 1984, 325-345.

⁴⁹¹ Cf. J. MARTÍN VELASCO, “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, 94-98.

⁴⁹² Cf. R. PANIKKAR, *Iconos del misterio: La experiencia de Dios*, Ediciones Península, Barcelona, 1999, 115-165 cit. in A. PALMA, *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, 106, nota de rodapé 61.

⁴⁹³ Cf. R. PANIKKAR, *La experiencia de Dios*, 77-94.

deve estar preparado a largar-se num caminho de infinitas interrogações e a assumir os inúmeros paradoxos que compõe a realidade.

Joseph Ratzinger recorda um momento curioso na vida de João Batista. O profeta, que até encorajou os seus discípulos a seguirem Jesus, não deixou de experimentar um certo momento de “escuridão”. Para o autor, vemos isso na pergunta que dirige a Jesus: “És Tu o que está para vir ou devemos esperar outro?” (Lc 7, 19) És mesmo Tu? É a pergunta que sempre atravessa o interior de todos os que se colocam à busca de Deus.⁴⁹⁴ Mais curioso ainda, é que Jesus não oferece uma resposta fechada à interpelação que Lhe é dirigida mas encaminha o olhar do seu interlocutor para tudo o que compõe a realidade⁴⁹⁵, como sendo esse terreno fértil para perscrutar a ação e presença de Deus.

Madre Teresa parece ter compreendido perfeitamente isto. Sem qualquer apoio sensível da presença de Deus, durante a sua noite de fé, e vivendo o que para muitos seria a prova da impossibilidade da experiência de Deus, não deixou de proclamar a proximidade de Deus: “Procurar o rosto de Deus em tudo, em todos, em qualquer lugar, em qualquer momento, e vislumbra a Sua mão em cada acontecimento – é isso a contemplação no coração do mundo.”⁴⁹⁶

⁴⁹⁴ Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, 56.

⁴⁹⁵ “Ide referir a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é anunciada a boa nova.” (Lc 7, 22)

⁴⁹⁶ “Seeking the face of God in everything, everyone, everywhere, all the time, and seeing His hand in every happening – that is the contemplation in the heart of the world.” (MOTHER TERESA, *In the heart of the world: Thoughts, stories and prayers*, Barnes & Noble, New York, 1997, 41 cit. in K. WALTERS, *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, 84.)

CONCLUSÃO

Santa Teresa de Calcutá é e sempre será um nome incontornável na história da humanidade. É impossível ficarmos indiferentes a todo o seu percurso de vida. É como se a proximidade com esta figura nos lembrasse que também nós, todos e cada um, somos chamados a uma radicalidade de vida, unidos a Deus e entregues aos outros. Chega a ser paradoxal pois se por um lado a magnitude dos acontecimentos de Madre Teresa podem contrastar com a pequenez da nossa vida, aparentemente banal, colocando-a num prisma diferente do nosso, por outro lado, não há como não sentir uma estreita proximidade com ela pois há, no nosso íntimo, uma certa atração a viver os mesmos passos daquela mulher. A verdade é que a busca pelo sentido da vida é tantas vezes marcada pelo desgaste e a dispersão do dia-a-dia que o embate com a vida de Madre Teresa, os seus passos, os seus gestos, as suas decisões, as suas palavras, as suas dificuldades, a sua fé, encham-nos de frescura, de alívio e do entusiasmo de quem descobre um tesouro, que não é menos que a verdade profunda da nossa existência. Assim são todas as vidas que se identificam por completo com Cristo. Tal como a própria Madre Teresa repetia, nem todos seremos iguais ou faremos as mesmas coisas, mas juntos poderemos fazer algo muito bonito para Deus.

Durante a infância, Madre Teresa foi deixando crescer e amadurecer o desejo de partir em missão. De facto, haveria de ingressar nas Irmãs de Nossa Senhora do Loreto, entregando a sua vida como religiosa e cumprindo assim o seu sonho. Uma vez em Calcutá, a vida que levava como professora no interior do belo Convento era fonte de imensa alegria mas a enorme pobreza que sabia existir no exterior não deixava de a interpelar. A par disso, foi avassalador o que relatou como o chamamento dentro do chamamento. Deus queria mais de Madre Teresa, indicando que o seu lugar era fora dos muros do Convento, entre os mais pobres dos pobres. Os frutos deste pequeno passo solitário mas cheio de confiança para lá do portão em direção ao “caos” de Calcutá haveriam de alcançar o mundo inteiro. A nova

congregação que fundaria, as Missionárias da Caridade, e o espantoso trabalho que faziam com os mais esquecidos da Sociedade, cedo chegaria a outras cidades da Índia e de muitos outros países.

É verdade que foi este trabalho no terreno que tornou Madre Teresa reconhecida em todo o mundo mas, não menos impressionante, foi aquilo que não esteve tão à vista de todos: o seu percurso espiritual. Aliás, aquilo que compreendemos é que onde ficamos realmente a conhecer Madre Teresa é a partir deste acesso à sua interioridade, motor de tudo o resto. Acima de tudo, a sua experiência é um “lugar” de grande contraste, entre os anos de grande luminosidade, de quem sabe e experimenta que Deus está muito próximo, e os longos anos, quase cinquenta, de enorme escuridão em que experimentou a ausência e o silêncio de Deus.

O que nunca mudou foi o seu enorme amor por Jesus, eixo fundamental de todas as dimensões da sua vida. A marca da esponsalidade era de tal maneira sentida, que os seus escritos revelam como que uma grande ansiedade para estar cada vez mais unida ao seu Amado. Foi essa mesma intensidade que a levou a fazer um voto secreto de nada recusar a Deus. Mais tarde, veio a cumpri-lo, ao obedecer ao pedido de Deus de mudar de vida. Porventura, esta terá sido a fase onde a presença de Deus foi mais sentida e percecionada e, nesse sentido, a mais luminosa. Madre Teresa relatava mesmo que era uma Voz que lhe falava.

A surpresa dos anos que se seguiram constituiu o foco central da nossa dissertação. O repentino “desaparecimento” de Deus é fonte de enorme perplexidade e dor na vida de Madre Teresa. De um momento para o outro, precisamente quando avança para o desconhecido das ruas de Calcutá, deixa de percecionar a presença do seu grande e único amor, d’Aquele que estava na raiz de todas as suas decisões, especialmente esta de abandonar o Loreto e fundar uma nova Congregação. Mas aquilo que recebe de volta dos seus gestos de amor para com Jesus é silêncio e escuridão. Apenas podemos imaginar a falta de sentido e o grau de abandono e solidão que Madre Teresa experimentou.

Contudo, a partir da chave da Paixão, a de Cristo e a de todos os pobres de Calcutá a quem Madre Teresa se propunha servir totalmente, é possível ultrapassar uma visão de contraste para passarmos a ver na vida interior de Madre Teresa algo de profundamente harmonioso e com sentido. Só passados longos anos é que Madre Teresa compreendeu que a escuridão que sentia era fruto de uma graça de amor concedida por Deus: a possibilidade de viver a mesma escuridão que Jesus experimentou na Sua Paixão. E aí, paradoxalmente o que poderia parecer uma separação ou um momento de purificação é antes uma intensificação da união de amor entre Jesus e Madre Teresa. O vazio e a escuridão são exatamente a “prova” da união e enorme identificação que Madre Teresa tinha com Jesus.

Por outro lado, Madre Teresa foi também chamada a estar identificada com a escuridão dos pobres que servia, realidade onde o mistério da Paixão de Cristo também se “repete”. Vivida na sua vida interior a mesma sede de amor que identificava nos mais pobres dos pobres. Sim, Madre Teresa era mendiga do amor de Deus que simplesmente não percecionava, e isso colocava-a em profunda comunhão com a escuridão de cada pobre.

Se neste momento recordarmos o chamamento de Deus a Madre Teresa para abandonar o Loreto verificaremos, com facilidade, as referências constantes à Paixão de Cristo.⁴⁹⁷ Já era possível, em certo sentido, prever o percurso interior que Jesus reservava a Madre Teresa. O paradoxo de se sentir abandonada e esquecida quando na verdade vivia o momento de maior comunhão com Jesus fez também dela um testemunho singular do amor verdadeiro e radical, livre de qualquer consolação e, ainda assim, fiel até ao fim, tal como Jesus na Sua Paixão. Por incrível que pareça, podemos afirmar que a escuridão foi a grande fonte para a luz que irradiava de Madre Teresa. A identificação profunda com Jesus e com a Sua escuridão tornou-a instrumento singular do Seu amor e da Sua luz.

⁴⁹⁷ Como vimos anteriormente, quando Madre Teresa se refere ao chamamento de Deus para fundar a nova Congregação são várias as referências que faz ao mistério da Paixão, como a necessidade de saciar a sede de Jesus na Cruz e essa ser a razão de ser das Missionárias da Caridade. Refere também, por exemplo, que é o próprio Jesus que insiste na necessidade de freiras com a marca da Paixão, vítimas do Seu amor.

Chegado a este ponto do nosso trabalho, sabíamos que era fundamental garantir uma maior robustez às conclusões alcançadas. Tal foi possível com o pensamento de Hans Urs von Balthasar. A partir da sua obra pudemos fazer uma leitura ainda mais aprofundada da noite de Madre Teresa como sendo a noite do próprio Jesus. Com efeito, não nos bastava afirmar essa identificação entre Jesus e Madre Teresa mas tínhamos de demonstrar teologicamente que a noite de Jesus, ou seja a experiência do abandono de Deus, do Seu silêncio, da Sua ausência, foi uma realidade central do mistério pascal.

Quando Balthasar se refere ao mistério pascal parte de duas ideias capitais. A primeira, refere-se ao facto de identificar na Páscoa o momento onde se dá a extrema solidariedade de Deus com a sua humanidade, que assume até às últimas consequências o nosso lugar decaído para nos libertar de volta à plena comunhão Consigo. A segunda ideia é de que o dinamismo da *kénosis*, do esvaziamento de Si, faz parte da identidade de Deus. O Filho que se esvazia da Sua condição divina para reerguer a humanidade é reflexo do próprio mistério de Deus.⁴⁹⁸ É a partir destes dois princípios que o autor explica o facto de Jesus acabar por experimentar tudo o que no mundo há de disforme, de imperfeito e de escuridão na humanidade.

Hans Urs von Balthasar tem um olhar sobre a obra da redenção reconhecendo que o Filho tem de atravessar todo o tipo de trevas para as vencer. Mas essas trevas não se ficam pela própria morte mas implicam também a experiência do abandono divino. Ou seja, grande parte da salvação acontece na interioridade de Cristo. Ao carregar o pecado do mundo experimenta em Si aquilo que o pecado sempre origina, o distanciamento de Deus. Nesta linha, é fundamental a teologia que o autor desenvolve em torno do Sábado Santo, como sendo o momento onde este mistério ganha a sua maior densidade. Jesus não desce aos infernos como um ato triunfante do Seu resgate mas prossegue o Seu caminho de esvaziamento. Segundo o autor, no Sábado Santo Jesus experimenta o “estar morto” com os

⁴⁹⁸ O Pai esvazia-Se gerando o Filho. O Filho responde, esvaziando-Se por toda a eternidade, mediante a Sua Paixão, num ato de obediência amorosa ao Pai. Desta reciprocidade procede o Espírito Santo.

defuntos. Trata-se, portanto, de uma segunda morte onde, acima de tudo, cessa toda a atividade e reina a total passividade da perdição. Nesse momento, Jesus apenas experimenta a solidão e o silêncio absoluto do Pai. Mas só atravessando estas trevas derradeiras poderia Jesus resgatar a humanidade.

Com Hans Urs von Balthasar procurámos e pensamos ter conseguido mostrar que Madre Teresa é chamada a viver este mesmo mistério da noite interior de Jesus que se prolonga até ao Sábado Santo. É a noite de Jesus a acontecer em Madre Teresa que pode ser validamente definida como noite reparadora pois Madre Teresa vive em si o acontecimento da redenção, operado por Jesus. Aliás, como vimos anteriormente, a própria repetia várias vezes que a ideia de estar no inferno era o que melhor descrevia aquilo que sentia no seu interior.

Depois de um caminho de aprofundamento da noite de Madre Teresa procurámos, num último momento da dissertação, demonstrar que a sua experiência espiritual pode tocar e iluminar a de muitos contemporâneos. Não há dúvida que a noite que atravessa tem contornos muito específicos, e não podemos ser simplistas nas comparações, mas também não há dúvida de que o homem contemporâneo parece identificar-se profundamente com esta ideia de um Deus oculto, silencioso, ausente. Tudo dinamismos que podemos incluir, numa visão ampla, na noção de noite.

O que procurámos apresentar é que este diagnóstico contemporâneo não significa que existem hoje maiores impedimentos à fé mas vemos antes como uma oportunidade para entrar em contacto com a fé verdadeira. Não é o mais acertado colocar a experiência de Deus sob o prisma da clarividência. Os momentos em que Deus não é percebido ajudam-nos a relembrar quem Deus é e a reconhecer o Seu carácter absolutamente transcendente. Estes pressupostos permitiram-nos também ensaiar um diálogo com o ateísmo, no sentido de vermos nesta mesma experiência da noite aquilo que acaba por levar muitos a negar a existência de Deus. Face a isso, o que procurámos afirmar, é que nesses casos o ateu faz, de facto, uma experiência verdadeira. O que, a nossa ver, a torna uma verdade incompleta é que

pressuporem que a existência de Deus esteja somente ancorada em dinamismos sensíveis. Mas isso seria como que afirmar que Deus é mais um objeto entre outros deste mundo que atestamos com os nossos sentidos.

A nosso ver, a noite é uma experiência inevitável para quem deseja fazer um caminho rumo a uma fé madura, aquela que aprende a conviver com o mistério que não controlamos e que sempre nos ultrapassa. A noite espiritual, nos seus variados graus, purifica as caricaturas de Deus e permite essa fé pura de quem se abandona no infinito mesmo sem sentir. A noite é essa provocação para que o Homem não limite a experiência e a realidade apenas àquilo que se pode ver e tocar.

Por isso mesmo, podemos apontar para a experiência de Deus como algo não só possível como essencial, mesmo que ela venha a dar-se numa maior profundidade que as restantes experiências. Mas é preciso abraçar o terreno paradoxal de afirmar um Deus ausente, na medida em que não se confunde com os inúmeros objetos deste mundo, e ao mesmo tempo afirmar um Deus próximo, na medida em que somente através dessa mediação mundana é que viremos a experimentá-Lo. Ou seja, a experiência de Deus e a descoberta da Sua proximidade não deve ser procurada em momentos extraordinários, quase à margem da realidade, mas precisamente por meio de tudo o que experimentamos.

Procurámos apontar para alguns dinamismos que colocassem o ser humano em condições favoráveis para essa experiência divina. Daqueles que referimos realçamos a oração, a experiência do amor e situações em que a pessoa é chamada a transcender-se. Contudo, nenhuma realidade criada impossibilita o acesso a Deus. E como dissemos, estes são dinamismos que a tornam propícia mas não garantem automaticamente a percepção de Deus. Eles colocam-nos nesse terreno fértil mas igualmente misterioso. Lembremos que estando nós a falar de Deus deve também existir uma certa passividade salutar de quem tem consciência de que, acima de tudo, é Ele que nos encontra pois é Ele que nos envolve. Porventura, a

melhor maneira para descobrir a proximidade de Deus é “simplesmente” deixar que Deus Se aproxime de nós.

Em jeito de conclusão, e manifestando a enorme alegria que foi percorrer este caminho de investigação, resta-nos reconhecer que talvez fique por explorar de maneira mais aprofundada este campo da experiência de Deus de maneira a sistematizá-lo melhor. Mas ainda nesse âmbito talvez tenha ficado por investigar o lugar da dimensão eclesial e comunitária neste acesso a Deus. Ou seja, trazer para a investigação em que medida é que muita da frustração na percepção de Deus não seja fruto de uma busca meramente individualista.

Nesta largura de olhar de quem observa o homem contemporâneo e as suas lutas, não há dúvida que Madre Teresa de Calcutá é uma referência. Ela soube percorrer o paradoxo que tantas vezes constitui a existência. É difícil imaginar alguém que tenha sentido tão de perto a dor de não encontrar Deus, de não senti-Lo próximo. Contudo, diante do drama, sempre proclamou a proximidade de Deus, descobrindo nas camadas mais profundas, para lá do sentimento, a Sua presença constante. Num mundo que atravessa tempos confusos, com a tendência de se buscar respostas rápidas para tudo, com o crescimento até de certos fundamentalismos, tornam-se cruciais testemunhos como o de Madre Teresa de Calcutá, alguém que soube conviver com os cinzentos da vida, com as noites, com as não-respostas, com o mistério. Há uma paz que ilumina quando baixamos as defesas para simplesmente reconhecer que, diante da pequenez do que somos, é certo que nem sempre conseguiremos ver tudo, que nem sempre conseguiremos ter o total controlo das nossas buscas. Esse lugar é o de Deus. Aceitemos o nosso lugar e abracemos as noites quando elas chegarem. Se assim for, revelar-se-ão apenas como um convite para uma luz maior.

BIBLIOGRAFIA

I – FONTES

1. Bíblicas

BÍBLIA SAGRADA, 5ª Ed., Difusora Bíblica, Lisboa, 2008.

II – ESTUDOS

1. Estudos sobre Madre Teresa de Calcutá

ALLEGRI, R., *A Mãe de Calcutá – Madre Teresa*, Editorial A. O., Braga, 2016.

ALMEIDA, J. C., *O Milagre de Teresa*, Planeta Manuscrito, Lisboa, 2016.

ARRIBAS SÁNCHEZ, P., *Teresa de Calcutá – Profeta da Paz*, Editorial Lumen, Alpiarça, 1997.

DEBIASI, E. (Coord.), *A verdadeira fisionomia dos Santos – Doze Santos indicam caminhos para Deus*, Fundação AIS, Lisboa, 2010.

DOS SANTOS, J., *Madre Teresa de Calcutá*, Editorial Missões Cucujães, Cucujães, 1995.

GAETA, S., *Madre Teresa – Il segreto della santità*, Edizioni San Paolo, Milano, 2016.

GJERGJI, L., *Madre Teresa: Prima biografia completa*, Editoriale Jaca Book, Milão, 1983.

GONZÁLEZ-BALADO, J. L., *Madre Teresa do mundo inteiro*, Paulus Editora, Apelação, 2002.

GONZÁLEZ-BALADO, J. L., *Madre Teresa dos pobres mais pobres*, Edições Paulistas, Lisboa, 1983.

GONZÁLEZ-BALADO, J. L., *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*, Editorial Franciscana, Braga, 2003.

KOLODIEJCHUK, B., *El alma de la Madre Teresa*, <http://colaboradores.org/palabras/PartePrimeraElAlmaDeLaMadreTeresa.htm>, acesso em 13 de Março de 2018.

- KOLODIEJCHUK, B. (Ed.), *Madre Teresa: Vem, sê a minha Luz*, Alêtheia Editores, Lisboa, 2008.
- MAASBURG, L., *Fioretti de Mère Teresa*, Éditions de L'Emmanuel, Paris, 2010.
- MOTHER TERESA OF CALCUTTA CENTER, *Mother Teresa of Calcutta: biography*, <http://www.motherteresa.org/biography.html> , acesso a 28 de Dezembro de 2017.
- MUGGERIDGE, M., *Something Beautiful for God*, HarperCollins Publishers, Noida, 2009.
- MURRAY, P., *I Loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Revealed*, Paraclete Press, Brewster, 2017.
- SPINK, K., *Madre Teresa de Calcutá – Missionária da Caridade*, Editorial A. O. e Edições Loyola, Braga, São Paulo, 1984.
- WALTERS, K., *St. Teresa of Calcutta – Missionary, Mother, Mystic*, Franciscan Media, Cincinnati, 2016.
- WATTS, G., *Mother Teresa – Faith in the Darkness*, HarperCollins Publishers, Noida, 2009.
- ZAMBONINI, F., *Madre Teresa – A mística dos últimos*, Paulinas, Prior Velho, 2005.

2. Outros Estudos

- AA. VV., *El problema de Dios, hoy*, Sal Terrae, Santander, 2012.
- AA. VV., *Experimentar Deus hoje*, Editora Vozes, Petrópolis, 1974.
- AGOSTINHO DE HIPONA, SANTO, *Confissões*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2001.
- BALTHASAR, H. U. VON, *Mysterium Paschale in Mysterium Salutis*, III/6, Editora Vozes, Petrópolis, 1974.
- BALTHASAR, H. U. VON, “O mistério da descida aos infernos: reflexão teológica”, *Communio* 29 (2012) 165-178.
- BALTHASAR, H. U. VON, *Teodramática: 4. La accion*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1995.

- BALTHASAR, H. U. VON, *Teologia da História*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010.
- BENTO XVI, *Audiência geral de 7 de Março de 2012*, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120307.html , acesso em 31 de Maio de 2018.
- BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, in *AAS* 98 (Martii 2006) 217-252.
- BENTO XVI, *Meditação na veneração do Santo Sudário a 2 de Maio de 2010 no decurso da visita pastoral a Turim*, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100502_meditazione-torino.html , acesso em 9 de Maio de 2018.
- CANTALAMESSA, R., *Mother Teresa: “the night” accepted as a gift*, <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/164985%26eng%3Dy.html> , acesso em 14 de Junho de 2018.
- CHESTERTON, G. K., *Ortodoxia*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1958.
- DE FIORES, S., “Espiritualidad contemporánea”, in DE FIORES, S., GOFFI, T. (Dir.), *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 454-475.
- DE SALVADOR, L., *Who killed Gandhi?*, Bertrand, Lisboa, 1964.
- DUPUY, M., “Nuit” in *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome XI, Beauchesne, Paris, 1982, 519-525.
- EGAN, H. D., *Soundings in the christian mystical tradition*, Liturgical Press, Minnesota, 2010, 368-372.
- EGAN, K. J., “Darkness, Dark night” in *The New Dictionary of Catholic Spirituality*, The Liturgical Press, Minnesota, 1993, 247-248.
- FARIAS, J., *Da incerteza à esperança: Ensaio de uma soteriologia narrativa. Uma releitura teológica do motivo da encarnação*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2012.
- FISCHER, L., *Gandhi*, Editorial Aster, Lisboa, 1960.

- FRANCISCO, *Discurso na Cerimónia de Acolhimento e Abertura da JMJ Panamá*, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190124_panama-apertura-gmg.html, acesso em 28 de Agosto de 2019.
- FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 31 in *AAS* 105 (Decembris 2013) 1033.
- GALLAGHER, T. M., *Discernimento dos Espíritos: um guia Inaciano para a vida quotidiana*, Editorial A. O., Braga, 2013.
- GESCHÉ, A., *Dios*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010.
- GUERRA, A., “Experiencia cristiana”, in DE FIORES, S., GOFFI, T. (Dir.), *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, 491-498.
- GUERRIERO, E., *Hans Urs von Balthasar*, San Pablo, Madrid, 2008.
- HALÍK, T., *A noite do Confessor: a fé cristã numa era de incerteza*, Paulinas, Prior Velho, 2014.
- HALÍK, T., *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*, Paulinas, Prior Velho, 2014.
- HALÍK, T., *Quero que Tu sejas! Podemos acreditar no Deus do amor?*, Paulinas, Prior Velho, 2016.
- HALÍK, T., GRÜN, A., *O abandono de Deus: Quando a crença e a descrença se abraçam*, Paulinas, Prior Velho, 2017.
- JIMÉNEZ ORTIZ, A., *Por los caminos de la increencia: la fe en diálogo*, Editorial CCS, Madrid, 1993.
- JOÃO DA CRUZ, SANTO, *Obras espirituais do Doutor Místico São João da Cruz*, Carmelo de São José, Fátima, 1947.
- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Maestro en la Fe*, http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1990/documents/hf_jp-ii_apl_19901214_juan-de-la-cruz.html, acesso em 12 de Maio de 2018.

- KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*, Sal Terrae, Santander, 2013.
- LARRAÑAGA, I., *Mostra-me o teu rosto: O Deus que interpela, incomoda e desafia*, Paulinas, Prior Velho, 2012.
- LÉVINAS, E., *Totalidad e Infinito: Ensayo sobre la exterioridad*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1977.
- LEWIS, C. S., *Vorazmente Teu*, Grifo, Lisboa, 1995.
- MARTÍN VELASCO, J., *El Encuentro con Dios: Una interpretación personalista de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976.
- MARTÍN VELASCO, J., “Hacia una fenomenología de la experiencia de Dios”, in CEBOLLADA, P. (Ed.), *Experiencia y misterio de Dios*, Universidad Pontificia Comillas, San Pablo, 2009, 63-104.
- MARTÍN VELASCO, J., *La experiencia cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 2007.
- MARTINELLI, P., “Mistério Pascal, Sábado Santo e Revelação Trinitária: Considerações sobre uma ideia fundamental de Hans Urs von Balthasar”, *Communio* 27 (2010) 143-147.
- MARXER, F., *Au péril de la nuit: Femmes mystiques du xx^e siècle*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2017, 407-463.
- MESSIAS, T., *O Desejo e a sua Transformação no Seguimento de Jesus – Uma Leitura dos Escritos de Sebastian Moore, O.S.B.*, Paulus Editora, Lisboa, 2017.
- MESSIAS, T., *O extremo do amor: O descensus ad inferos como auge da kénosis crística em Hans Urs von Balthasar*, Trabalho final para obtenção da licenciatura sob a orientação do Prof. Doutor Peter Stilwell, Universidade Católica Portuguesa, 1999.
- PALMA, A., *A Trindade é um mistério: Mas podemos falar disso*, Paulinas, Prior Velho, 2014.
- PANIKKAR, R., *La experiencia de Dios*, PPC, Madrid, 1994, 34-38.

- PORTELLA, R., “Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: Da ciranda entre religião e secularização”, *Revista de Estudos da Religião* 2 (2006), 71-87.
- RAHNER, K., “Espiritualidad antigua y actual”, *Escritos de Teología*, VII, Taurus Ediciones, Madrid, 1969, 13-35.
- RATZINGER, J., *Eschatology: Death and Eternal Life*, The Catholic University of American Press, Washington DC, 1988.
- RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, Principia, Cascais, 2005.
- MELO, L. Rocha e, *Na Pausa do Silêncio – Testamento espiritual, II*, Tenacitas, Coimbra, 2011.
- MELO, L. Rocha e, *Se tu Soubesses o dom de Deus*, Editorial A. O., Braga, 2006.
- RUIZ SALVADOR, F., *Introducción a San Juan de la Cruz: El escritor, los escritos, el sistema*, B. A. C., Madrid, 1968.
- SCHILLEBEECKX, E., “A dolorosa experiência do Deus oculto”, *Colóquios para assinantes da Revista Concilium Concilium* 4 (1966), 1-21.
- SESBOÛÉ, B., *Pensar e viver a fé no terceiro milénio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001.
- ŠTRUKELJ, A., “Hans Urs von Balthasar e Adrienne von Speyr: l’unità di due opere” in FISICHELLA, R. (Ed.), *Solo l’amore è credibile: Una rilettura dell’opera di Hans Urs von Balthasar*, Lateran University Press, Città del Vaticano, 2007.
- VETÖ, E., *Du Christ à la Trinité: Penser les Mystères du Christ après Thomas d’Aquin et Balthasar*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2012.
- VILAS-BOAS, M., “Teresa de Calcutá: O escândalo dos não crentes”, *Communio* 4 (2007) 489-490.
- WEGER, K.-H., “Es possible la experiencia de Dios?”, *Selecciones de Teologia* 127 (1993) 165-171.

WILLIAMS, R., "Dark night, Darkness" in *A Dictionary of Christian Spirituality*, SCM Press, London, 1989, 103-105.

ZALESKI, C., "The dark night of Mother Teresa", *First Things* 133 (2003) 24-27.

ZUBIRI, X., *El hombre y Dios*, Alianza Editorial - Sociedad de Estudios y Publicaciones, Madrid, 1984.

ÍNDICE

Abreviaturas	5
Introdução	6
Capítulo I - A vida de Madre Teresa de Calcutá	12
1. A infância e a vocação religiosa	12
2. Índia: nova pátria	19
3. O chamamento dentro do chamamento	24
4. Em direção aos buracos sem luz	28
5. Gotas de amor no oceano de Calcutá	32
6. Missionárias da Caridade do mundo inteiro	35
7. Servir até ao último momento	39
Capítulo II – O percurso espiritual de Madre Teresa de Calcutá	44
1. A luz de um Deus presente/próximo	45
1.1. Infância e Loreto	45
1.2. O voto secreto de 1942	47
1.3. O chamamento de 1946 e o crescendo de consolações	50
1.4. As sombras já existentes	54
2. A noite de um Deus aparentemente ausente	57
2.1. Estado da questão	58
2.2. A escuridão vivida	60
2.3. O sentido da sua escuridão	70

Capítulo III – A noite de Madre Teresa de Calcutá à luz do pensamento de Hans Urs von Balthasar	80
1. A relevância de Hans Urs von Balthasar	82
2. A noite pascal de Jesus segundo Hans Urs von Balthasar.....	88
3. Madre Teresa de Calcutá e Hans Urs von Balthasar	99
Capítulo IV – A noite de Madre Teresa de Calcutá: Luz para as noites do Homem contemporâneo.....	105
1. A noite de Madre Teresa de Calcutá: experiência universal	106
2. O “ateísmo” de Madre Teresa de Calcutá.....	114
3. A proximidade de Deus	122
Conclusão	136
Bibliografia.....	143